

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 9 DE JANEIRO DE 1969 N.º 16 543 ANO 48.º UM ESCUDO

ESPECTACULAR
SORTEIO DE 20
AUTOMÓVEIS OPEL
Concurso PHILIPS
TRIUNFO DA TÉCNICA



D. HELDER CÂMARA entrevistado pelo «Diário de Lisboa»

NAS SUAS DIGRESSÕES pelo Brasil, de que temos dado conta diariamente, o nosso redactor Joaquim Letria esteve no Recife (Pernambuco) com o discutido arcebispo D. Helder Câmara. Deste encontro nasceu uma entrevista (que publicaremos amanhã) cujo interesse e oportunidade é desnecessário encarecer.

ISRAEL TEM A BOMBA ATÓMICA OU TÊ-LÁ-Á EM BREVE

— SEGUNDO A N. B. C.

NOVA YORK, 9 — (F. P.) — Israel, que se lançou há dois anos num programa acelerado para conseguir armas nucleares, possui já uma bomba atómica ou tê-la-á muito em breve — afirmou ontem a cadeia de televisão norte-americana N. B. C., no seu noticiário da noite.

Israel estará na posse, muito provavelmente dentro de três anos, do equipamento necessário para lançar bombas atómicas, — acrescentou a N. B. C., a qual revelou que os serviços de infor-

(Continua na 14.ª página)

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO
PELA CENSURA



O industrial italiano Gianni Agnelli, uma das vítimas escolhidas por uma Associação de «Raptos Anónimos». (Ler na pág. 15)

ELEIÇÕES GERAIS NA TAILÂNDIA EM FEVEREIRO

BANGKOK, 9 — (R.) — O Governo da Tailândia proibiu a propaganda eleitoral na Rádio e na Televisão aos candidatos às eleições gerais do próximo mês. Há dez anos que não havia eleições gerais na Tailândia.

Segundo o director-geral adjunto das Relações Públicas, dr. Wit Siwasiriyonond, a proibição foi decidida porque um dos candidatos empregou linguagem abusiva e fez ataques pessoais contra os adversários numa emissora da província de Saraburi.

EMBARAÇOS DO GOVERNO PARA AUMENTAR OS SALÁRIOS SEM DESEQUILIBRAR O ORÇAMENTO NEM AGRAVAR O CUSTO DE VIDA

— SÍNTESE DA COMUNICAÇÃO
DO PROF. MARCELLO CAETANO

O Presidente do Conselho fez ontem à noite (22 horas) uma comunicação ao País sobre problemas do Governo, transmitida simultaneamente pela Televisão e pela Rádio, e cujo texto é o seguinte:

Pareceu-me conveniente que, sobretudo no período que estamos a viver, houvesse possibilidade de contactos frequentes entre os que têm a responsabilidade do Poder e o comum dos portugueses.

Nem sempre as circunstâncias proporcionam ao Chefe do Governo oportunidade para, num discurso, esclarecer o seu pensamento ou elucidar o público sobre problemas correntes ou objectivos a atingir.

Mas os actuais meios de comunicação permitem conversar directamente com as pessoas, sem formalismo, sem solenidades, sempre que seja julgado oportuno ou necessário.

É essa conversa em família que vou tentar estabelecer de vez em quando através da Rádio e da Televisão.

No final de Dezembro foi aprovado, nos termos constitucionais, o Orçamento Geral do Estado para 1969.

Como se sabe, o Orçamento é um dos documentos fundamentais do Governo. Nele são fixadas as despesas que os serviços ficam autorizados a fazer durante o ano seguinte e calculadas as receitas que se prevê virem a ser cobradas.

Não se deve gastar mais que o estabelecido, salvo se

(Continua na 8.ª página)



DEPOIS DO FRIO, VEIO A CHUVA

A chuva que esta manhã caiu sobre Lisboa trouxe mais uma vez o problema das inundações (não muito grandes) em vários pontos da cidade (não muito felizes). Na Estrada de Benfica uma jovem de 17 anos, já inanimada, foi salva por um bombeiro no rés-do-chão inundado da sua residência. (Ler na página central)

O PROBLEMA DAS AJUDAS DE CUSTO DOS SERVIDORES DO ESTADO

— OBJECTO DE UMA INTERVENÇÃO NA SESSÃO DE HOJE DA ASSEMBLEIA NACIONAL

Na Assembleia Nacional foi hoje apresentado, na ordem do dia, o aviso prévio do deputado por Moçambique, dr. Manuel Henriques Nazaré, sobre a difusão da língua portuguesa naquela província ultramarina.

Antes daquele período, o dr. Teófilo Frazão, do círculo de Beja, usou da palavra para se referir a dois diplomas de Dezembro último, referentes ao ajustamento das ajudas de custo dos servidores do Estado. E afirmou:

«Não nos sentíamos bem em consciência no silêncio duma medida há tanto tempo reclamada, e em promessa, tão incidente no viver de muitos serventários do serviço público, e cuja concepção agora a lume, inteligente na verdade, e até lógica no seu critério, nos causou, no entanto, a maior estranheza, pelo agravo que traz ao réditio da quase totalidade daqueles a quem se dirige, com a pretensão manifestada de ser extremamente benéfica.

«Realmente não fazia sentido que ainda estivessem em vigoração uma lei e uma tabela com 13 anos de vigência, quando é certo que neste largo espaço de tempo se verificou um alteamento exagerado do custo de vida, que ameaça não parar. Impunha-se de facto, e o Governo assim o entendeu, e bem, que as ajudas de custo fossem ajustadas, mas em marcado acréscimo. O boato posto a correr, não sabemos como, e espalhado largamente, de que essa ajuda de vida viria com um aumento de quarenta por cento, era favor grande para os funcionários com direito à sua percepção; daí fazer-se muita conta, que ao fim e ao cabo se gorou, caindo-se em desilusão sem conta! Se isto não tivesse sido, certamente que daí resultava uma franca melhoria para as famílias a realizar, por interesse maior pelo trabalho desenvolvido.

«Mas tal não sucedeu, e antes pelo contrário, o acréscimo anunciado transformou-se, para quase todos, num decréscimo pronunciado. O aumento efectivamente concedido só aproveitava aqueles que, sendo os de menos, percebem ajudas de custo em permanência de acção fora da sua sede, às vezes por muito alargado tempo. Mesmo os funcionários com responsabilidade de chefia, obrigados a deslocações frequentes, mais ou menos demoradas, pouco beneficiam — 4 ou 5 % quando muito — do ajustamento ora considerado. Todo o resto do pessoal, que é o de mais, e exactamente o de maior debilidade económica, para o qual conta a mais ínfima milhã, sofre agora uma am-

putação séria na verba das suas ajudas, que não erraremos mesmo nada se estimarmos entre 15 a 20 %, e para cima. E o pior é que dando-se ajuda maior aos menos fracos e menor aos mais débeis, isso traz um aumento de encargos para o erário público, que não podemos avaliar por falta de elementos, mas não há de ser muito pouco volumoso, com a agravante, em razão inversa, do desinteresse pe-

O aviso prévio sobre a difusão da língua portuguesa em Moçambique

Iniciando a apresentação do seu aviso prévio, o deputado por Moçambique, dr. Henriques Nazaré começou por dizer:

«É minha opinião que os problemas que nos dizem respeito devem ser postos por nós, ou como crítica, ou como depoimento, para que sejamos nós a resolvê-los. Não concebo que aceitemos as críticas, por vezes deturpadas, feitas por organismos internacionais para tentarmos rebatê-las com argumentos que nunca os chegam a satisfazer».

Reconheceu haver leis promulgadas sobre o problema que ia levantar, mas explicou pretender focar precisamente a falta de eficiência do que está actualmente estabelecido. E acrescentou: «Refiro-me ao problema altamente preocupante, do ponto de vista da unidade nacional, suscitado pelo facto de metade ou pouco menos da população de Portugal não falar, não entender, não saber ler nem escrever a língua portuguesa. Estou pensando nos portugueses africanos que no Ultramar português ainda não tiveram acesso à língua de Camões».

Reconheceu ser este facto, de algum modo, o preço de uma virtude de Portugal, e acrescentou ser sua opinião que «a assimilação dos africanos deve ser hoje absolutamente posta de parte, pois são mais do que evidentes os entraves por ela suscitados à evolução progressiva da sociedade africana».

Aprecia alguns aspectos socio-políticos das relações do negro com a civilização branca, afirmando a certa altura que a aquisição da língua portuguesa representa, só por si, um real e potencial factor de valorização cultural e de revigoramento nacional. E disse depois:

«O conhecimento da língua, das artes, da ciência, da tecnologia devem ser comuns. O que é necessário, acima de tudo, é que os ocidentais estejam aptos a um esforço de imaginação para reconhecer e compreender o carácter específico da cultura africana, que tem a sua raiz na vida. O africano tem uma consciência original das relações do Homem e da Natureza, e um sentido profundo da comunidade. O problema é essencialmente de compreensão humana».

Português — língua de unificação

O dr. Henriques Nazaré disse, mais adiante: «Para a maioria dos territórios portugueses onde coexiste um grande numero de línguas vernáculas, sem o predomínio de qualquer delas o português pode ser considerado como a língua de unificação adminis-

trativa, moral e intelectual». E acentuou depois: «Não é segredo para ninguém que a esmagadora maioria dos portugueses africanos de raça negra não fala nem entende o português.

«É doloroso verificar que, no extenso mato africano, ou mesmo na periferia das povoações, ao português negro e ao português branco está, geralmente, interdito desejarem-se sequer bom dia. O problema, de resto, repete-se com igual acuidade, entre dois negros que falem diversas línguas nativas, com a agravante de que, em regra, a diversidade da língua corresponde à diversidade da tribo, com todas as conseqüências das sequelas no plano das rivalidades tradicionais. Em Moçambique, que eu saiba, há 16 línguas e 85 dialectos. A generalização da língua portuguesa surgiria assim, e, além do mais, como traco de união entre regiões e gru-

pos diferenciados, como denominador comum ou ponto de encontro de culturas tradicionais estancas, como expediente de arbitragem de dissídio e vindictas. A experiência africana dos nossos dias, com as suas secessões ou tentativas dela, sempre caras em sangue humano e, pelo menos, a curto prazo, inúteis, constituem a melhor demonstração dos riscos a que se sujeitam os territórios separados pelo fosso de línguas não comunicantes».

O deputado por Moçambique afirmou seguidamente: «A verdadeira guerra que travamos em África, não é contra inimigos conscientes dos valores portugueses, mas sim contra a ignorância desses valores. Uma ideia, qualquer que seja, só se combate eficazmente com uma ideia melhor. E esse, o sentido último do espírito de evangelização da nossa acção missio-

Aquele deputado terminou por apelar para o ministro das Finanças, pedindo um reajustamento imediato, «que se impõe, que mais não seja mantendo a percentagem de 50 por cento para as deslocações de mais de quatro até doze horas. Terminou dizendo ser preferível que se volte ao estabelecido antes do ajustamento, para estu-

tudo perfeito do problema, a manter-se a situação actual.

FIM DE TARDE EM S. BENTO

• A Assembleia Nacional registou ontem maior presença de deputados: 83. Mas estes parecem pouco dispostos a intervir. Em grupos, conversava-se sobre o custo da vida, dos aumentos dos transportes públicos, dos últimos acontecimentos políticos. Mas no período de antes da ordem do dia houve apenas duas intervenções: a do cônego José Henriques Mouta, deputado por Viseu, que fez uma longa evocação da obra e da vida do Presidente Salazar, e a do dr. Abranches Soveral, deputado por Viseu, que falou das ligações aéreas das regiões do interior com a capital.

• Apenas duas intervenções! Por isso o dr. Soares da Fonseca (que continua a dirigir os trabalhos, devido à doença do prof. Mário de Figueiredo) salientou o facto em publico. Não «como queixume», mas como uma «espécie de convite» aos deputados para que não descurem as intervenções. «E para isso que existe o Parlamento» — acentuou o primeiro vice-presidente em exercício, que desejou que tais intervenções fossem, «todos os dias abundantes, qualificadas e oportunas». Os deputados ficaram silenciosos.

• Na ordem do dia houve certa vivacidade, ao discutir-se, na especialidade, o projecto de lei que reforma o artigo 667.º do Código de Processo Penal. Como unico orador, na discussão na generalidade, o dr. Colares Pereira, deputado por Leiria. Mas, depois, intervieram, para discordar do projecto, o dr. Pinto de Mesquita, e para o apoiar, um dos seus autores, o dr. Tito Arantes. O primeiro queria que se esperasse pelo novo Código. O segundo achava que ele podia demorar anos: «Nada nos assegura que o Código Penal não demore mais cinco ou dez anos a elaborar». Assim, o projecto de lei foi aprovado por grande maioria. Os réus já poderão recorrer das sentenças, sem o perigo de verem aumentar as penas a que foram condenados.

• Ontem, os deputados pelo Porto apareceram em força. A sua ausência foi muito notada na véspera.

nária. E esse ainda o ensinamento a colher do triunfo do cristianismo primitivo em face do super-militarizado império romano. Dizem-me que o factor de aliciação mais usado pelos inimigos da soberania portuguesa consiste na oferta de acessos culturais nos mais exóticos centros de doutrinação subversiva. O português africano, como se sabe, arde em ansia de aprender. E este, hoje, um facto fora de toda a controvérsia.

Depois, sugeriu que a jovem Universidade de Moçambique poderia «encabeçar essa jornada de reaportuguesamento, deixando de ter validade a crítica que é feita de serem as universidades ultramarinas «a cupula de um edifício sem bases». Sugeriu o papel que poderiam também desempenhar as forças armadas e as senhoras do Movimento Nacional Feminino («nem sempre bem orientadas», como acentuou).

DE ONTEM PARA HOJE

OS AGRADECIMENTOS

Tornou-se vulgar hoje em dia o agradecimento e as cerimónias de agradecimento e as inaugurações de melhoramentos tomam grande parte do tempo dos homens públicos. E a parte representativa, a propaganda da obra feita, da obra a fazer e que às vezes fica pelo caminho. E em quantas cerimónias inaugurais se despende mais do que na obra inaugurada e em quantos agradecimentos têm mais brilho e exigem mais tempo e energia do que a medida agradecida! Acentuou ontem o sr. ministro da Educação Nacional que o «agradecimento o transmitiria a quem o merece» e que quanto a ele só podia considerar-se «devedor porquanto a Nação vos deve de dedicação, zelo, trabalho obscuro, quotidiana coragem, disciplina exemplar». Falava na cerimónia em que os professores primários lhe foram agradecer os recentes aumentos de vencimento, aumentos que ultrapassam líquidos os 400 escudos. Pelos professores primários falou o colega Henrique de Almeida, e depois foi o ministro a acentuar o que representam os vencimentos actuais: «O seu nível continua a ser muito modesto, mas a verdade é que em nenhum outro sector de funcionalismo a subida se processou nesta cadência. Não poderia, penso eu, pôr-se em dúvida que dentro da estreiteza das verbas públicas se tem prestado particular atenção a esta classe de servidores do Estado. Não se trata, manifestamente, de favor nascido da generosidade do Governo, ou de um privilégio que se deva explicar pela simpatia que o professor primário sempre tem, aliás, sabido merecer. E, sim, a consequência do progressivo reconhecimento da extrema importância da missão que lhes pertence realizar dentro do quadro geral das actividades do Estado.»

NA MARGINAL

Entre o Dafundo e a Cruz Quebrada, despiستouse o carro conduzido por D. Mery Fátima Barrigana, de 29 anos, moradora em Caxias. Foi esbarrar noutro carro conduzido pela dr.ª D. Maria Helena Pitê Arez, de 46 anos, professora de liceu. Houve burburinho e congestionamento do trânsito. Ao todo sete feridos: a primeira automobilista e seu filho António, de 3 anos, que a acompanhava, bem como a tia da segunda condutora D. Alice da Conceição Pitê, ficaram internados no Hospital de São José.

O CICLISTA E A CAMIONETA

Foi em Verdemi-lho, perto de Aveiro. Seguiu o ciclista sr. Fernando Marques que há tempos emigrara para a Alemanha e viera agora a Portugal passar a quadra natalícia com os seus. Seguiu para a sua residência, na Gafanha da Nazaré, onde tinha mulher e três filhos menores. Veio uma camioneta que o colheu e ao hospital da Misericórdia de Aveiro chegou mais um cadáver. Contava 35 anos.

CAMPANÁRIO DAS LETRAS

Jorge Sena pôs ontem o dedo numa das chagas da vida cultural portuguesa ao falar na S. N. B. A., a convite do Centro Nacional de Cultura, e acentuar como vício estilador das letras nacionais — o criticismo exagerado, o espírito judicativo não construtivo, além das «pequenas disputas de campanário» causadoras dum ensinamento da nossa cultura. Acentuou ainda o perigo do isolamento da nossa cultura, pois que a cultura tem de ser aberta, inteiramente aberta e só se salva pela sua internacionalização. O tema foi abordado por Jorge Sena, agora de novo entre nós, era a «Situação da Cultura Portuguesa no Estrangeiro».

DESORDEM NA AJUDA

Junto à Rua do Cruzeiro, na Ajuda, houve ontem à noite uma desordem de ciganos. Houve tiros e um dos projectéis atingiu na cabeça a cigana Emília Duarte, de 50 anos, moradora na Tr. do Pardal. Recolheu ao Hospital de São José, em estado grave. O mutismo do interveniente na desordem dificulta a acção da P. S. P.



O sr. ministro da Educação Nacional, dr. José Hermano Saraiva, ao receber os agradecimentos dos professores primários que ontem foram ao seu gabinete, por motivo do recente aumento de vencimentos

O Milagre dos Doze

«Eles formaram o elo entre Cristo e a Cristandade. Entretanto, enquanto o Senhor esteve com eles, nem mesmo o mais sensível dos Doze chegou a compreender inteiramente o significado de sua missão. Veja como eles pensavam, como e porque foram escolhidos, e como, quase que imperceptivelmente, receberam a mensagem que transformaria o mundo.

Em SELECÇÕES de Janeiro, distribuição exclusiva da Livraria Bertrand, pode ler este e outros sensacionais artigos.

Contas novas para gente nova
BANCO DO ALENTEJO

APESAR DA CRISE DE PRAGA

A Hungria continua a aplicar uma audaciosa reforma económica

BUDAPESTE, Janeiro — A acreditar-se nos ataques lançados em Agosto e Setembro contra Ota Sik pelos ideólogos de Moscovo, Berlim-Leste e Varsóvia, a reforma por este preconizada em Praga visava reorientar o país para o Ocidente e restaurar o capitalismo no interior. Era quase um sacrilégio falar de «mercado socialista». O país que, depois da Checoslováquia, tinha melhores razões para se sentir o alvo destes ataques era a Hungria, empenhada desde o começo de 1966 numa reforma económica pelo menos tão audaciosa como a da sua vizinha do Norte, senão até mais audaciosa: a maior parte dos especialistas professam ali pontos de vista muito pouco divergentes de Ota Sik. De resto, não é por acaso que Budapeste foi a única capital dos «Cinco» a não se unir aos ataques dos ortodoxos neste ponto.

Muito pelo contrário, a capital húngara comportou-se como se tal campanha lhe não dissesse respeito. Por outro lado, se os representantes húngaros se viram gratificados, na ocasião, com censuras particulares em Berlim-Leste e Varsóvia, e se alguns especialistas soviéticos manifestaram reservas a este respeito, Moscovo nada disse oficialmente. Tudo continua, portanto, como dantes. É certo que os húngaros não têm complexos perante os reformadores checos. Uma das obras de Ota Sik continua a servir de manual de curso na Universidade Económica de Budapeste, mas recorda-se aqui com prazer que a reforma na Hungria não tem «pai» nem «mãe»: é obra de milhares de especialistas. Além disso, como declarou em Setembro o chefe do Governo, J. Fock, houve a preocupação de fazer compreender à «opinião pública internacional», muito em especial à da «comunidade socialista», os objectivos e a natureza da reforma. Por outras palavras, a tese, cara a Kadar, da «dupla responsabilidade» de cada partido — perante o seu próprio povo e perante o movimento comunista — foi tomada em consideração, ainda que, neste caso, sirva principalmente de «guarda-chuva» aos reformadores.

OS RESULTADOS DO PRIMEIRO ANO

Mas são os resultados práticos da economia após um ano de aplicação do «novo sistema» a melhor resposta às críticas dos ortodoxos. Segundo as primeiras estimativas, o aumento da produção industrial será de 7% em 1968, aliás como já fora em 1967, mas nitidamente superior às dos anos anteriores (5,3% em média de 1960 a 1966). A balança do comércio externo será muito mais favorável do que no passado, com o aumento das exportações avaliado em 8% contra 3 a 4% para as importações. E principalmente não se deu nenhuma das temidas desordens. Esperava-se, em geral, fenómenos inflacionistas, ao mesmo tempo que um aumento do desemprego. Ora, pelo contrário, os salários e os preços deram provas de uma notável estabilidade (apenas 3% de subida naquelas e 2% nestes), enquanto os lucros das empresas aumentaram 20% mais do que se previa.

Houve, de facto, uma desvalorização, com a redução

de 25% da cotação do forint oferecido aos viajantes, o que torna a estadia muito agradável para os turistas ocidentais. Mas as repercussões foram nulas nos preços internos. Quanto ao emprego, atingiu, a despeito de uma grande elevação da mobilidade da mão-de-obra, um nível «record»: o número de empregados na indústria aumentou 8,6% durante o primeiro semestre de 1968 em relação ao período correspondente do ano passado, altura em que havia 30% de lugares vagos em Budapeste.

Este quadro necessita de importantes correcções: tendo em conta o excesso de emprego já assinalado, o au-

uma mão-de-obra desocupada e a aparição de uma concorrência nos produtos das indústrias urbanas. Mas outros são no menos, como a regra do «salário médio imposto» introduzida com a reforma no começo do ano. Nos termos desta disposição, que visava prevenir um aumento incontável dos salários, a média a pagar por cada empresa a todo o seu pessoal devia fixar-se num nível determinado em cada caso pela autoridade superior, o qual não podia ultrapassar em mais de 4% o quantitativo de 1967. O resultado foi que o director, que queria aumentar os seus colaboradores mais qualificados, teve de recrutar paralelamente pessoal não qualificado com o único objectivo de distribuir baixos salários e restabelecer a «média». Tal facto explica em grande parte o excesso de emprego actual, e também a diminuição verificada em matéria de produtividade. Como esta regra deve permanecer em vigor até ao fim de 1970, inúmeros especialistas mostraram-se inquietos acerca das possíveis consequências, e entabulou-se debate quanto à eventualidade de uma mudança da legislação sobre este ponto.

AS LOJAS PERTENCENTES A PARTICULARES

A despeito de todas estas formas de lentidão, muitas das quais, de resto, inevitáveis, a reforma não deixou de iniciar a transformação da «paisagem económica». Por exemplo, e sempre com o objectivo de criar uma «sã concorrência» nos produtos da indústria nacional — nomeadamente na indústria de consumo —, foi liberalizada a importação: as monturas dos estabelecimentos de Budapeste, que se encontravam já muito bem sortidas, mostram agora bastantes produtos ocidentais, do «whisky» escocês aos perfumes parisienses. Ainda que estes produtos sejam caros, não deixa o facto, por isso, de lisonjear o consumidor, que na maior

parte dos países socialistas vizinhos só os pode ver nos estabelecimentos «de divisas fortes».

Quanto à lista das profissões autorizadas, foi igualmente elevada, no respeitante ao comércio privado, de 19 antes da reforma para 50 em Abril e 70 em Junho. Nos últimos meses foram concedidas 500 licenças a novos candidatos, o que eleva a 9500 o número de estabelecimentos particulares na Hungria (este número, porém, era de 13 000 em 1957 e de 10 220 em 1961). As grandes empresas foram autorizadas, por sua vez, a mandar executar certos trabalhos a domicílio, se disso tiverem necessidade. No plano social, foi aprovada esta ano oficialmente outra medida que deu lugar a certas controvérsias — o reconhecimento, às organizações sindicais, do direito de veto contra as decisões dos directores contrárias à legislação em vigor ou à «ética socialista».

Em resumo: a reforma continua, com todas as precauções políticas de rigor na circunstância, mas com um «progressismo» que não é maior nem menor do que era antes de 21 de Agosto. A percentagem realmente modesta do comércio com os países desenvolvidos do Ocidente (mais 26%) não será aumentada, e também não será diminuída a despeito dos apelos à «autarquia do bloco socialista» recentemente lançados por Ulbricht. O balanço não poderá ser feito com seriedade antes de três ou quatro anos. Mas a reforma conserva as suas probabilidades de êxito na Hungria, mais do que em qualquer outro país do Leste, graças ao apoio de que goza por parte da direcção política. Em Budapeste espera-se que o panorama envolvente não continue a ser tão desfavorável como é hoje.

DE «LE MONDE» em exclusivo para o DIÁRIO DE LISBOA

Nota do dia

SÓ PARA COMEÇAR...

A QUEM É QUE AGRADARAM as palavras pronunciadas ontem à noite pelo Presidente do Conselho? Quem é que ficou contente com elas? Receamos bem que ninguém. E nisso talvez esteja, afinal, a razão do elogio que lhes possa caber. Queremos dizer nós, porque nos parece que tal lembrança deve estar presente em todos os nossos raciocínios, que os problemas do País são suficientemente sérios e defrontam um momento suficientemente agudo para não haver lugar para música e foguetes. É com essa lembrança presente (desagradável mas necessária lembrança) que é preciso tentar entender o que disse o Presidente do Conselho — e meter-se na pele dele.

Não foi evidentemente um discurso de circunstância, mas uma palestra que pretendeu ser singela e directa, traída talvez nessa intenção pelo tom aqui e ali professoral, que o próprio Prof. Marcello Caetano, aliás, com justo senso crítico, ele próprio adivinhou que fosse sentido e ao que ele próprio ali mesmo de pronto deu resposta. O que, pareceu-nos, foi um exercício apreciável de franqueza e à-vontade que vale a pena praticar; aproximar em vez de distanciar.

Não se lhe chama discurso, mas talvez palestra, ou mesmo «conversa em família», como lhe quis o autor chamar, primeira de uma série que se estabelece como programa de trabalho e de hábitos. É esse carácter que elimina a possibilidade de se dizer que nela tivessem sido mais importantes as omissões do que as referências. Por aquelas de agora ficamos à espera para a próxima, ficando-nos por agora apenas a lembrança do que foi dito e a esperança do que tiver sido pensado para mais além.

Em estilo também de conversa solta retemos nós um ponto que nos parece particularmente importante: sublinhou o Presidente do Conselho o crescimento das dotações orçamentais previstas para educação, este ano à roda dos três milhões e duzentos mil contos (mais setecentos mil que no ano anterior). Como toda a gente tem dito (e nós também) que é aí que se reclama o maior esforço, parece-nos apropriado pôr uma palavra nossa de regozijo que venha coroar as palavras de crítica e apelo que temos repetido.

E agora? E o resto? Não vimos acudir com panos quentes a dizer que Roma e Pavia não se fizeram num dia. Bem desejaríamos ver mais, poderemos ver imediatamente. O imediatamente é que é difícil e havemos todos de compreender que é. Aos que, como nós próprios, tenham sentido o que possa ter havido, uma vez mais, de desilusão para as suas esperanças só resta fazer um esforço capaz de trazer a razão acima das emoções e, ainda uma vez mais, espreitar os resultados que se registam no «Deve» e no «Haver» e tentar interpretar como vai a vida da empresa. Não é um mar de rosas, pois claro que não. Isso tudo, afinal, fecha no mesmo: nós todos pedimos ao Governo o que o Governo nos pede a nós todos, isto é, mais trabalho.

RECTÂNGULOS DA VIDA OS HOMENS RAROS

A vista desarmada aquele homem, ali, parece um indivíduo qualquer, já não muito novo (anda perto dos sessenta), sobre o forte (tem bom apetite), de escura gravata digna e pasta na mão, e isso porque é funcionário numa empresa importante, e gravata e pasta são artigos de primeira necessidade. É um homem raro, e, talvez, embora não faça versos, possamos chamar-lhe poeta, até porque poeta é para muitas pessoas alguém fora da vida. É certo que este a que me refiro nunca publicou livro nenhum, mas isso é secundário. Se todos os poetas tivessem livros publicados... Se todos os versejadores com livros publicados fossem poetas...

Ali está pois um homem — inteligente, diga-se de passagem —, que há muitos anos foi lançado numa corte corrupta, e que, apesar disso, não é cortesão, nem vassalo, nem cronista do rei. A verdade é que nem mesmo se recusou terminantemente a ser qualquer dessas coisas, nem mesmo

nadou contra a corrente. A verdade é que nunca deu porque estava umas tantas horas por dia numa corte, e que para além de certa porta de vidro martelado morava um senhor absoluto que era urgente adular. Flutuou a vida inteira — continua a flutuar — um pouco acima do solo, onde os pés dos homens aderem como ventosas, ignorou sempre os elogios falsos, os panegíricos, as benevolências esperadas e os títulos concedidos em paga de bons serviços. Os outros consideraram-no sempre um pouco parvo,

claro está, e nunca hesitaram em o pisar. E ele, sem reparar em nada de nada. Gostava das pessoas (só as via, como à Lua, do lado luminoso), gostava das coisas, gostava da vida...

Este homem, poeta talvez, é um dos poucos que ainda subsistem, apesar de viverem em ambientes capazes de destruir cientificamente toda a poesia em proveito do dinheiro e do número soberano. Homens que fazem contas como quem sonha, cálculos como quem voa, relatórios como quem ama. Homens assim, cujo coração não se mostra inquinado e cujos olhos bem abertos continuam a ver ali por perto gente clara e inodora, por assim dizer destilada. Gente que obviamente não existe.

Depressa, uma estatística. Quantos homens destes haverá ainda no mundo, neste ano recém-nascido de 1969? É necessário protegê-los, conserva-los porque estão em vias de desaparecer como o okapi e o urso panda. É urgente, ouviram?

por MARIA JUDITE DE CARVALHO



Contas novas para gente nova



BANCO DO ALENTEJO

Brasil, quem és tu?

NORDESTE: AINDA SOB O SIGNO DA SECA

RECIFE (PERNAMBUCO) (por gentileza da VARIG) — Durante seis dias percorri o Estado de Pernambuco na maior extensão que pude dos seus 112 mil quilómetros quadrados. Nele com base aqui no Recife, pude ver a dimensão do drama do polígono (das secas) do Nordeste, observando ainda a Bahia, o Maranhão, em cuja capital estive (São Luís), Ceará (Fortaleza), Paraíba e outras regiões «por onde Deus não andou» como o diz o Nordestino.

O que é o Nordeste? Que significado tem esta palavra aplicada ao Brasil e apresentada a um português?

Se ele alguma vez leu Graciliano Ramos e José de Castro, poderá fazer uma ideia da tragédia existente nesta área vastíssima, caso dramático da América Latina. Mas é mais para quem desconhece os problemas do polígono que eu escrevo, neste momento.

O Nordeste brasileiro estende-se por uma superfície de um milhão e seiscentos mil quilómetros quadrados e tem uma população de cerca de 28 milhões, portanto, três vezes mais habitantes do que Portugal.

Abrange os Estados da Bahia, Pernambuco, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Ceará, Alagoas, e Sergipe. A sua população e área equivalem, aproximadamente, a 12 por cento de todo o Brasil.

Há quem defenda a teoria de que existe mais do que um Nordeste, dado as diferenças de recursos de Estado para Estado. Mas pelo que pude ver, e foi muito, só o minúsculo território de Alagoas (cerca de metade da área de Portugal) é um oásis no meio de tanta desolação.

PERFIL DE UMA REGIÃO

De avião, o Nordeste é uma região plana e castanha, sulcada aqui e ali por longas estradas de macadame, batida por um sol fortíssimo que não encontra sequer a sombra de uma mata. As poucas e isoladas árvores vivas não chegam a ser vistas no conjunto e só descendo-se bastante se podem observar. Por terra, viajando de «jeep» pelo interior, o Nordeste é um mar de poeira amarela, um calor seco e insuportável, algumas vezes de costelas desenhadas sob a pele e ferindo a boca na terra ressequida, em busca das poucas ervas que, por engano, se lembraram de aqui crescer. E milhares e milhares de pessoas andrajosas, magras e torradas, com crianças de barriga e olhos grandes, tornozelos inchados e profundas úlceras purulentas pelas pernas. Gana, mandioca e algum milho são o alimento base, e nas regiões do litoral recorrem ainda ao camarão e ao caranguejo. Sem o dramatismo da seca, ainda se pode ver aqui, ao vivo, as imagens do «ciclo do caranguejo» que José de Castro nos deu num dos seus livros.

Mas vamos a factos, recolhidos no climatizado 19.º andar da sede da Sudene (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) onde passei longas horas de investigação em grossos relatórios, estudos e projectos, trabalho enfadonho que se tornou num prazer só pelo ar condicionado que fazia esquecer os 35 graus centígrados que lá fora abafavam o Grande Recife. Eis, em traços rápidos e em jeito sincopado o Nordeste brasileiro, que duzentas mil pessoas deixam anualmente, fugindo da fome, buscando o desconhecido.

(Vi-os empoleirados nos camiões que demandam o Norte e o Sul. Chamam-lhes «Paus de Arara», porque os homens, mulheres e crianças, empoleirados nos taipais, fazem lembrar essa ave, e porque a higiene dos velhos camiões se assemelha ao poleiro das colúridas palradoras).

Em 1956, as cidades nordestinas albergavam 460 mil desempregados. Hoje, os desocupados são 10 por cento da população urbana e o seu total atinge um milhão e cem mil pessoas, o equivalente à população total do Recife.

Três quartos dos trabalhadores nordestinos continuam ganhando menos que o salário mínimo legal. Com um salário de 80 novos cruzeiros (720 escudos, aproximadamente) o nordestino sustenta, normalmente, uma família de oito a dez pessoas. (Lembre-se que o custo de vida aqui é muito mais elevado do que em Portugal).

Tudo o esforço de industrialização do Nordeste, que custou muitas dezenas de milhões de cruzeiros, rendeu só 60 mil novos empregos.

Segundo os técnicos, só em 2040 (daqui a 72 anos) será possível dar trabalho a todos os nordestinos. Hoje, segundo a Sudene,

existem ainda, além do milhão e cem mil desempregados, 40 por cento de subempregados, denominação que classifica os que vivem de biscates e expedientes, sem criar novas riquezas regionais.

No Recife, a Sudene apurou que 26 por cento dos chefes de família responsáveis não têm nenhum emprego nem qualquer dinheiro. Dos empregados, 23 por cento recebem menos do que o salário mínimo. Metade destes empregados recebe, em conjunto, seis por cento do total de salários do Recife, enquanto 13 por cento dos assalariados recebem 60 por cento. Este retrato do Recife, feito pela Sudene, pode ser aplicado a qualquer das outras cidades nordestinas.

Apenas 32 por cento dos nordestinos que vivem em cidades têm água encanada e a rede de esgotos serve unicamente um milhão e 50 mil.

Dois milhões e meio de nordestinos não têm casa. Somente 10 por cento dos que procuram assistência médica a conseguem. Em consequência disto, e de outras coisas, de cada mil crianças que têm a infelicidade de nascer no Nordeste, 176 morrem antes de fazer um ano. A taxa de mortalidade infantil no interior chega a atingir as 500, na Paraíba, e 317 em Pernambuco.

Um quinto dos 28 milhões de nordestinos tem entre sete e 14 anos de idade. Destes, vão à escola 43 por cento no Maranhão, 64 por cento em Pernambuco e 50 por cento na Bahia. Três terços dos professores apenas sabem ler.

A REFORMA AGRÁRIA

Recolhi estes dados no conforto do ar condicionado da Sudene, nas suas salas alcatifadas, modernas e funcionalmente mobiladas.

São 20 andares no Recife, cheios de pessoas atarefadas e dinâmicas trabalhando para um «Novo Nordeste». Técnicos e sociólogos conscientes rodeiam o

general Euler Bentes, um militar da «linha dura» da revolução de 1964, que é respeitado por todos e cujo trabalho muito tem beneficiado da sua preparação de engenheiro. Mesmo esquerdistas respeitam o general e reconhecem o trabalho útil que ele está fazendo à frente da Sudene.

É o próprio general que diz: «O mercado nordestino não terá capacidade de absorver a produção da indústria do Nordeste, se algumas medidas de carácter social não forem tomadas. Um dos problemas que mais impede a reforma



um repórter do «Diário de Lisboa»

Joaquim Letria

agrária no Brasil é os proprietários sempre exigirem preços muito elevados no momento da expropriação».

Mesmo o ministro do Interior do Governo de Costa e Silva, general Albuquerque Lima, disse, depois de ter visitado recentemente o Nordeste:

«Sem a reforma agrária vemos por terra todo o nosso esforço de promover a industrialização do Nordeste».

Assisti na sede da Sudene à regulamentação do IV Plano Director, já aprovado pelo Congresso, anteriormente. Este plano não faz Reforma Agrária. Nos próximos cinco anos, no entanto, a Sudene preten-

The Wild Northeast

ENCRAVADO junto às fronteiras dos Estados do Ceará e de Pernambuco, fica Bonito de Santa Fé, um pequeno município de 8500 pessoas, que pertence à Paraíba, Nordeste.

Nasce na igreja a sua única rua calçada. Isso não faz grande diferença, pois só ali existem sete «jeeps», de fazendeiros, 16 burros e dois camiões para carga e passageiros. Incluindo os jumentos, isto é toda a frota de transportes colectivos da cidade, a 400 quilómetros de João Pessoa, a capital do Estado.

Os jornais e revistas de fora (lá não existe nenhuma publicação) não chegam a Bonito de Santa Fé, mas também isso não faz grande diferença, pois a maioria da população é analfabeta.

Seiscentos alunos frequentam o ensino primário, que conta com 240 professores, e professores que ganham 5 novos cruzeiros (cerca de 40 escudos) mensais e mal sabem escrever. Os professores do liceu são três: o promotor de justiça, o juiz e o dentista, que por sinal foi agora eleito prefeito. Nenhum médico é ali professor, porque em Bonito de Santa Fé não há um único médico. O prefeito, José Amorim, é, como ele se intitula, prefeito-dentista-médico-professor e tem um ponto alto no seu programa: a construção de dois lavadouros.

Ao longo das ruas há postes, mas ainda hoje se desconhece quando vai chegar a energia eléctrica a Bonito de Santa Fé.

O novo prefeito procura, denodadamente, arranjar alguma ajuda à Sudene, que também ainda ali não chegou.

mil hectares irrigados, na fronteira de Pernambuco com a Bahia. Mas, em Bebedouro de Petrolina, a produção de trigo provou que as margens do rio São Francisco, quando adubadas e irrigadas produzem por hectare o dobro do que o melhor produtor de trigo do Mundo, o Canadá. Essa é uma esperança para o velho Nordeste, esperança a juntar a Aratu que dentro de alguns anos poderá competir com São Paulo e com a Guanabara, os maiores centros industriais do Brasil.

Em todo o Nordeste, 262 novas indústrias estão sendo instaladas. Elas não resolvem o problema da mão-de-obra, pois de pouca gente necessita.

Mas podem obrigar à criação de uma subclasse média rural, segundo observadores daqui. E isto porque a indústria necessita de mercado. Uma fábrica de frigoríficos no Recife capaz de produzir 5 mil unidades por mês, está produzindo apenas 3200 mensais, em regime limitado, porque mesmo exportando para o Centro e para o Sul do país não consegue vender tudo o que produz. A indústria necessita que haja mais nordestinos aptos a comprar, para que essa mesma indústria se expanda.

Entretanto, apesar da Sudene concentrar os seus esforços de momento na industrialização, são as colheitas primitivas da região e o seu gado, que possibilitam, em grande parte, o crescimento de 7 por cento ao ano que a economia nordestina apresenta.

Em 1959, a indústria representava 13 por cento do Produto Nordestino Interno Bruto, e hoje é somente 12 por cento. A agricultura e a pecuária caíram de 43 para 42 por cento, igualmente, ao passo que os serviços aumentaram de 44 para 46. O Nordeste continua portanto, a depender da seca. A última, foi em 1958. O próximo ano é o último do tradicional ciclo de onze anos sem secas. O que vai ser do Nordeste em 1970?

A MANHÃ

Entrevista com D. Helder Câmara

Actualmente, só há 10

VIDA MUSICAL

Admissões à Orquestra Gulbenkian

A partir de hoje e até 19 deste mês, encontra-se aberta a inscrição para o concurso de admissão à Orquestra de Camara Gulbenkian, para efeito de preenchimento de uma vaga existente no naipe dos violinos.

Os instrumentistas que desejarem concorrer deverão enviar uma carta ao Serviço de Musica da Fundação Gulbenkian, contendo os seguintes elementos: nome completo, filiação, naturalidade, data do nascimento, estado, morada, numero e data do bilhete de identidade e arquivo que o passou, habilitações literárias e musicais.

A data da prestação de provas e o programa das mesmas serão, oportuna e directamente, comunicados aos interessados.

Musica de órgão na Sé Catedral

Continuando a tradição, de há já alguns anos, dos domingos musicais na Sé Catedral, dedicados à musica de órgão, a Fundação Gulbenkian promove mais um ciclo de recitais que se inaugura no próximo dia 12, às 16 e 30, prosseguindo, assim, a notável obra que vem desenvolvendo e que se insere, no seu Plano de Ressurgimento da Cultura Organística em Portugal.

«Bach e os seus precursores» foi o tema escolhido para esta série de cinco recitais de órgão, o qual permite ao publico apreender, através de uma panorâmica geral da musica criada por J. S. Bach e por aqueles compositores que o precederam no tempo e que o influenciaram sob o ponto de vista estético e formal, a linha ideária desenvolvida e seguida por estes mestres da musica.

Philippe Laubscher, organista titular da Igreja francesa de Berne; Jean-Louis Durand, titular dos órgãos, de St. Macbu, em Rouen; Antoine Sibertin Blanc, professor de órgão no Centro de Estudos Gregorianos e Gertrud Mersiovsky, professora de órgão do Conservatório Nacional, são os quatro organistas que, através da sua musicalidade e qualidades artísticas, farão chegar à sensibilidade do publico a musica de Bach e dos seus precursores.

Os cinco recitais que integram o presente ciclo de musica de órgão realizam-se a 12, 19 e 26 de Janeiro e 2 e 9 de Fevereiro, efectuando-se a venda de bilhetes no Cinema Tivoli e revertendo

HOMENAGEM À LOCUTORA MARIA LEONOR

A locutora Maria Leonor vai ser homenageada no dia 25 com um jantar na Casa do Leão (Castelo de São Jorge). A iniciativa partiu do Grupo Desportivo do Pessoal da Firma Manuel José de Carvalho, Lda. (proprietária das pastelarias Benard e Marques) do qual a conhecida locutora é madrinha.

Uma exposição reveladora de trabalhos infantis

VISEU, 9 — Constituiu, como era de prever, interessante e carinhosa manifestação em louvor da orfança a exposição de trabalhos infantis, na Casa-Museu de Almeida Moreira.

Pequenos dos 4 aos 7 anos, que ali recebem lições e orientação artística (artes plásticas) mostram acentuados progressos e dão testemunho da capacidade orientadora das suas monitoras.

receita obtida para as obras assistenciais da paróquia de Santa Maria Maior, da Sé.

Prémios «Guilhermina Suggia»

A Secretaria de Estado da Informação e Turismo promove, no ano corrente, o concurso para atribuição dos prémios de interpretação musical «Guilhermina Suggia».

O júri, constituído pelo maestro Ruy Coelho, prof.ª D. Maria Amélia Duarte de Almeida, Pedro Prado, dr.

Alvaro Malta e Hugo Casaes, escolheu o canto para o referido concurso.

O regulamento prevê a atribuição de três prémios, das importâncias de 10, 7 e 4 mil escudos, além de menções honrosas.

A inscrição, destinada somente a artistas nacionais, deverá ser feita em carta dirigida à Secretaria de Estado da Informação e Turismo, até 20 de Março próximo e o programa constará de provas eliminatórias e final.

ESTREIA LITERÁRIA

DO PIANISTA

ANTÓNIO D'ALMEIDA

Para assinalar a estreia literária do pianista e compositor António D'Almeida, com o lançamento do seu livro «Histórias de Lamento e Regozijo», a Parceria A. M. Pereira, Lda., promove amanhã, às 18 e 30, nas suas instalações da Rua Augusta, 44-54, uma festa íntima, em que fará a apresentação do novo escritor.

TAUROMAQUIA

Corpos gerentes do Grupo Tauromáquico «Sector 1»

Tomaram posse os novos corpos gerentes do Grupo Tauromáquico «Sector 1» assim constituídos:

Assembleia geral — Presidente, dr. António Pitta; vice-presidente, Eduardo Pizarro Monteiro; 1.º secretário, Jaime Capelo de Araújo; 2.º secretário, Carlos Mariano de Carvalho.

Direcção — Presidente, dr. José Salles Gomes; vice-presidente, Francisco Augusto de Oliveira Martins; 1.º secretário, Guilherme Ribeiro Hrosa Gomes; 2.º secretário,

Jose César Valente da Silveira; tesoureiro, Augusto Agostinho Duarte; 1.º vogal, Antero Nunes da Silva; 2.º vogal, João Mineiro Coelho; vogais suplentes, Augusto de Sousa Pina e Hernani Dinis Nunes.

Conselho fiscal — Presidente, dr. Américo Mártinho; relator, dr. Henrique Aragão Pinto; secretário, Jorge Rebelo; suplentes, Francisco Manuel de Sousa Graça e José Jorge de Almeida.

Delegados à Federação — Efectivo, dr. João Maria de Sousa Chaves, suplente, Ernesto da Silva.

NA SEQUÊNCIA DUMA PROGRAMAÇÃO DE INVULGAR QUALIDADE



APRESENTA HOJE ÀS 21,30

BURT LANCASTER

NUM FILME ESPECTACULAR...
TRUCULENTO, VIRIL, ACTUAL!!!

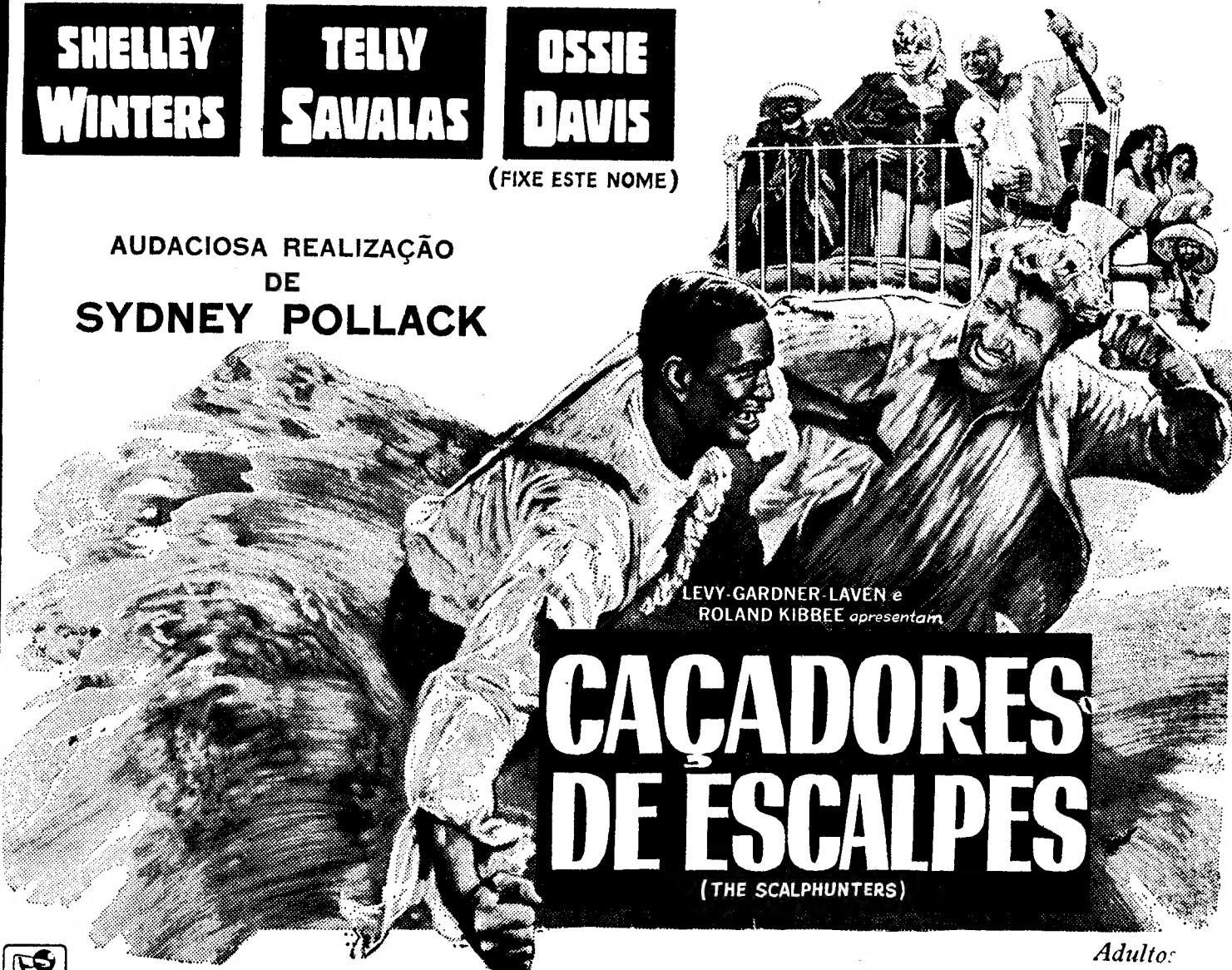
SHELLEY
WINTERS

TELLY
SAVALAS

OSSIE
DAVIS

(FIXE ESTE NOME)

AUDACIOSA REALIZAÇÃO
DE
SYDNEY POLLACK



LEVY GARDNER LAVEN e
ROLAND KIBBEE apresentam

CAÇADORES
DE ÉSCALPES
(THE SCALPHUNTERS)

Adultos



Argumento de Realização de Música de
WILLIAM NORTON · SYDNEY POLLACK · ELMER BERNSTEIN

Prod. de

JULES ARTHUR ARNOLD
LEVY GARDNER LAVEN

PANAVISION

COLOR
DeLuxe

United Artists
Entertainment from
Transamerica Corp.

Novo CASINO ESTORIL



apresenta



LIMA KIM

vedeta Sul-Coreana da canção

THE ELWADO'S
LIDIA RIBEIRO
DORISS GIRLS' SHOW

OS "SHEIKS"
JIRINA'S COMBO
JORGE COSTA PINTO
E SUA ORQUESTRA

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21anos

No cinema, às 17 e 21.30 h.
GOLPE SOBRE GOLPE
(M. 17 anos)

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO AVIS

TÍTULO — «Como matei Rasputine» («J'ai tué Rasputine» — 1967).
REALIZAÇÃO — Robert Hossein
INTERPRETES — Gert Froebe, Peter Mac Enery, Geraldine Chaplin, Robert Hossein e Ira de Fustenberg.

Tive sempre uma simpatia especial pelos filmes de Robert Hossein. São pretensiosos, eu sei, são muitas vezes inábeis e desastrosos. E há certa dose de imperdoável cabotinismo. Contudo, na sua imperícia, vejo em Hossein um aspecto cativante: uma intenção de tornar as coisas significativas, de as carregar de sentido e de inquietação. Por outro lado, Hossein é um homem que se deixa obcecar pelas situações de encantamento, de sedução, de possessão nas relações humanas. Há nos seus filmes uma atmosfera paralela á dos (excelentes) romances policiais de Boileau-Narcejac: uma tensão crescente entre as pessoas, aproximando-as e dividindo-as em torno de enigmáticas verdades.

Com Rasputine, a personagem vinha mesmo a calhar. Homem colossais, monstruoso, bárbaro, violento, inteligente, refinado, ignorante, místico e dionisíaco, com algo de nietzschiano na sua acesse através do desregramento de todos os sentidos e da consumação de todas as experiências, ele representa uma natureza tangente ao mistério. Hipnótico e sensual, Rasputine é o homem invulnerável. Ditador ou salvador duma Rússia perdida em vésperas de Revolução? Ninguém o sabe: é apenas um homem que quer mandar e se recusa a morrer, um homem que, mercê da sua força de vontade, embora minado por venenos e crivado de balas, consegue fugir por corredores até ir morrer num pátio coberto de neve.

Em torno dele, como sombras ou fantoches, circulam os homens vulgares: seduzidos ou (e) nauseados, detestam-no, mas submetem-se-lhe. Até que um dia a raiva e o asco crescem tanto no príncipe Yousoupoff (que em pessoa, ao que nos dizem, nos apresenta a fita em termos algo publicitários) resolve destruí-lo.

A narrativa é constituída por um flash-back geral com as recordações do príncipe, mas essas recordações organizam-se em torno da cena culminante da preparação da morte de Rasputine, o que implica um segundo flash-back.

back. A par disto, existe ainda, intervindo em certos pontos do filme, a descrição duma orgia mística de Rasputine.

Obra agradável, mas frágil e por vezes fracassada em instantes decisivos, ela sustenta-se sobretudo na poderosa interpretação de Gert Froebe — um Rasputine brutal e demoníaco, como era necessário. Importa ainda notar a música de André Hossein, pai do realizador.

Em complemento — Mais um produto Jean Manzon à fazer publicidade ao Brasil. Tão intolerável como os outros. Até quando?

EDUARDO PRADO COELHO

• NO IMPÉRIO

TÍTULO — «Shalako» («Shalako»).

REALIZAÇÃO — Edward Dmytryk.

INTERPRETES — Brigitte Bardot, Sean Connery, Stephen Boyd, Jack Hawkins, Peter Van Eyck e Honor Blackman.

«Shalako», que o Império exhibe desde ontem, não é um «western» vulgar. Realizado por Dmytryk («Os revoltados do Caine», «O baile dos malditos», «Anjo Azul», «O homem das pistolas de ouro», «Os Inacreditáveis»), o filme em que, pela primeira vez, aparece lado a lado o antigo James Bond da celulóide e o mito B. B., é, sem dúvida, um filme a ver, como demonstração de grande espectáculo. Mas não só: para além de pormenores de gosto duvidoso (a cena final é inconcebível, mesmo na obra mais fantástica, tal como a própria situação do herói no ambiente), o filme apresenta numerosos motivos de reflexão, nomeadamente em questões de índole social.

Como atrás se diz, parece duvidosa a situação do herói (Shalako, o homem que fazia chover na terra dos índios), perdido entre os rochedos, algures no grande Oeste do século XIX. O Exército já por ali andou, mas foi forçado a um contrato com os indígenas, que passa-

ram a ser reis e senhores do território. Alto: reis e senhores relativos, porque há Shalako, um antigo coronel que aparece não se sabe bem donde, para desempenhar um papel fundamental nas sequelas de cada «snob» a que se dedicam representantes da aristocracia europeia e um senador americano, conduzidos por guias que se haviam de revelar desonestos. Uma caçada marcada para fazer um casamento...

Como aparece Shalako? Bem metido na pele do herói Sean Connery surge, por acaso, a proteger a bela condessa Irma (B. B.) quase-quase á mercê de quatro índios. Shalako abate três dos peles-vermelhas (que, surpreendentemente, também são valentes e capazes de cumprir a palavra dada), mas o outro foge, vai avisar os colegas de pele — e pronto — está o sarilho armado. Entretanto, no espírito do espectador, continuará a surgir, arreliadoramente imperitine, a pergunta: que faz Shalako entre os pedregulhos da paisagem, com seu cavalo e seu fato de couro, demais em território de índios?

O melhor é arrumar a pergunta, calar-lhe a boca, e seguir a fita, que tem, realmente, motivos de inegável interesse. Haverá mortos, carros assaltados pelos índios, uma traiçãozinha feminina (aliás castigada...), tiros, muitos tiros e retiradas estratégicas de peles-vermelhas. Cenas de arrepiar corações sensíveis, em que morrem os maus e alguns inocentes sem grandes culpas no cartório. E ao espectador atento não passarão certamente, despercebidos os apontamentos mordazes que o autor quis dedicar a situações e usos que bem se podem transferir para o quotidiano da actualidade — e noutros teatros da vida que não uma pradaria do Oeste...

Os medos que assaltam todos os homens em momentos de perigo também têm o seu retrato no filme. Até o herói tem medo (o que até certo ponto, é, também, novidade), mas domina-o e por isso é valente. Somos levados a pensar que Dmytryk foi honesto ao realizar este filme. Recomenda-se — S. P.

VASCO MORGADO apresenta

HOJE

1.56
SESSÃO
AS 21.45
HORAS
ADULTOS

AR CONDICIONADO

TEATRO VILLARET

o mais moderno e confortável de Lisboa

«Vão, desta vez, Vasco Morgado, que é o empresário, e Soldado, a supervedeta, registar um êxito, desses que se traduzem em ênfases»

É provável. E até merecido!

No seu plano, «A Preguiça» responde, como teatro, a uma necessidade.

«O SÉCULO»



RAUL SOLDADO

NA COMÉDIA

A PREGUIÇA

Dirigida por MARIA HELENA MATOS

com FERNANDA BORSATTI — ALIÂN VAZ — MÁRIO JACQUES — ANTONIO MONTEZ — DAVID SILVA

UM ESPECTÁCULO QUE DIA A DIA SE TORNA MAIS POPULAR

CAPITÓLIO

Telef. 32 03 79
As 21.45 horas
M/17 anos

TANGO

de Slawomir Mrozek
tradução de Fernando Fragozo

Pela Companhia do Teatro Nacional D. Maria II

Sábado às 16 horas—Tarde a preços reduzidos
Domingo — Tarde dedicada a estudantes

TRINDADE

— F. N. A. T. —
HOJE, às 21.45 (17 anos)
o T.N.P., sub. pelo Fundo do Teatro, apresenta

SABINA FREIRE

de M. Teixeira Gomes
com Lourdes Norberto na protagonista

SÁBADO, tarde às 16 h.

'A ESPERA-O

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

TEATRO DA TRINDADE

(F. N. A. T.)

DOMINGO, 12 DE JANEIRO, AS 11 HORAS DA MANHÃ

Concerto pela

BANDA DA NACIONAL REPUBLICANA

Dedicado aos beneficiários da F. N. A. T., Sócios dos Sindicatos Nacionais, C. A. T. e C. R. P.

Direcção: MAESTRO TENENTE SILVA DIONISIO

PROGRAMA

SINFONIA N.º 38 (PRAGA) — MOZART ★ CENAS DRAMÁTICAS (3.ª SUITE) — MASSENET (1.ª audição pela Banda) ★ SAUDADES D'ALDEIA — DUARTE PESTANA ★ RAPSÓDIA HUNGARA N.º 6 — LISZT

Distribuição gratuita de bilhetes a partir de hoje

Maiores de 6 anos

Durante a execução de qualquer dos números do programa não é permitida a entrada na sala de espectáculos

• OS MESES PASSAM... E MANTÉM-SE O ÊXITO DA COLOSSAL REVISTA DO

• Maria Vitória

O JÁ FAMOSO ESPECTÁCULO DA GARGALHADA

•GRANDE POETA É O ZÉ!... SALVADOR no "compère"

com

• SALVADOR • JOSÉ VIANA • MARIEMA • MAX • ANITA • DORA • VÍTOR MENDES • MARIANO

e uma alegre companhia com a grande atracção

• MAY AVRIL •

• Todas as noites às 20.45 e às 23 horas •
• Domingo «Matinée» às 16 ADULTOS

ÊXITO

4^a

M/ 12 anos

O ELOGIO DA PREGUIÇA

(ALEXANDRE LE BIENHEUREUX)



UM «HINO»
À PRÓPRIA PREGUIÇA!

UM FILME APETITOSO...

com:

philippe noiret
fançoise brion
marlene jobert
e o cão kaly

Real. YVES ROBERT

EASTMANCOLOR

3 sessões diárias

estudio 444

COLISEU

HOJE, AS 21.30
(Maiores de 12 anos)

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO

Tigres ferozes! Atracções de categoria!

AMANHÃ, às 21 e 30
Maiores de 12 anos
Só até domingo



Alguns dos elementos que constituem a comissão organizadora da cooperativa «Centro Português de Cinema», durante uma reunião de trabalho. Da esquerda para a direita (sentados): Faria de Almeida, Ernesto de Oliveira, António Pedro de Vasconcelos, Fernando Lopes, Seixas Santos e Paulo Rocha. De pé: António Macedo

Lutará por um cinema melhor o Centro Português de Cinema

— uma cooperativa em organização
a subsidiar pela Fundação Gulbenkian

Como há dias noticiámos, a Fundação Gulbenkian decidiu subsidiar uma cooperativa de cineastas, facto do maior interesse, pois abre perspectivas animadoras quer para a produção cinematográfica portuguesa com preocupações de qualidade artística, quer para a inicia-

ção dos novos.

Não comunicamos distribuído à imprensa, os organizadores da cooperativa historicamente o nascimento da iniciativa do seguinte modo:

Em Dezembro de 1967 realizou-se na cidade do Porto, por iniciativa do Clube Português de Cinematografia, a «Semana do Novo Cinema Português». A Fundação Gulbenkian, que começou por auxiliar financeiramente a efectivação da «Semana», manifestou interesse em que os cineastas ali reunidos apresentassem sugestões sobre os meios pelos quais a Fundação poderia ajudar a debelar a crise da arte cinematográfica em Portugal, o que constituía uma preocupação antiga dos seus órgãos dirigentes.

Os cineastas presentes na «Semana», porque o problema era complexo e exigia trabalho demorado, propuseram-se fazer o seu estudo em profundidade, e, após várias reuniões de trabalho, apresentaram à Fundação, em Abril de 1968, um relatório a que deram o título de «O Ofício do Cinema em Portugal».

Analisado o relatório pelos seus Serviços de Belas-Artes, a Fundação comunicou aos signatários daquele, em Dezembro último, que estaria disposta a subsidiar uma associação que se propusesse desenvolver e prestigiar entre nós o cinema como arte e que estivesse aberta a todos os cineastas que queiram colaborar na realização de tais objectivos. Pa-

ra tanto fixou o montante de um primeiro subsídio em 3 200 000\$, manifestou a intenção de apoiar financeiramente durante mais dois anos a entidade a criar, sem, no entanto e como é evidente, se vincular a números exactos quanto aos subsídios dos dois anos seguintes.

Os signatários do relatório de Abril de 1968 aceitaram a responsabilidade — ta por um cinema português esteticamente válido e com suficiente força de comunicação que não é pequena — de com este auxílio prosseguirem nos seus intuitos de lutação com o público. A tarefa é árdua porque a luta deverá ser travada em várias frentes, mas os autores do relatório tudo farão para corresponder às responsabilidades que assumiram. Trabalham actualmente na criação de uma cooperativa (Centro Português de Cinema), por ser uma modalidade de associação que permite a desajável flutuação de sócios, e os seus objectivos são, como é fácil ver, desinteressados. As suas possibilidades são modestas, e prematuros serão os vaticínios que algumas pessoas façam desde já no sentido de sucessos estrondosos da iniciativa, ou no do seu fracasso. O Centro lutar por um cinema português melhor, por uma difusão eficaz dos filmes portugueses que a mereçam, por uma formação do gosto do nosso público pelo cinema em geral e pelo cinema português em especial, ou seja, procurará lutar pela cultura cinematográfica do público português e oportunamente dará a conhecer como o fará. Por enquanto trabalha-se com prudência na criação das estruturas administrativas do Centro.

Além destes elementos, constantes do referido comunicado, podemos acrescentar que a futura cooperativa de cinema, ao mesmo tempo que está a estudar os regulamentos por que gerirá a sua actividade, procura estabelecer também métodos novos de produção no sentido de tirar todo o partido possível — a favor do cinema nacional — dos subsídios de que virá a dispor.

— Não vamos esbanjar o dinheiro em filmes, mas investir um capital ao serviço do cinema português — confidenciou-nos um dos realizadores. A nossa actividade

será de sacrifício. E assim terá de ser para quantos pretendam entrar para a cooperativa.

O LEITOR TEM A PALAVRA (OS 10 MELHORES FILMES DE 1968)

Ao fazermos o balanço do ano cinematográfico de 1968, apelámos para os nossos leitores, pedindo-lhes as suas opiniões sobre os 10 melhores filmes de 1968. A ideia surgiu um pouco a medo, pois não sabíamos se seria grande a afluência de leitores interessados em pronunciar-se. Mas tínhamos esperança, mesmo assim. E as esperanças confirmaram-se. Muitos têm sido os leitores a depor e, uma semana depois de aqui solicitarmos as listas apresentamos uma classificação provisória (recebem-se depoimentos até 31 de Janeiro) que assinala desde já algumas das preferências e permite recordar a iniciativa aos restantes leitores. Assim, em 7 de Janeiro era a seguinte a posição das películas votadas:

- 1 — 2001: Odisseia no Espaço
- 2 — Blow-Up
- 3 — Petulia
- 4 — A Queima-Roupa, Play Time e Por Favor não me Morda o Pescoço
- 5 — A Noiva Estava de Luto
- 6 — O Faraó
- 7 — Ofício de Matar
- 8 — A Condessa de Hong-Kong
- 9 — Todas as Noites às Nove e O Charlato
- 10 — O Presidiário, No Calor da Noite e O Perfume do Dinheiro
- 11 — O Estrangeiro, O Rei dos Doidos, Elvira Madigan e Os Devassos
- 12 — Laços Eternos, Uma Aventura a Quatro e Os 7 Samurais
- 13 — Vida Solitária, O Analista do Presidente, gundo Fôlego e Por Mais Alguns Dólares
- 14 — Um Coração Solitário, Até Encontrei Ciganos Felizes, O Filho de El Cid, O Massacre de Chicago, Gerações Ultrapassadas e Não se Trata Assim uma Senhora

Este é o Meu Mundo, Oliver, Adivinha Quem Vem Janitar, As Sandálias do Pescador, A Beira do Pânico, O Livro da Selva, Com a Pedra no Sapato, A Princesa, Longe da Multidão, O Elogio da Preguiça e O Homem que Veio do Futuro.

Continuamos a receber opiniões. Não deixa, no entanto, de ser importante (e significativo) o nível particularmente bom das respostas recebidas. — L. A.

As estreias de hoje

No São Jorge

Título em português — «Caçadores de escarpas».
Título original — «The scalphunters»
Produção — americana
Realização — Sydney Polack
Interpretes — Burt Lancaster, Shelley Winters, Telly Savalas e Ossie Davis
Género — aventura
Distribuição — Rank
Processo — Color Deluxe
Classificação — adultos.

O CASINO ESTORIL COLABORA NO FESTIVAL DA IMPRENSA

Um dos grandes motivos de interesse do festival que a Casa da Imprensa promove no Pavilhão dos Desportos, às 21 e 30, do próximo dia 8 de Fevereiro, reside na actuação das atracções estrangeiras que, nessa altura, integrem o elenco artístico do Casino Estoril.

PRESEPIO ANIMADO (NO PAVILHÃO) ATÉ DOMINGO

Dado o grande interesse com que o público aceitou o belo espectáculo «Mistério do Natal» que a Câmara Municipal de Lisboa tem oferecido gratuitamente aos seus munícipes desde o passado dia 23, foi decidido prolongar a sua carreira até ao próximo domingo, correspondendo assim aos números pedidos neste sentido.

Assim, prossegue esta noite, às 21 e 30, no Pavilhão dos Desportos a representação do «Mistério do Natal», auto sacramental popular recolhido por Azinhal Abelho em Fradizela (Trás-os-Montes), repetindo-se todas as noites à mesma hora até ao próximo sábado e despedindo-se do público no próximo domingo, em «matiné», às 17 horas. As entradas são gratuitas, não havendo distribuição de bilhetes.

MONUMENTAL

HOJE — 2 SESSÕES,
AS 20.45 e 23 H.
1.555.133 (ADULTOS)

UMA REVISTA-FANTASIA
ULTIMAS REPRESENTAÇÕES

CLICK!..A ESTÁ

com a presença do fabuloso artista de fama mundial

ALFREDO ALARIA

BADARÓ
AFRICA PRATS
CARLOS JOSÉ TEIXEIRA
ANTÓNIO ANJOS
LINDA SILVA
DELFINA CRUZ
SIMONE DE OLIVEIRA

UM ELENCO
de
ESTRELAS

Dir. musical de
JOSÉ MESQUITA

Uma realização de GRAÇA, LUXO e FANTASIA
e ainda a especial interpretação de NINA BRACCIO

O BALLET DE ALFREDO ALARIA
DOMINGO, A TARDE AS 16 HORAS

MONUMENTAL

SÁBADO, E DOMINGO
AS 18.30 H.
(MAIORES 4 ANOS)

A história do Pastorinho Beijaflo

A FORÇA DA JUVENTUDE ESTÁ NA SUA CORAGEM...

VEJA HOJE
às 21.45 h.

no

Teatro Laura Alves

Telef. 86 47 56

(ADULTOS)

NOVEM MENTIROSO

SESSÃO ÚNICA, AS 21.45 H.
Uma encenação de JACINTO RAMOS

UMA PEÇA
DE ÉXITO
MUNDIAL

com BRUNILDE JUDICE ★ RUI
DE CARVALHO ★ MANUELA
MARIA ★ CÉLIA DE SOUSA
★ FERNANDA FIGUEIREDO ★
BENJAMIM FALCÃO

O PAR REVELAÇÃO

GUIDA MARIA

VASCO MORCADO JÚNIOR

DOMINGO, A TARDE, AS 16 HORAS

Guida Maria

HOJE AS 21,45 H.

1. MÊS

RIA COM GOSTO

O AMOR 68

UMA FANTÁSTICA COMÉDIA
DE HENRIQUE SANTANA
UM ESPECTÁCULO DE
VASCO MORCADO
NOVO ÉXITO DA
C.º TEATRO ALEGRE

NO TEATRO T. 31 52 11
VARIEDADES

(Adultos)

com
HENRIQUE ★ IRENE ★ COSTINHA ★ SEME-
DO ★ LIA ★ ANABELA e ADRIANO REYS

Dir. plástica de F. RELÓGIO

Encenação de MARIA HELENA

SABADO, 2 SESSÕES, 20.45 e 23 H.

SOU ITALIANO

O MEU NOME É

Giannini

FALAREI DE MIM NO DIA 20

União de Grémios de Lojistas

A União de Grémios de Lojistas de Coimbra está a desenvolver larga actividade, com o aplauso dos associados. Como são muitos os comerciantes que mantêm relações comerciais com firmas estrangeiras, acaba de criar um serviço de tradução de correspondência comercial de inglês, francês e alemão.

«PRECISAMOS DE FOMENTAR O DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO»

— PREOCUPAÇÃO DO GOVERNO ACENTUADA PELO PROF. MARCELLO CAETANO

(Continuação da 1.ª página)

a certa altura do ano for apurado com segurança haver maior receita do que se tinha orçado.

O Orçamento constitui, assim, além de uma previsão financeira, um plano de governo e de administração. Numa parte — o orçamento ordinário — corresponde ao planeamento da gestão corrente dos serviços existentes; noutra — o orçamento extraordinário — ao plano de gastos que, embora correspondam a realizações ou encargos destinados a durar alguns anos, devem todavia deixar de ser feitos logo que esteja concluída a obra a que se destinam ou que haja passado o problema ou acontecimento a resolver ou a enfrentar.

Pego muita desculpa de entrar nestas explicações. Sei muito bem que para numerosíssimas pessoas elas são dispensáveis e estou mesmo a ouvir o comentário: «Lá está ele com o vício de professor a fazer-nos uma lição!» Mas eu não estou a falar só para aqueles que sabem: muitos haverá que sobre o assunto não tenham ideias tão claras e esses talvez não entendessem bem o resto que vou dizer sem este prévio esclarecimento.

«O QUE SE FEZ FOI OCORRER A ALGUMAS NECESSIDADES INADIÁVEIS»

No Orçamento inscrevem-se as verbas necessárias para cumprir as leis, a daí a grande preocupação que tivemos, no último trimestre do ano passado, em publicar várias reformas que acarretavam aumento de despesa.

Agora, temos de executar o que está disposto. Não é possível nos próximos meses desequilibrar o Orçamento sobrecarregando-o com novos encargos, nem é aconselhável criar novas receitas. De modo que não devem esperar-se tão depressa remodelações de serviços.

Vamos aproveitar o tempo, sim, para fazer avançar os estudos da reforma administrativa a fim de procurar publicá-la no final deste ano. Essa reforma tem de assentar numa revisão de quadros e na simplificação dos processos de trabalho de modo a melhorar as relações entre a Administração e o Público e a permitir a remodelação dos vencimentos do funcionalismo.

O que se fez até agora neste capítulo foi ocorrer a algumas necessidades inadiáveis, em primeiro lugar no que respeita à instrução pública.

Por mais economias que se procure realizar na administração do Estado, as despesas deste crescem de ano para ano. Mas o Orçamento para 1969 regista em relação ao do ano anterior, o maior aumento de despesas ordinárias de todos os tempos: 1 620 000 contos, números redondos.

Deste aumento a maior parcela — 430 000 contos — foi destinada ao Ministério da Educação Nacional.

Se tivermos em conta, além deste aumento para o funcionamento dos serviços escolares, o que se previu a mais como despesa extraordinária para investir em fins de ensino e de investigação — verificaremos que de um ano para o outro se atribuíram mais cerca de 600 000 contos, a esse capítulo.

Com destino à educação e ao ensino, compreendendo a investigação, e a construção e apetrechamento de novos edifícios escolares, destina o Orçamento deste ano 3 200 000 contos, e estavam à roda de dois milhões e meio no ano passado. Sublinho estes números a fim de mostrar como o Governo quis acentuar a orientação, que espero ver mantida no futuro, de consagrar o máximo de disponibilidades à solução dos problemas educativos.

«DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO: GRANDE E INSTANTE PREOCUPAÇÃO DO GOVERNO»

Para obter essas disponibilidades precisamos, porém, de fomentar o desenvolvimento económico. Já tem sido repetidamente dito, e com acerto, que estas duas acções — a da educação popular e a do fomento da riqueza nacional — são interdependentes. Não se aumentará a produção se não dispusermos de produtores educados para tirar o máximo partido do seu trabalho. E não se poderá conseguir um mais alto grau de preparação média da população, na sua cultura geral e técnica, se não houver condições económicas que tal permitam. Conseguimos finalmente elevar o tempo de escolaridade obrigatória de 4 para 6 anos: foi um grande passo em frente mas não devemos ficar por aí. Por agora, porém, há todo um imenso trabalho de preparação de professores e de disposição de locais para ensinar a massa obrigatoriamente retida na escola por mais dois anos. E tem de fazer-se um grande esforço de persuasão

da população para tornar efectiva essa obrigatoriedade, sabido que muitas famílias querem empregar os filhos o mais depressa possível.

O desenvolvimento económico do País eis, pois, outra grande e instantânea preocupação do Governo. Há anos observei que esse desenvolvimento é mais fácil naquelas nações onde há tradição industrial, iniciativa esclarecida e corajosa, espírito de empresa. Então os governantes reduzem a sua intervenção, limitando-se a garantir a igualdade de oportunidade, a evitar abusos, a proporcionar apoio político — e a cobrar impostos. Mas entre nós não é assim. Aqui a iniciativa é tímida e nem sempre escolhe os sectores onde poderia obter mais êxito. Os empresários arriscam pouco capital próprio e contam demasiado com os recursos de um crédito inadequado. A gerência é, com frequência, pouco esclarecida e mal orientada. Não dispomos de técnicos em



O prof. Marcello Caetano ao proferir, perante as câmaras da TV, a primeira de uma série de comunicações ao País

grande quantidade e de técnica largamente evoluída... E a cada passo as empresas se viram para o Governo a pedir auxílios de vária ordem.

Claro que isto não se passa com todas as actividades, pois o País já conta com muitas unidades bem lançadas, bem dirigidas, bem equipadas e satisfatoriamente produtivas. Mas traduz situações muito frequentes.

Daqui resulta a necessidade de constante intervenção do Estado, através de leis, de créditos, de isenções, de estímulos diversos ou de protecções variadas que os interessados solicitem como remédio salvador. O Estado tem mesmo que ser empresário ou participar no capital de empresas para garantir a marcha de actividades vitais ou dar ânimo a empreendimentos reputados de interesse nacional.

«A INFLAÇÃO CRIA ILUSÓRIAS PRÓSPERIDADES»

O Governo deve aprovar dentro de dias o programa da execução do III Plano de Fomento para o ano de 1969 incentivando a política agrária, e a de revisão e simplificação de circuitos comerciais.

Estamos a reconsiderar a política industrial e em especial as leis de condicionamento territorial e os problemas de crédito. Vamos a ver o que poderá fazer-se nesse capítulo para acelerar a industrialização do País. Entretanto acolheremos com prazer os capitais e a técnica estrangeiros quando efectivamente representem um contributo válido para a nossa economia: sobretudo se entrar, na verdade, capital, e se com ele vier técnica que nos enriqueça. É diferente dos casos em que estrangeiros nos procuram para tirar benefícios de algumas condições favoráveis que oferecemos sem nos darmos em troca qualquer contrapartida útil.

O desenvolvimento económico, para se processar em termos sãos, carece de estabilidade do valor da moeda. E esta depende da manutenção do nível médio dos preços. A inflação cria ilusórias prosperidades, ambientes artificiais de euforia, mas é fonte de desordem na economia e de sofrimentos sociais.

O Governo está seriamente preocupado com a tendência que se tem manifestado para a alta dos preços. Há sempre os que procuram especular para ganhar mais — e sobre esses se exercerá fiscalização assídua e atenta. Mas noutros casos a alta resulta de factores conhecidos quer de ordem externa, quer de ordem interna, sobretudo a elevação dos salários.

Todos nós desejamos vivamente que aumente o poder de compra das classes trabalhadoras. Mas esse aumento implica a possibilidade, dada às pessoas de viver melhor, o que quer dizer que hão-de poder, graças a ganhos mais

elevados, obter maior soma de bens e de comodidades.

Para isso é necessário que a subida dos salários não seja acompanhada de igual ou maior subida de preços. Se alguém passa a ganhar mais, mas para obter as mesmas coisas que tinha antes do aumento tem de gastar mais — tudo fica na mesma — ou pior. Houve um aumento aparente de salário, não aumento real.

Ora quando as empresas, para pagarem maiores salários aos seus trabalhadores, têm de aumentar os preços dos produtos por elas fabricados ou dos serviços por elas prestados, a tendência é para se generalizar a alta do custo de vida de modo a anular as vantagens obtidas.

O ideal é que os aumentos de salários acompanhem o aumento da produtividade do trabalho: uma empresa pode ganhar mais devido a produzir e a vender maior quantidade de bens e por conseguir que cresça o rendimento de cada trabalhador. Então o que se reparte em salários é o maior ganho da empresa, sem necessidade de agravar os preços.

Em muitos países evoluídos os trabalhadores compreenderam já ser do seu próprio interesse colaborar numa política de produtividade e fazer os ajustamentos dos salários em função desta.

Quando os aumentos de salários implicam acréscimo de preços, estes tornam a exigir novo aumento de salários que só pode ser conseguido graças a nova subida de preços... e entra-se no «ciclo infernal» que dificilmente pode ser dominado e travado.

«ESFORÇO DE ESTABILIZAÇÃO DE PREÇOS»

Compreende-se, pois, que o Governo, interessado em promover e facilitar a melhoria da remuneração dos trabalhadores quando esta represente mais justa distribuição do rendimento do trabalho, se veja em sérios embaraços nos casos em que essa melhoria tenha de ser paga pelo público e vá provavelmente influir no custo da vida.

Em tais ocasiões tem-se visto os próprios governos socialistas resistir às pressões e decretar até períodos de congelamento dos salários.

Impõe-se, pois, que todos cooperemos num esforço de estabilização de preços de maneira a permitir, por um lado, o planeamento normal dos empreendimentos e, por outro, uma política social com vantagens reais e efectivas para os trabalhadores.

E por hoje basta. Não quero cansar os ouvintes durante mais tempo. Já lhes dei conta de algumas preocupações mais instantes do Governo. Oportunamente abordaremos outras. Porque, creio que todos têm consciência disso, não faltam na roda dos dias, a quem governa, motivos de cuidado, de estudo e de reflexão e assuntos sobre os quais tem de tomar decisões. Cada indivíduo, cada grupo, cada classe que apresenta as suas pretensões, só vê o seu problema e luta pelos seus interesses: mas os governantes têm de ponderar as repercussões das questões umas sobre as outras, são forçados a encarar os vários aspectos de cada caso, porque as resoluções que derem às questões hão-de ajustar-se ao interesse geral. Eis o que eu gostaria de ver compreendido pela generalidade dos portugueses.

Artes plásticas

Um curso sobre Almada Negreiros

Na S. N. B. A. iniciou-se ontem, ao fim da tarde, um curso sobre a obra artística e literária de Almada Negreiros. É o curso regido pelo dr. José-Augusto França.

O curso efectua-se todas as quartas-feiras, às 18 e 30, nos meses de Janeiro, Fevereiro e Março, estando ainda abertas as inscrições especiais na secretaria da S. N. B. A.

Curso de gravura em metal

Principiou já o curso de gravura em metal que a notável artista brasileira Isabel Pong vem realizar nas oficinas de «Gravura», durante os meses de Janeiro e Fevereiro.

Este curso, que tem um ca-

rácter de especialização dentro do plano de orientação pedagógica programado por «Gravura» para a progressiva formação de artistas gravadores nacionais, deve-se, como outros anteriores, a um subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian.

Carlos Lança e Stella Brito expõem na «Árvore»

Na cooperativa de actividades artísticas do Porto «Árvore» foi inaugurada ontem, à tarde, a exposição dos artistas Carlos Lança e Stella Brito.

Os conhecidos artistas expõem óleos e desenhos, achando-se a exposição aberta ao público todos os dias das 16 às 19, e às quartas e sextas-feiras, também se encontra aberta à noite.



BLOCO HABITACIONAL

ARRENDAMENTO

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

Plano de Valorização do Património

— 22 habitações em prédio acabado de construir, no Campo de Santa Clara, n.º 160. Todas as habitações possuem muita luz e óptimas vistas para o Tejo.

Dois elevadores e porteiro permanente.

Casas de 4, 5 e 6 assoalhadas, cujas bases de lotação para a renda mensal, variam entre Esc. 2500\$00 e 3500\$00.

Hastas públicas, para arrendamento nos dias 17 e 20, pelas 15 horas, na sede da Misericórdia de Lisboa, Largo Trindade Coelho.

Informações detalhadas nos Serviços do Património.

PRÉDIO

CENTRO DE LISBOA

Construção cimento armado, revestido a mármore, com cerca de 8 anos, comp. de 18 inq., alugado a comércio com rendas baixas, direito a aumento. RENDIMENTO ACTUAL, 331.200\$. Vendese a dar bom juro ao capital. Magnífica oportunidade.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2.º — Telef. 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

DE COIMBRA

Interesses regionais

Seguiu para Lisboa o chefe do distrito, sr. eng.º Horácio de Moura, que foi conferenciar com o sr. ministro da Justiça, para estabelecer o programa da visita daquele membro do Governo ao distrito de Coimbra, ainda este mês.

O sr. eng.º Horácio de Moura

Três feridos por um tiro de pedreira

VISEU, 9 — Deu entrada no hospital o jovem Bernardino Carreira da Costa, de 16 anos, solteiro; Bernardino dos Santos, de 42, e Casimiro Filipe, de 63, todos de Almargem, freguesia de Calde, os quais foram atingidos pela súbita explosão de um tiro de pedreira, nos olhos, no rosto e na cabeça.

O primeiro ficou internado.

Dois homens foram mordidos por um macaco e um gato

VISEU, 9 — Foram conduzidos ao Hospital da Misericórdia os srs. Eduardo Baptista Nelas, de 38 anos, casado, serralheiro mecânico, morador na Rua Escura, desta cidade, que foi mordido pelo seu macaco e António de Almeida, de 42, de Silves de Cavernães, a quem um gato, enfurecido, mordeu as mãos.

ra terá, ainda, uma reunião com a comissão organizadora do Colóquio Nacional Sobre Assuntos Municipais, promovido pela Comunidade Distrital.

Reunião científica

No Instituto de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina decorreu, hoje, a quarta sessão das quintas-feiras do corrente ano lectivo, no qual o sr. dr. Rogério dos Santos Cardoso Teixeira apresentou uma comunicação sobre «Genética molecular (alguns aspectos)».

Clube da Cinema

O Clube de Cinema de Coimbra promove o ciclo de cinema «A Arte do Século XX», cuja primeira sessão será no dia 14, com o filme «O Farol».

No Teatro de Bolso do C. I. T. A. C. o referido clube promoveu um colóquio sobre «Cinema e Violência» e está anunciado outro para amanhã, sobre «Cinema e Sexo». O Clube de Cinema abriu, também, inscrições para um novo curso de linguagem cinematográfica.

Notícias diversas

O sr. general Fernando de Oliveira, comandante-geral da Legião Portuguesa, visitará aqui, no domingo, a sede do comando distrital daquela organização e será recebido pelo chefe do distrito.

No Sindicato Nacional dos Electricistas do Distrito de Coimbra reunem-se a assembleia geral, no dia 15, às 20 horas, para leitura, apro-

vação e votação do relatório e contas da gerência finda.

Durante o mês findo as ambulâncias do «115» dos Serviços de Saúde da P. S. P. transportaram a estabelecimentos de assistência cidadinos 34 pessoas do sexo masculino e 16 do feminino, por ocorrências na rua. Em seis casos os serviços não foram utilizados, por prévio transporte dos doentes por veículos que passaram na ocasião. Das pessoas transportadas 18 foram acometidas de doença súbita; 17, vítimas de acidentes de viação; 8, por acidentes diversos; 3 por agressão; 3 de parturientes; e um doente mental.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

Gil Vicente — A's 21 e 30: «Catarina, Imperatriz da Rússia» (17 anos).

Avenida — A's 17 e 30: «Elvira Madigan» (17 anos); «O Milagre de Ana Sullivan» (12 anos).

Tivoli — A's 21 e 30: «O magnífico estrangeiro» (12 anos).

Sousa Bastos — A's 21 e 30: «Com a minha mulher, não!» (17 anos).

Farmácias de serviço

Miranda — Praça do Comércio (Tel. 23261).

Viegas & Coelho — Rua da Sofia (Tel. 22080).

Santa Isabel — Avenida Sá da Bandeira (Tel. 24916).

Silva Soares — Rua Mouzinho de Albuquerque (Tel. 26554).

O hotel de turismo na margem esquerda do Mondego problema predominante na reunião camarária

A localização do hotel

Na reunião da Câmara Municipal, o presidente sr. eng.º Araújo Vieira, manifestando o seu regozijo, informou ter sido superiormente aprovado o projecto da construção do edifício escolar, com oito salas e cantina, na Rua Dr. Daniel de Matos, no Bairro Marechal Carmona e relicitou a vereadora sr.ª dr.ª D. Maria José Bacelar, por ver, finalmente, concretizada a sua luta de muitos anos.

O orador falou, depois, da aprovação do projecto de um hotel a construir na margem esquerda do Mondego, a montante da ponte de Santa Clara. afirmou que a Câmara, depois de ponderar e estudar convenientemente o assunto, aprovou uma solução em anteprojecto e que o interessado mandou elaborar o projecto e a respectiva «maquete», passando-se com isto quatro anos e surgindo agora esses elementos para a aprovação conveniente. Acrescentou que se levantaram objecções, a par de aprovações à implantação do hotel naquele local, embora todos fossem coincidir na necessidade de um novo estabelecimento hoteleiro que sirva a cidade.

A «maquete» — disse o edil — foi exposta num estabelecimento no Largo da Portagem, onde continuará por algum tempo, para que a cidade tome conhecimento e consciência da importância do imóvel que se pretende instalar do outro lado da ponte. No entanto, até agora, só uma pessoa se manifestou para a Câmara, e desfavoravelmente, e tudo leva a presumir, portanto, que a cidade aceita bem esta solução.

No prosseguimento da sua exposição, o sr. eng.º Araújo Vieira afirmou que o hotel era para a cidade, e se ela o deseja mesmo ali, parece-lhe que é de manter a deliberação tomada aprovando aquela iniciativa. Há, contudo — acrescentou — uma condição a impor: a de não se prejudicar a Avenida Marginal, que se prolongará desde o Almeida até à Lagoa dos Esteios. E — disse — se, ainda não fora recebido o parecer do paisagista da Direcção de Urbanização, que se estava, no entanto, á vontade para deliberar, pois toda a imprensa, incluindo os jornais diários de grande tiragem afirmam que a opinião da cidade é a da instalação do hotel naquele local. Acrescentou ter pedido que, por intermédio dos órgãos de informação todos os coimbricenses dêem a sua opinião sobre a localização do hotel, dizendo que os jornais que trataram do assunto estão de acordo com a localização do hotel a seguir à ponte.

Por fim, disse o orador que ia insistir pelo parecer da Direcção de Urbanização, com vista à resolução urgente do assunto.

A Câmara concedeu subsídios às Juntas de Freguesia de São Martinho do Bispo e de Botão e aprovou o processo de um talhamento de terreno em São Silvestre, contíguo a outro já aprovado, nas condições propostas pelo respectivo proprietário, o rev. José Antunes, aceitando a doação de seis lotes como compensação das des-

pesas da urbanização. Foi, ainda, resolvido adquirir, pelo preço de oito contos cada um, os restantes quatro lotes, os quais, com os primeiros seis, constituem um quarteirão.

O problema hospitalar tratado pelos rotários

Na reunião mensal do Clube dos Rotários de Coimbra tomou parte o sr. Dinis da Fonseca, do Clube de Matosinhos. Presidiu o sr. José M. Garcia, e o sr. Alberto Mourão, enfermeiro-geral dos Hospitais da Universidade fez uma palestra intitulada: «A enfermagem no conceito das administrações hospitalares», que foi ouvida com muito interesse.

O orador, que foi muito saudado pelo valor do seu trabalho, respondeu, no final, a diversas perguntas e debateram mais demoradamente o assunto da palestra os srs. drs. Rui Clímaco e Manuel Cardoso, acentuando que Coimbra necessita, cada vez mais, de um hospital-cidade e de um hospital para ensino; Mário Luís Mendes, em cuja opinião a cidade necessita não só desses hospitais mas dos que sejam suficientes para ocorrer às necessidades de toda a população do centro geográfico, onde Coimbra se situa.

ora diga-nos...

— Em que tem sentido mais a subida de preços ?

Criou natural expectativa e foi recebida com júbilo a decisão do Conselho de Ministros da presidência do prof. dr. Marcello Caetano no sentido de serem tomadas medidas no sentido de sustar a tendência para a alta dos preços — e o sentimento de satisfação e aprovação geral resultou evidente neste pequeno e breve inquérito que é o «Ora, diga-nos». Ora, para que a medida resulte útil e produtiva parece que uma das coisas mais necessárias é saber em que aspectos é que o homem da rua mais sente essa subida de preços — objectivo primeiro da nossa pergunta de hoje.



tros. E então para nós, reformados, de que se parecem esquecer...

• Uma dona de casa, sr.ª Maria da Conceição Pinto Moura, também começou como é natural por falar da subida dos preços dos géneros alimentícios:

— Em quase todos se nota essa subida, mais ou menos constante: na batata, no vinho, no peixe, etc. A carne não tem subido tanto, mas já dizem que aumenta para o próximo mês.

Demos a conhecer a nossa entrevistada a medida acima referida, que a apoiou «de todo o coração»:

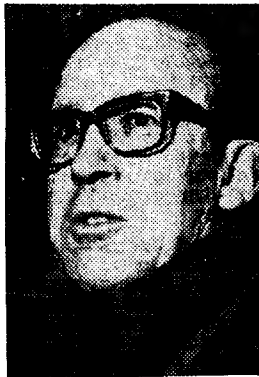
— A ver se acaba isto de estar tudo sempre a aumentar.



• — Tenho sentido o aumento em especial na alimentação. As subidas são quase diárias e têm-se verificado nos géneros em geral. A mulher está sempre a dizer que o dinheiro não chega... Por isso sou reformado e tenho que andar aqui a trabalhar — respondeu-nos primeiro o sr. Alfredo de Sousa Martins, reformado do Arsenal do Exército. E depois:

— E as subidas também se notam bem, além de outras coisas, no vestuário e no calçado — e agora nos transportes, claro.

A concluir: — Acho muitíssimo bem a decisão tomada pelo Conselho de Minis-



• — Ultimamente foi nos autocarros e carros eléctricos que notei mais os aumentos.

— ?

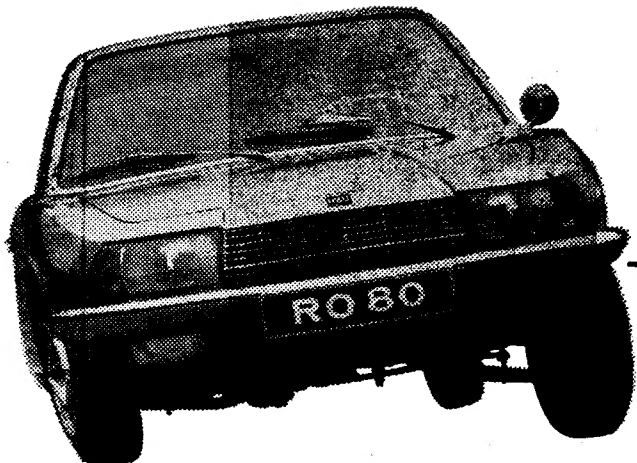
— No resto, e nos que vêm já mais de trás, talvez seja nos comes e bebes que tenho sentido mais as subidas de preços. Desde os cafés, há menos de um ano, até ao tabaco, tem havido de facto um constante aumento de preços, e acho ótimo que o Conselho de Ministros tenha resolvido fazer todo o possível para sustar essa tendência.

Mais uma VITÓRIA



grande concurso de elegância

FIGUEIRA DA FOZ



RO 80

O CARRO DO ANO

1º e 2º lugares de honra na 1ª categoria classe 7

Condutores: José Amaral de Campos e Roberto Lima

VEJA O RO 80 NOS STANDS LUSOLANDA

AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 25-C e RUA LATINO COELHO, 63

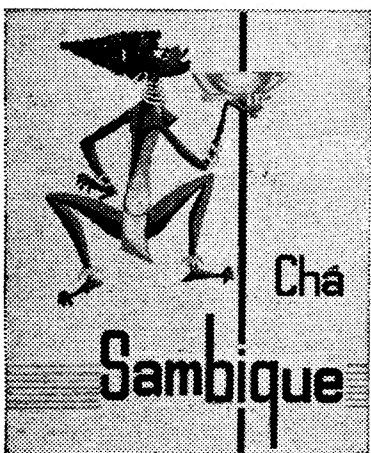
CHÁ SAMBIQUE



- * A maior plantação portuguesa
- * O maior produtor
- * O melhor CHÁ
- * O maior exportador
- * O CHÁ português que mais se bebe em Inglaterra

Agora em novas embalagens que distinguem a sua qualidade.

5 NOVAS EMBALAGENS
250 · 100 · 50 · 20 · 10 gramas



REPRESENTANTE EXCLUSIVO
PARA O CONTINENTE E ILHAS

ALIANÇA DE OURO, LDA.

Rua Santana à Lapa, 24-A
Tels. 664167-671106-Lisboa-Portugal
Rua Maestro António Taborda,
40 A/B · 40-1º Dto.

LEITURA DE POEMAS NA LIVRARIA QUADRANTE

Um professor do Ensino Técnico está amanhã na Livraria Quadrante para ler poemas. É José Alberto Marques, com obra já publicada («A face do tempo», 1964, «Hoje, Mas», 1967, e colaboração no n.º 2 de «Poesia experimental») mas relativamente pouco conhecido nos círculos culturais de Lisboa.

José Alberto Marques, natural de Torres Novas, é professor na Covilhã, onde privou com Maria Alberta Meneses e E. M. de Melo e Castro. Quanto à sua poética actual, há grande curiosidade em avaliar-lhe o peso. A leitura está marcada para as 18 e 30.

A época geral da caça encerra-se no dia 15

A caça às espécies indígenas termina, no continente, no próximo dia 15. No entanto, as espécies de arribação podem ser ainda caçadas nas seguintes condições: Até 15 de Fevereiro, torcos, á espera e sem cão, nos pinhais e olivais, situados nas áreas para esse fim delimitadas pelas Comissões Venatórias Regionais; às ga-

Investigações sobre uma agressão grave

VIANA DO CASTELO, 9 — A Polícia Judiciária prossegue nas investigações sobre o estranho caso da agressão, à qual nos referimos, cometida, há cerca de dois meses, na freguesia de Perre e que pôs as portas da morte o sr. Miguel de Araújo.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS EM ANGOLA

LUANDA, 9 — (A. N. I.) — Foi distribuído o comunicado relativo ao período de 29 de Dezembro a 4 de Janeiro, com o seguinte texto:

«Acerca dos incidentes mais importantes que ocorreram na província, durante o período de 29 de Dezembro a 4 de Janeiro, o comando-chefe das Forças Armadas em Angola comunica:

Em Cabinda, um engenho explosivo colocado pelos terroristas na área de Sangamondo foi accionado pelas forças militares.

No Uije, o adversário montou uma emboscada contra uma viatura civil, que circulava a noroeste do Quixex, da qual resultaram ferimentos para o condutor.

No distrito de Luanda, os terroristas sofreram dois mortos e vários feridos numa tentativa de reacção relativa a um reconhecimento efectuado pelas nossas tropas a sueste de Canacassala.

No Moxico, verificou-se o assassinio de dois africanos, cometido por um bando de terroristas. Na zona de Tempué, os terroristas colocaram um engenho explosivo no itinerário Cazombo-Calunda, o qual foi accionado por uma viatura da Junta Autónoma de Estradas, tendo-se registado um morto e um ferido entre os ocupantes. Verificou-se ainda uma emboscada montada contra as forças militares a noroeste de Mussu-ma e ataques de surpresa efectuados contra acampamentos situados a leste de Gago Coutinho. As nossas tropas ocasionaram cinco mortos em acções de batida que se realizaram a noroeste de Tempué e produziram dez mortos e três feridos.

NOTA DO PATRIARCADO SOBRE A CONTESTAÇÃO DO DOCUMENTO PASTORAL DO DIA DA PAZ

Com o pedido de publicação recebemos da Vigararia Geral do Patriarcado a seguinte nota:

«Na noite de passagem de ano, um grupo de várias dezenas de jovens, depois da missa pela Paz, celebrada por Sua Eminência o Senhor Cardeal-Patriarca, na igreja de São Domingos, permaneceu nessa igreja até cerca das 6 horas, numa vigília em que houve cânticos, leituras e comentários. Alguns animadores do grupo informam que se tratava de um tempo de oração pela Paz obtiveram autorização para essa

permanência. O carácter tendencioso da reunião foi-se, porém, revelando ao longo dela e acabou por ser publicamente confirmado por um manifesto distribuído, em que se contestava a Nota Pastoral do Episcopado sobre o Dia da Paz, nomeadamente por nela se não condenar a política ultramarina do Governo Português. A presença activa do reverendo pároco conseguiu um mínimo desejável de ordem, cortando a tempo as expressões de carácter mais dubio.

Manifestações como esta, que acabam por causar grave prejuízo à causa da Igreja e da verdadeira Paz, pelo clima de confusão, indisciplina e revolta que alimentam, são condenáveis, e é de lamentar que apareçam comprometidos com elas alguns membros do Clero, que por vocação e missão deveriam ser, não os contestadores da palavra dos seus bispos, mas os seus leais transmissores.»

LINTAS INTERNACIONAL

— nomeada pela Rowntree and Company Limited, de York Inglaterra Agência de Publicidade para Smarties

Em prosseguimento de nomeações similares na Suécia, Dinamarca e Suíça, Rowntree and Company Limited, de York, Inglaterra, encarregaram a Lintas, Agência Internacional de Publicidade, Limitada de toda a publicidade em Portugal do seu famoso produto Smarties.

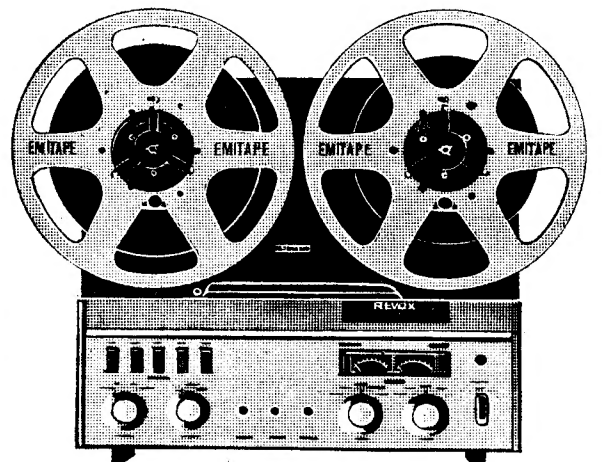
A decisão tomada pela Rowntree de nomear a Lintas de Lisboa sua agência de publicidade segue de perto a decisão semelhante recentemente tomada por Parfums Marcel Rochas de Paris.

A Lintas, que é já responsável por toda a publicidade de bem estabelecidas companhias de «marketing», nomeadamente Fábrica Imperial de Margarina, Lda., vê assim acrescida a sua lista de clientes internacionais.

Novo! O SENSACIONAL

REVOX A 77

PARA ESTUDIOS E CADEIAS DE ALTA FIDELIDADE



CONHECE ALGUM GRAVADOR QUE REÚNA TODAS ESTAS CARACTERÍSTICAS PROFISSIONAIS?

- Resposta: 30 a 20.000 ciclos a 7 1/2; distorção e pontes máximas: 2 %; ruído de fundo: -54 db (normas de estúdio)
- Utilização de bobinas tipo profissional NAB de 26,5 cm de diâmetro
- 3 motores — tracção directa ao cabrestante
- Bloco de alimentação estabilizado electrónicamente
- Igualizações NAB e IEC
- 2 velocidades comutadas electrónicamente
- Funções mecânicas comandadas por relés
- Motor de tracção com servo-regulação electrónica de velocidades
- Circuitos de tipo «plug in»
- 2 vumetros incorporados para regulação dos níveis de entrada e saída
- Célula foto-eléctrica para paragem no fim da fita
- Mecânica telecomandável
- Possibilidades de trucegem (eco, multiplay, duoplay, etc.)
- Cabeça de reprodução independente
- Saída para auscultadores estéreo-fónicos
- TOTALMENTE TRANSISTORIZADO

Peça uma demonstração aos PROFISSIONAIS DO SOM

VALENTIM DE CARVALHO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S.A.R.L.
RUA NOVA DO ALMADA, 85, 97-LISBOA

No Norte: VADECA — R. DE ST. ANTÓNIO, 210 — PORTO



SOU ITALIANO

O MEU NOME É

Giannini

FALAREI DE MIM NO DIA 20

Diário de Lisboa

JORGE DE SENA NUM COLÓQUIO NO PORTO

O escritor Jorge de Sena, figura de relevo no mundo de língua portuguesa, com larga projecção intelectual além-fronteiras, estará presente, como anunciámos, amanhã na Livraria Leitura no Porto, para uma sessão de autógrafos.

No sábado, na mesma cidade, um grupo de intelectuais oferece um almoço ao grande escritor e ensaísta, o qual tomará parte, às 21.30, num colóquio orientado pelo historiador da literatura e crítico Oscar Lopes.

Há grande interesse na capital do Norte por estas manifestações em homenagem a Jorge de Sena.

Notícias diversas

A Câmara Municipal de Gondomar aprovou o projecto da construção da sede da Banda de São Cristóvão, de Rio Tinto, cujos trabalhos começam na próxima semana. A obra está calculada em cerca de 200 contos. Planeiam-se jornadas para angariar fundos destinados à obra, nos dias 15 e 23.

Melhoram os militares feridos no desastre com uma viatura militar próximo de Viana do Castelo

VIANA DO CASTELO, 9 — Os três militares que ficaram mais combalidos no desastre ocorrido ontem com uma viatura do Exército na estrada do Monte, na freguesia de Meadela e que recolheram ao Hospital Regional Militar n.º 1, no Porto, sentiram ligeiras melhoras.

A viatura sinistrada, que conduzia oficiais e soldados do Regimento de Artilharia Pesada N.º 2, daquela cidade, eventualmente aquartelados em Viana, regressava de exercícios no Monte da Meadela e caiu por uma ribanceira com cerca de três metros de altura.

Houve, além de diversos feridos um morto, o soldado sr. José da Silva Fernandes, de 21 anos, solteiro, de São Julião do Freixo (Ponte de Lima). Dos vinte e seis feridos, seis ficaram internados no Hospital da Misericórdia, onde os restantes também foram tratados, na sua quase maioria destes seguiram, depois, alguns para a enfermaria militar e os três primeiros referidos, como se diz, para o Porto, dada a gravidade do seu estado. Estes três são: os srs. aspirante miliciano Joaquim Alberto Viana Jorge, de 22 anos, de Évora, que sofreu traumatismos; Eduardo Oliveira Grilo, de 21, solteiro, de Donas (Fundão) traumatismo torácico e abdominal e, ainda, fractura de costela e José Faustino Duarte Belo, de 21, solteiro, de Vilar (Cadaval), traumatismo na coluna vertebral.

O acidente foi originado

TEATRO SÁ DA BANDEIRA

TELEF. 23595
VASCO MORGADO apresenta todas as noites às 21 e 45: sábados e domingos às 16 e 21.45

«LISBOA É SEMPRE «MULHER»

com Camilo — Florbela — C. Coelho e as atracções Alda Pinto — Paulo Jorge — Vuu-Vuu
Um «ballet» de 25 figuras (Adultos)

CALENDÁRIO DESPORTIVO

TÊNIS DE MESA — Campeonato regional por equipas — juniores: C.D.U.P.-Mocidade Invicta, F. C. Porto-S. Roque, Alvinegro-Portuense e Cultural das Antas-Propaganda de Natação, nas salas dos primeiros, às 21 e 30.

FUTEBOL DE SALÃO — Torneio infantil do Espinho: «Terríveis dos Outeiros»-«Leões» do Lourosa (B). Académica de Espinho (A)-«Castigadores da Mata»

Farmácias de serviço esta noite (3.º turno)

ALMEIDA CUNHA, LDA — R. Formosa, 327 (Tel. 2-4874) *
ANTAS, Av. de Magalhães, 076 (Tel. 4-1158) *
BARREIROS, Rua de Serpa Pinto, 8 (Tel. 4-0053) *
CLÉRIGOS, Rua dos Clérigos, 36 (Tel. 3-5394) *
GOMES CARNEIRO, Rua de Cedafeita, 348 (Tel. 2-3420) *
GUERRA, Rua Costa Cabral, 43 (Tel. 4-0470) *
GUIMARÃES, R. de Francos, 37 (Tel. 6-0103) *
LIDADOR, Rua do Lidador, 171 (Tel. 68-3739) *
LOUSADA, Largo do Campo Lindo 62 (Tel. 4-0853) *
ORIEN- TAL, Rua do Bonjardim, 727 (Tel. 2-7878) *
S. ROQUE DA LAMEIRA, Rua de S. R. da Lameira, 1111 (Tel. 5-1739) *
SÓEIRO, R. de Santos Pousada, 71 (Tel. 5-370) *
VASQUES, Rua das Condições, 794 *
CAMPOS, R. P. L. Cabral, 943 — Foz (Tel. 68-0118)

Espectáculos para hoje

TEATROS
SA DA BANDEIRA — As 21 e 45: «Lisboa é sempre mulher» (17 anos)
ANTÓNIO PEDRO — As 22: «Desporto Rei» e «Tio Simplicio» (12 anos)

CINEMAS
SÃO JOÃO — As 21 e 30: «Milne, rapariga moderna» (12 anos)
COLISEU — As 21 e 30: «Com o pé na seta» (17 anos)
RIVOLI — As 21 e 30: «Quem dispora primeiro?» (12 anos)
ÁGUIA DE OURO — As 21 e 30: «Tobruk» (12 anos)
TRINDADE — As 21 e 30: «Catrina, imperatriz da Rússia» (17 anos)

BATALHA — As 21 e 30: «As minhas pistolas» (12 anos)
OLIMPIA — As 21 e 30: «Morto ou vivo» (17 anos)
ESTÚDIO — As 21 e 30: «A noite é perversa» (17 anos)
VALE FORMOSO — As 2 e 30: «A irmã Yé-Yé» (12 anos)
JULIO DINIS — As 21 e 30: «Por amor... por magia!» (12 anos)
CARLOS ALBERTO — As 21: «O grande massacre» e «Os Três Estorilos contra os Bandidos» (12 anos)
NUN'ÁLVARES — As 21 e 30: «A fronteira do medo» (17 anos)
ODEON — As 21 e 30: «Nova York chama Super-Dragão» (12 anos)
ERASMUS — As 21 e 30: «Os Denunciadores» (12 anos)
CINE-GAIA — As 21 e 30: «Perseguição a sangue frio» (12 anos)
VITÓRIA — As 21 e 30: «Bikinis e músculos» (17 anos)

Amanhã, à tarde

CINEMAS
SÃO JOÃO — As 5 e 30: «Milne, rapariga moderna» (12 anos)
COLISEU — As 15 e 30: «Com o pé na seta» (17 anos)
RIVOLI — As 5 e 30: «Quem dispora primeiro?» (12 anos)
ÁGUIA DE OURO — As 15 e 30: «Tobruk» (12 anos)
TRINDADE — As 5 e 30: «Catrina, imperatriz da Rússia» (17 anos)
BATALHA — As 5 e 30: «As minhas pistolas» (12 anos)
OLIMPIA — As 5 e 30: «Morto ou vivo» (17 anos)
ESTÚDIO — As 5 e 30: «A noite é perversa» (17 anos)
VALE FORMOSO — As 5 e 30: «A irmã Yé-Yé» (12 anos)
JULIO DINIS — As 15 e 30: «Por amor... por magia!» (12 anos)
CARLOS ALBERTO — As 15: «Técnica de um espião» e «Setenta e Sete Mulheres para os Mac Gregory» (12 anos)

Necrologia

FALECIMENTOS

Horácio Mascarenhas Galvão

BARREIRO, 9 — Faleceu ontem, em casa de seu filho, na Rua Eça de Queirós, 26, 4.º esq., o sr. Horácio Mascarenhas Galvão Mexia, de 69 anos, casado, chefe de escritório dos serviços médicos da C. P., residente no Lavradio, O extinto, muito considerado nesta vila, era casado com a sr.ª D. Bárbara de Vasconcelos Matias Galvão Mexia, e pai do sr. Luís Carlos Vasconcelos Matias Mexia, funcionário público, casado com a sr.ª D. Angela da Silva Galvão Mexia, e do sr. Manuel Vasconcelos Galvão Mexia, subdirector do Banco Borges & Irmão, casado com a sr.ª D. Elvira Loureiro Galvão Mexia.

O funeral efectua-se hoje, pelas 16 e 30, na igreja de Santa Maria, nesta vila, para o cemitério do Lavradio.

FUNERAIS

José Fermiano Rato

SOURE, 9 — Constituiu sentida manifestação de pesar o funeral, ontem, do sr. José Fermiano Rato, correspondente nesta vila do nosso prezado colega «O Século», que tinha 74 anos e era casado com a sr.ª D. Augusta Esteves Fermiano Rato e pai do sr. dr. António Esteves Fermiano Rato, provedor-adjunto da Misericórdia de Lisboa.

No préstito incorporaram-se centenas de pessoas, entre as quais os srs. dr. Neto de Carvalho, antigo ministro da Saúde; dr. Dinis da Fonseca, em representação do provedor da Misericórdia de

Lisboa; dr. António Luís Gonçalves, secretário da Universidade de Coimbra, numerosos advogados e amigos do filho do extinto.

João Camilo Alves Junior

Saiu esta tarde, da Igreja de Fátima, para jazigo de família, no cemitério de Bucelas, o funeral do sr. João Camilo Alves Junior, industrial de vinhos, de 84 anos, natural de Bucelas (Louses), sócio-gerente da firma João Camilo Alves, Lda, irmão da sr.ª D. Herculanina Camilo Alves Pinto e do sr. Julio Camilo Alves.

SUFRÁGIOS

Eng.º Alvaro Lino Jorge

Hoje, às 19 horas, na Igreja de Alcantara, será celebrada missa de sufrágio por alma do eng.º Alvaro Lino Jorge, antigo aluno, professor e director da Escola Industrial Marquês de Pombal, mandada dizer por um grupo de antigos alunos daquele estabelecimento de ensino.

Amadeu de Freitas

Mandada dizer pela viúva, celebrou-se hoje, na igreja de S. José, Largo da Anunciada, missa por intenção do jornalista Amadeu de Freitas, que foi redactor do nosso prezado colega «O Século».

O acto religioso teve começo às 11 horas e a ele assistiram além da família do saudoso extinto, colegas e amigos de Amadeu de Freitas.

Prof. dr. Eugénio Tropa

Por iniciativa da sua família, é celebrada amanhã, às 12 e 30, na igreja de São Sebastião da Pedreira, missa de sufrágio por alma do sr. prof. dr. Eugénio Antunes Tropa, a assinalar o 30.º dia do seu falecimento.

Livros brasileiros estão desde hoje à disposição dos viseenses

VISEU, 9 — A fim de assistirem à inauguração da biblioteca-piloto, constituida por um milhar de livros brasileiros, oferecida pelo Governo do país irmão, a qual ficará patente, a partir de hoje, na Casa Amarela, deslocaram-se a esta cidade os srs. drs. Carlos Ouro Preto e Azeredo Perdigão, respectivamente embaixador do Brasil e presidente da Fundação Gulbenkian.

Os visitantes, que pernol-taram em Viseu foram recebidos pelo governador civil, sr. eng.º Engrácio Carrilho, pelo presidente do Município, sr. eng.º Leopoldo da Cunha Matos e demais entidades oficiais, tendo-se realizado uma sessão de boas-vindas nos Paços do Concelho. Seguiu-se um almoço, oferecido pelo chefe do distrito ao representante do Brasil no nosso País no qual tomaram parte numerosos convidados.

Ào fim da tarde, coroando uma longa peregrinação pelo museu e pelos monumentos

da cidade e uma visita à «Casa da Insua», procedeu-se à inauguração da biblioteca, que tomará o nome de Machado de Assis, e segue-se uma visita à exposição de artefatos viseenses.

À noite os visitantes são obsequiados com um jantar, durante o qual se exibirão ranchos folclóricos dos arredores.

A P.J. vai investigar o caso do assassinio de Benedita

ALCOBAÇA, 9 — A descoberta de uma bala de calibre superior ao autorizado, alojada na cabeça do negociante de gado sr. Manuel Francisco Luís, encontrado morto nas proximidades do mercado da Benedita, levou o delegado do Ministério Público a pedir a colaboração da Polícia Judiciária.

O negociante havia sido encontrado por três homens, um dos quais, seu sócio.

Em Abril: Portugal-México

CIDADE DO MÉXICO, 9 — (A.N.I.) — Deve jogar em Portugal — além de actuar na Espanha, na Bélgica, na Suécia, na Dinamarca, na Noruega e possivelmente, ainda, noutro país — uma equipa nacional do futebol mexicano, que a 1 de Abril inicia a sua digressão de um mês pela Europa.

O presidente da 1.ª Divisão mexicana, José Luis Perez Noriega, declarou que as datas dos encontros terão ainda que ser combinadas, mas que, em princípio, os mexicanos farão um jogo-treino na Alemanha Federal e regressam ao México no segundo ou no terceiro dia de Maio.

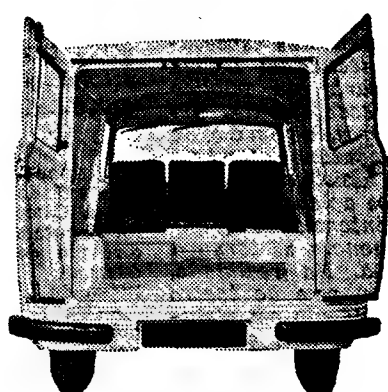
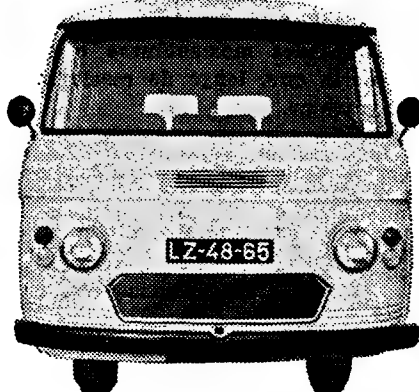
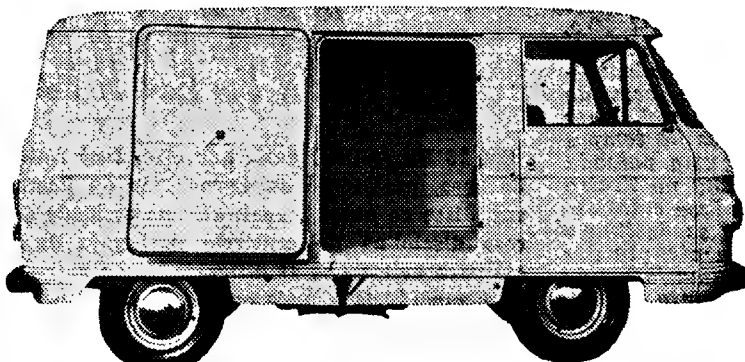
— «Com as novas unidades COMMER-KARRIER acabou com os problemas de distribuição na cidade e para a provincia!»

— «Mais carga útil — menos deslocacoes. Maior facilidade de manobra e até maior comodidade!»

— «...e com uma garantia fora do vulgar!»



Três pontos de vista! uma solução única:



COMMER-KARRIER

Peça ao seu Agente ROOTES informações detalhadas sobre os furgões COMMER-KARRIER e verá que há um tipo de furgão para qualquer género de carga. Se pretende uma unidade com caixa aberta ou se prefere fechada, V. tem vários modelos para se decidir. Portas laterais de correr ou de abrir. Bom aproveitamento do espaço interior para uma maior capacidade de carga. Se deseja um pequeno autocarro para 9 pessoas ou um modelo para turismo, V. encontrará certamente o que lhe convém. Também é possível fazer da COMMER-KARRIER ambulâncias, carros para escolas ou stands móveis para exposições.

Modelos a diesel e a gasolina

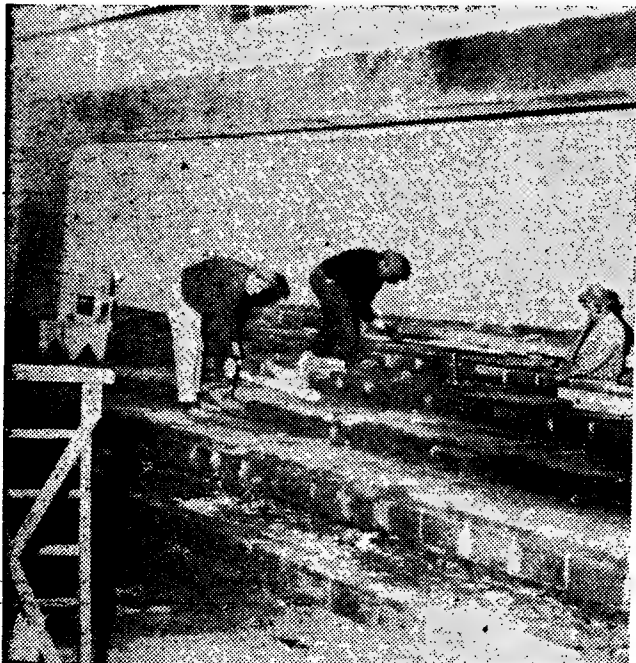
COMMER KARRIER  ROOTES

Distribuidor para o Sul do País:
J. COELHO PACHECO COMERCIAL S.A.R.L.
Rua Braamcamp, 92 - LISBOA
Telefone: 53 95 61/2/3/4/5

UM TEATRO QUE NASCE — O TEATRO QUE RENASCE

Em pleno coração de Al-
gés, na Rua Eduardo Augus-
to Pedrosa, 16-A, ali a Aveni-
da dos Combatentes, acontece

algo de importante: está a
nascer um teatro.
Falar-se em teatro é falar-
se em semente: de cultura.



Já são visíveis os degraus para a plataforma da plateia
do teatro de Algés — uma salinha acolhedora para
cuja utilização em pleno não se pouparam esforços

PATEADA: UM HÁBITO QUE REVIVE

Parece que, louvávelmen-
te, o público de Lisboa re-
tomou o velho hábito de
manifestar o seu desagrado
pelos espectáculos que lhe
são apresentados. A pateada,
uma forma de reprová-
ção que teve tradições na
história do nosso teatro,
particularmente no primei-
ro quartel deste século, vol-
tou a ouvir-se e, segundo
tudo indica, vai radicar-se
de novo. Demos há tempos
a notícia de uma pateada
à peça em cena no Teatro
da Trindade. Essa manifes-
tação — que se destinava
a despertar a atenção das
pessoas para uma forma de
protesto que caíra no es-
quecimento — foi, natural-
mente, organizada por um
grupo que chamou a si a
responsabilidade do acto.
Agora, porém, o caso é di-
ferente: num dos espectá-
culos em cena em Lisboa
grande parte do público
pateou, recentemente, um
dos números, a gíndio de
forma espontânea. Outra
parte da assistência aplau-
diu — e os aplausos cresce-
ram de intensidade quan-
to mais sonora se tornava
a pateada. Na realidade,
mal algum veio ao teatro
e ao espectáculo em virtu-
de desta saudável e disci-
plinada confrontação. Pelo
contrário: os espectadores
que não gostaram saíram
com a satisfação de terem
participado amplamente,
combatendo o que lhes pa-
receu legítimo combater. Os
que gostaram tiveram a
oportunidade de aplaudir o
que lhes parecia legítimo
defender. Quanto aos ar-
tistas da companhia e aos
responsáveis pelo espectá-
culo, com certeza que fica-
ram satisfeitos por terem,
nessa noite, um público en-
tusiástico e atento.

J. B.

CHOCOLATES TACIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

a grande metalurgia de que
a arte do País necessita...

O teatro que dentro em
pouco tempo abrirá as suas
portas ao público de Lisboa
é quase um teatro de brin-
quedo. Ocupa, no total das
suas instalações, uma área de
300 metros quadrados, dos
quais 156 serão utilizados
na sala propriamente dita. A
lotação está calculada para
105 espectadores, podendo
admitir 150, dado que tudo
no pequeno teatro se passa
em função do palco, ou seja
em função do teatro. Se, por
exigências de encenação, o
espaço para o palco diminuir
aumentará a plateia.

Daqui se infere um total
abandono de intuítos lucratí-
vistas, comerciais. Tudo se
processa ao nível do «teatro
por amor» para utilizar a ex-
pressão de Viriato Camilo.

«Primeiro acto — clube
de Teatro aguarda para bre-
ve a homologação oficial dos
seus estatutos. A comissão
organizadora é constituída
por Eduardo Pedrosa, Ar-
mando Caldas, Viriato Portu-
gal, Jorge Ferreira da Silva,
Luís Madeira, Ezequiel Silva
e Alberto Guerra.

Esta comissão, porém, cien-
te de que para maior rendi-
mento nada pode substituir
o trabalho colectivo, rodeou-
se de comissões para fun-
ções específicas. Três dessas
comissões encontram-se já
constituídas. Da «comissão
artística», cuja função é an-
alisar e apreciar as encena-
ções propostas e as condi-
ções de trabalho própria-
mente de carácter teatral,

participam Rogério Paulo,
Carmen Dolores e Fernando
Gusmão; da «comissão de
leitura de peças» fazem par-
te Carlos Porto, José Carlos
de Vasconcelos (nosso cama-
rada de redacção) e Jorge
Ferreira da Silva; da «comi-
issão de actividades infantis»
participam Paulo Correia
da Fonseca, Silvina
Blanco, Teresa Vigos e Alice
Vassalo Pereira, prezada co-



... mais uma pedra para o Teatro,

laboradora do nosso jornal.

Os arquitectos Nuno Teó-
tonio Pereira, Luís Moreira
e Gastão Cunha, bem como
o pintor Octávio Clérigo, têm
dado um esforço decisivo e
em absoluto desinteressado
para a construção do novo
teatro de Lisboa. Não devem
igualmente esquecer-se os no-
mes dos engenheiros Carlos
Pereira Matias, Lucas e Da-
maso que tiveram de resol-
ver os delicados problemas

de iluminação e acústica.

Tudo isto se aponta apenas
para sublinhar como se en-
caravam a sério as grandes
questões levantadas pela pe-
quena sala de espectáculos
de que Algés virá a orgul-
har-se em breve. E não Al-
gés somente, mas também
Lisboa. Isso já compreende-
ram algumas grandes firmas
comerciais que se puseram à
disposição de «Primeiro
Acto-Clube de Teatro». Bom

seria que outras lhes segui-
sem o exemplo. A constru-
ção de um teatro não é ne-
gócio privado: diz-nos res-
peito a todos nós. O amor
pelo teatro vai certamente
manifestar-se com o apoio
indispensável ao «Primeiro
Acto» por parte da Câmara
Municipal de Oeiras, que não
pode alhear-se de tão impor-
tante acontecimento.

Um teatro que nasce — é
o Teatro que renasce...

MEDIDAS CONTRA A ASFIXIA

EM 23 DE JULHO deste ano o sr. José António Ferreira
Barbosa, presidente da Corporação da Pesca e Conser-
vas, disse ao nosso jornal: «Há necessidade de uma rigo-
rosa disciplina no comércio português da exportação,
até para evitar que as dificuldades de momento, porven-
tura superáveis a mais ou menos longo prazo (...), não
nos levem a perder a cabeça e a sacrificios mais cruen-
tos do que aqueles que seriam verdadeiramente neces-
sários. Essa disciplina deve alicerçar-se em bases que
permitam aos industriais e exportadores de conservas de
peixe superar dificuldades momentâneas e evitar-lhes
precipitações na oferta que, longe de resolverem essas
dificuldades, as agravam».

Afirmou também o nosso
entrevistado, que é procura-
dor à Câmara Corporativa e
foi deputado e presidente da
 direcção do Grémio dos In-
dustriais de Conservas de
Peixe do Norte:

— Há necessidade de uma
política de perfeita com-
preensão entre a pesca e as
conservas, de uma política
que coloque no seu devido lu-
gar os laços de complementa-
ridade e de real identidade
de interesses que as ligam en-
tre si. Seria evidentemente
de toda a conveniência —
até para que se pudesse, no
futuro, planificar uma verda-
deira política económica da
nossa actividade — que o
preço do peixe se estabilizás-
se em condições viáveis para
as duas actividades, evi-
tando aquilo que se verifica
em resultado do actual siste-
ma de vendas nas lotas e que
se traduz para as conservas
num desconhecimento com-
pleto e permanente do real
prix de revient do seu produ-
to, sujeito nesse aspecto a
variações continuas que che-
gam a atingir a ordem dos 30
por cento em relação a uma
média, e para a pesca na ig-
norância de qualquer ideia

antecipada do rendimento
provável da sua produção pa-
ra além daquela incerteza
que lhe resulta já das con-
tingências naturais a que está
sujeita e contra as quais pou-
co ou nada pode.

Esta longa citação conti-
nua a ter a actualidade que
tinha há cinco meses. E serve
para vincar desde já dois as-
pectos fundamentais:

— o sector das conservas
nem sempre faz, como se im-
põe, a necessária prospec-
ção e estudo intensivo dos
mercados internacionais: dis-
so parecem ser responsáveis
os produtores-exportadores
de menores recursos, mas tal-
vez a pecha se manifeste a
nível mais elevado;

— não há a compreensão,
a interligação, a conjugação
que devia haver entre as con-
servas e a pesca (não há
uma política), disse o presi-
dente da Corporação, e al-
guém tem que formulá-la).

Assim, por falta de matri-
dade de certos executores di-
rectos e também por falta de
meios mais estimulantes de
execução (as duas faltas in-
terpenetram-se ao longo da
crise), há quatro anos que as
conservas estagnam de for-

ma assustadora. Impõe-se
concretamente o quê? Uma
revisão total de dois sectores,
gente oxigenação daquele que
aqui nos ocupa (conservas).
Em resumo, e já que foi dito
pelo presidente da Corpora-
ção: impõe-se uma política.

Abastecimento de pescado

Ela podia começar dando a
preferência ao abastecimento
de pescado à indústria con-
serveira. Sem fornecimentos
regulares, já o dissemos, o
sector agravará ainda mais
a sua situação, que trará gra-
ves prejuízos à economia na-
cional: a indústria de conser-
vas exporta anualmente cer-
ca de um milhão e quinhem-
tos mil contos, e mais poderia
exportar se houvesse mais
meios para «capturas».

É claro que, entre parêntesis,
deveriam ser tomadas
medidas rigorosas para de-
fender a espécie entre todas
escassa, a sardinha, fiscali-
zando severamente as limpe-
zas de barcos em trânsito,
analisando o teor de poluição
dos rios (especialmente do
Tejo no seu troço final), ras-
treando quaisquer possíveis
incidência da limpeza de do-
cas, prospectando a possível
influência perniciososa que um
terminal petrolífero como o
de Leixões virá a ter (ou
não) nas águas vizinhas, etc.,
etc.

Tudo isto implica um estu-
do aturado. A sanidade futu-
ra da indústria conserveira
exige-o. Mais: deu-se qual-
quer andamento ao aviso ex-
presso no II Congresso In-
ternacional de Oceanologia
sobre os malefícios da pesca
intensiva? Estamos a traba-
lhar coordenadamente com
especialistas de outros pa-
íses?

Porque a verdade é esta:
em 1964 pescámos 157 022 to-
neladas de sardinha (85 573
toneladas foram fornecidas à
indústria conserveira); em
1965 descemos para 136 154
toneladas; em 1966 descemos
ainda mais, já que o total da
safra ficou por 121 934 tonela-
das; em 1967, finalmente, só
lográmos retirar das águas
113 228 toneladas, entregando
à indústria conserveira uma
quantidade que muitos cha-

mam «ridícula»: 47 020 tone-
ladas.

Matérias-primas e exportação

Quanto às matérias-primas
de apoio, e porque se não co-
nhecem, neste momento,
quaisquer reacções do sector
conserveiro à portaria do pas-
sado dia 8 sobre o azeite (a
propósito da campanha olivi-

CONSERVAS: BALANÇO DE UMA CRISE

4

cola de 1968-1969 e seus re-
flexos no abastecimento),

Revertendo ao problema do
abastecimento imediato, há
que coordenar a corrente pes-
ca-conservas, reservando, se
possível, um certo quantitati-
vo para as conservas (falou-
se já em 60 por cento da sar-
dinha), a preço competitivo
(o ideal seria um preço com-
petitivo e fixo, como sucede
em Marrocos) e com a preo-
cupação da qualidade. Coope-
rativa ou Central de Vendas,
ideia que já andou no ar, ou
outra por ela — a situação
reclama decisões rápidas.

Evidentemente que aqui en-
trariam em linha de conta
com a tão reclamada «rede
de frio»: a implantação de
meios frigoríficos, não só fi-
xos (em terra) como flu-
tuantes (aumento da capaci-

dade frigorificadora da nos-
sa frota pesqueira).

Impõe-se também o estabe-
lecimento de uma forma de
seguro à exportação. Estamos,
também aqui, no domínio
das decisões urgentes.

Derivação para outros produtos

Não queremos encerrar es-
tes considerandos, talvez de-

A
B
C
D
Um
«in-
u m
Ber-
n
U
man
riga
entr-
da
afog-
metr-
trad-
do
Mar-
Galv-
de
pou-
D
dois
no
do
á E
cabo
Jesu-
reac-
res-
mod-
jame-
emp-
do
pres-
Jana-
a bo-
cima-
se.

A CHUVA DE HOJE BRINDOU LISBOA COM AS INUNDAÇÕES DO COSTUME

Uma rapariga salva «in extremis» por um bombeiro: em Benfica, com dois metros de água

Um bombeiro salvou esta manhã a vida a uma rapariga de 17 anos, entalada entre a ombreira e a porta da residência, e prestes a afogar-se em quase dois metros de água. Foi na Estrada de Benfica, 522, quando o vulto inanimado de Maria de Lurdes Duque Galvão chamou a atenção de um popular. Passavam poucos minutos das 10 e 30.

Dado o alarme, um dos dois homens então presentes no Posto da 2.ª Companhia do B. S. B. — precisamente a Estrada de Benfica —, o cabo n.º 155/S. D., José de Jesus Almeida, acorreu à residência da jovem, um rés-do-chão de construção modesta. A água saía pelas janelas. José Almeida tentou empunhar a porta, libertar do assim a rapariga, mas a pressão da água era de mais.

— Resolvi meter-me pela janela. Os móveis andavam a boiar. Dei um salto para cima da cama e esta virou-se. Fiquei com água pela

cabeça... Por fim, a solução foi agarrar uma alavanca e uma marreta, e rebentar com a porta.

Maria de Lurdes seguiu de ambulância para o Hospital de São José.

Situação vulgar de Inverno

Uma situação de Inverno descrita pelos homens da meteorologia como «vulgaríssima» — depressão centrada a noroeste do território continental, a provocar aumento da precipitação de chuva — foi hoje bastante para complicar a vida da capital, cortando o trânsito em vários pontos nevralgicos onde a água se acumulou com maior força.

O Batalhão de Sapadores Bombeiros mobilizou a quase totalidade do pessoal (e nada menos de 70 viaturas). Locais mais flagelados: Campo Pequeno, Entre-Campos, Alameda das Linhas de Torres, Alcântara, Xabregas e Caminhos de Ferro. Por felicidade o Tejo estava a meia maré (a preamar fora às 7 e 30) e não saturou a rede de esgotos como noutras ocasiões.

Mesmo assim vários automóveis ficaram imobilizados, a partir das 10 da manhã, nas imediações de Entre-Campos, nomeadamente no termo da Avenida da República, por baixo da ponte.

Um informador da Carris descreveu a situação como «complicada» e deu conta de várias interrupções de carreiras. No Largo de Alcântara, entre as 10 e 30 e as 11, a passagem ficou cortada para os carros eléctricos, enquanto os autocarros, sem poder virar para a Rua Vieira da Silva, utilizavam em recurso a Rua de Alcântara.

Em Xabregas e nos Caminhos de Ferro — zona marítima — durante um bom par de horas o tráfego foi «asfiziado». Os eléctricos não passaram de modo nenhum, e os autocarros, com a área dos Caminhos de Ferro livre, tiveram dificuldades em Xabregas, onde o arruamento por baixo da ponte estava cortado pelas águas. Transtorno — e grande — para os utentes das carreiras n.ºs 18, 24 e 42.

No Campo Pequeno foram afectadas, a partir das 10 e 30 e por longo espaço de tempo, duas carreiras de eléctricos (n.ºs 2 e 3). Mais à frente, na Alameda das Linhas de Torres, imediações da entrada para o bairro da Quinta das Mouras, a inundação também não deixaria passar o eléctrico n.º 2...

Outro ponto crítico foi o Dafundo, perto do Aquário. Neste caso, o eléctrico n.º 15 ficou bastante tempo impedido de avançar para lá de Algeis.

Dr. Afonso Marchueta

Teve a gentileza, que agradecemos, de vir ao «Diário de Lisboa», apresentar cumprimentos, o sr. dr. Afonso Marchueta, governador civil de Lisboa.

O muito é feito de poucos. Ganhando menos consegue-se mais.
GRANDE OUIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Torre



de Babel

por João Medina

NOVAS AVENTURAS DE GULLIVER: A ESCALADA

Entre os costumes dos atupalianos, um me pareceu particularmente bizarro e sem paralelo nos países europeus: refiro-me à «escalada», isto é, todo esse ciclo de cerimónias, comportamentos e provas que formam uma instituição nacional multissecular que os habitantes da ilha veneram e conservam como uma reliquia de grande valor, não obstante os surpreendentes progressos das luzes no nosso Globo, mesmo nas recuadas regiões onde se situa Atupal (*).

A «escalada», explicou-me um indígena de nome Ashram, destinase sobretudo a seleccionar aqueles que virão um dia a reger a vida de Atupal e consiste num concurso aberto entre aqueles que, dum modo ou doutro, ambicionam os lugares proeminentes na hierarquia atupaliana. Esse certame está aberto a todos os que tenham feito os estudos secundários e ultrapassem os dezoito anos de idade. Para escolher aqueles que hão-de um dia merecer o título sumamente cobiçado de «nardik» (*), o governo da ilha instituiu há vários séculos atrás uma espécie de prova de paciência e obstinação que se desenrola todos os anos na montanha de Kaff, a três dias de coche de Opisylo. É ali, nessa modesta elevação que não excede sequer os dois mil pés de altura, que os candidatos ao «nardikaet» se prestam à gama complexa de provas exigidas para a obtenção do título. Nas faldas da montanha existe uma cidadezinha, chamada Bramiko, que vive da presença dos milhares de candidatos anuais, já que estes passam a maior parte do tempo em diversões, descantes e passeatas pelos arredores, aliás formosos e providos de boas estalagens.

As provas exigidas aos candidatos consistem dum modo geral em pequenas escaladas periódicas a este ou àquele penedo do Kaff, a par de um ou outro concurso menor como, por exemplo, decorar e recitar o «Koob» (*) do fim para o princípio, percorrer a pé-cortinhos todas as ruas de Bramiko, capturar à mão quinze mil moscas, trazer para latim a gazeta diária e outras competições igualmente úteis e divertidas. Ao fim de cada ano civil, o futuro «nardik» deve escalar sozinho e de gatas um dos cinco mais elevados rochedos do Kaff, seguido por um «arkinardik» que lhe vai perguntando, versículo por versículo, o texto integral e invertido do «Koob»; estes «arkinardiks» são os examinadores oficiais dos candidatos e formam uma espécie de confraria, aliás muito fechada e zelosa dos seus privilégios tradicionais. Realizada a prova anual da escalada, o candidato recebe um rectângulo azul com a menção «Tug», «Arkitug», «Sehrtug» ou «Untertug». Ao fim de cinco anos, o candidato reúne os cinco cartões e apresenta-se a uma comissão de «arkinardiks» para a prova final.

Os «arkinardiks» reúnem-se numa sala do maior palacete de Bramiko e, depois de terem assistido ao «saffede» (*), conferem com muita solenidade o grau de «nardik» ao candidato. Este abandona então Bramiko e parte para a capital para ganhar a vida ou para viver «nardikalmente», isto é, dos seus rendimentos. Mas em que consiste exactamente o título de «nardik»? — perguntei uma vez a um dos muitos «nardiks» que tive oportunidade de conhecer em Atupal. Explicou-me esse indígena que o título tinha uma importância

mais moral do que legal, consistindo sobretudo e quase que exclusivamente no direito que o antigo estagiário do Kaff tinha, uma vez terminada a sua escalada, de mandar imprimir um «Nd» nos cartões de visita, assim como de usar os «sornutoks», sapatos de duas polegadas de tacão, além da regalia muito apreciada de poder atar duas fitas azuis à peruca; todos estes atributos simbólicos conferiam grande eminência aos nardiks, permitindo-lhes além disso serem facilmente identificados na rua, no café ou em sociedade. Uma pessoa de qualidade em Opisylo notava-se tanto pelos brasões do seu coche como pelas insignias vistosas do «nardikaet». Para quê, então, perder tantos anos em escaladas aliás ridículas e inúteis quando basta um pequeno acrescento tipográfico para convencer os outros de que se faz a escalada e o saffede? o nardikaet não passa afinal duma espécie de chapéu que se pode roubar...

Strasbourg, Janeiro de 1969.

(*) Sobre a estadia de Gulliver em Atupal, vide os fragmentos publicados anteriormente no «Diário de Lisboa», de 3-V-1968 e 14-IX-68.

(*) Segundo Maurice Grivoix e J.-C. Hurlot-Berlut, «nardik» viria do radical «narr» («escalar», «arguto», «sabedor») e do sufixo de agente «dik».

(*) O «Koob» é uma espécie de Bíblia dos atupalianos e data de 800 a. C.

(*) As origens desta cerimónia perdem-se na noite gótica; para se apresentar ao «saffede», o candidato tem que pagar uma joia avultada, de modo que só os atupalianos mais abastados podem de facto aceder ao «nardikaet» (veja-se A. Dringnachten, «Einführung in die vergleichende Volkskunde» (Potsdam, 2 vol., in-8.º, 1704).

FIXIA

ra da nos-
)
imas
ção

rias-primas
se não co-
momento,
do sector
ria do pas-
o azeite (a
manha olivi-

RISE

e seus re-
amento),
mente n-
e na folha
ede-se bo-
industrial
senção do
tituição do
que. Temos
considerar:
adoim pela
nal (ma-
á) de folha

a o estabe-
forma de
o. Estamos,
o domínio
ntes.

outros
ncerrar es-
talvez de-

masiado longos, sem o registo de uma opinião que ouvimos repetidamente: porque não facilitar a derivação da indústria de conservas de peixe em molhos para outros produtos?

Poderia tomar-se como exemplo a posição dos conserveiros marroquinos, que têm peixe quase três vezes mais barato e são autorizados, quando necessário, a derivar para as frutas e leguminosas.

O «processo conservas» é terrivelmente complexo. Julgamos ter sublinhado essa complexidade e demonstrado, apesar de tudo, que cabe aos homens de acção resolver os problemas da inércia. «Da indústria de conservas, com raras excepções, poucos aguentarão para além de 1969», afirmou-nos um industrial responsável. Estamos solidariamente implicados na tarefa de evitar que essa ameaça se concretize.

Entretanto, das medidas apontadas e pedidas superiormente para a isenção de direitos às matérias-primas, verifica-se, com surpresa, um agravamento das condições no que se refere a direitos de uma das principais matérias-primas importadas (a folha de Flandres) que pagava 160\$00 por tonelada, e agora passa a pagar 2200\$00 (pauta mínima) e 4400\$00 (pauta máxima) por tonelada.

Esta decisão encontra-se expressa no «Diário do Governo» de 12 do corrente.

Afigura-se não ser esta a melhor maneira de evitar novas complicações para uma indústria em crise, que já está de momento a braços com sérias dificuldades, as quais estão a atingir o seu limite.



Elisabeth Berghund, famosa entre os suecos como nadadora olímpica (foi uma das mais destacadas participantes nos jogos do México), acaba de se classificar para a final do concurso onde se decide o título de «Miss Suécia». Beleza e fotogenia são as armas de Elisabeth que tem, apesar do eventual veredicto, uma popularidade invejável entre os eleitores

FUNCHAL: problemas do crescimento urbano

FUNCHAL, 9 — Com duas palestras pelo dr. Raul Silva Pereira e arquitecto Nuno Teotónio Pereira prosseguiu ontem à noite, no salão nobre dos Paços do Concelho, o Colóquio de Urbanismo promovido pelo Município local.

Falando sobre «Habitação e urbanismo no Funchal», o dr. Silva Pereira fez uma primeira referência ao crescimento urbano em geral, para aprofundar depois os aspectos sócio-económicos desse crescimento na capital do arquipélago, que é a sua única concentração urbana digna de nota. Abordou em seguida um problema grave, o da habitação, dificultado por aspectos legais e institucionais, custo elevado da construção, rarefação do

funcionamento e falta de terrenos.

O arquitecto Nuno Teotónio Pereira tratou de «Habitação para o maior número», focando sucessivamente os dados essenciais do problema: a habitação como motor de crescimento da cidade, a estrutura urbana e social e a habitação, as necessidades e a escassez de meios, a promoção habitacional e os recursos não aproveitados.

O plano de trabalhos para hoje incluiu, da parte da manhã, uma mesa-redonda sobre «Problemas da habitação», havendo ao fim da tarde mais uma sessão de cinema e à noite duas outras palestras, a cargo dos arquitectos Cabeça Padrão e Ferman do Pessoa.

CONFIE NA

Curiosaria da
GUIA

COMO O FAZ, HÁ QUASE 100 ANOS, UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA

RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)



Contas novas para gente nova



BANCO DO ALENTEJO

Actualidade internacional

JOHNSON CONDEDECORA HÓJE OS TRÊS «APOLONAUTAS»



Esta é uma das fotografias da Lua obtida pelos astronautas da «Apolo 8», a 110 quilómetros de altitude. «Local inóspito e desértico» — assim foi classificado, pelos apolonautas, o satélite da Terra. Na verdade, a foto confirma bem a definição.

WASHINGTON, 9 — (A. N. I.) — Os astronautas Frank Borman, James Lovell e William Anders recebem hoje das mãos do presidente Johnson medalhas comemorativas do seu feito. Na citação que acompanha as medalhas os astronautas são louvados «pela sua extraordinária contribuição para os voos espaciais e para a tecnologia, na primeira aventura do Homem em órbita à volta da Lua».

Depois desta cerimónia, os astronautas, acompanhados pelas suas famílias, dirigem-se em cortejo automóvel para o Congresso, onde os três falam às duas Camaras acerca da missão da «Apolo-8».

Mais tarde, os astronautas dão uma conferência de imprensa, a primeira desde o seu regresso à Terra.

PROVÁVEL PROMOÇÃO DE BORMAN

HOUSTON (TEXAS), 9 — (F. P.) — Frank Borman, comandante da «Apolo-8», irá talvez abandonar os voos espaciais para aceitar um emprego administrativo na N. A. S. A. — soube-se de boa fonte no centro espacial de Houston.

Um responsável da N. A. S. A. disse ser possível «que Borman veja as suas responsabilidades aumentadas e isto num futuro muito próximo».

A concretizar-se tal ideia, Borman seria promovido a general de brigada (é actualmente coronel) da Força Aérea, ficando a ser o primeiro cosmonauta norte-americano com essa patente.

INQUÉRITO DA N.A.S.A.

WASHINGTON, 9 — (A. N. I.) — A N. A. S. A. ordenou novo inquérito ao acidente de Maio de 1968 com um «módulo de exploração lunar», devido ao desastre com um



O astronauta Frank Borman, que, segundo consta, poderá deixar os voos espaciais, assumindo outras funções na N. A. S. A.

engenho idêntico registado em Dezembro.

O segundo inquérito foi decidido pelo dr. Thomas Paine, administrador-geral da N. A. S. A., que também mandou investigar o primeiro acidente. Em ambos os casos, os «módulos» despenharam-se e ficaram destruídos, durante experiências a baixa altitude, na base aérea de Ellington, no Texas. Os pilotos não morreram por terem sido ejectionados a tempo.

Depois do segundo acidente, um informador da N. A. S. A., em Houston, declarou que o programa da primeira descida na Lua ainda este ano poderia ser afectado por aqueles acidentes.

Novos tumultos em San Francisco

SAN FRANCISCO, 9 — (A. N. I.) — Voltaram ontem a registar-se incidentes entre os estudantes e a Polícia na Universidade Estadual de S. Francisco. Foram detidas dez pessoas, incluindo um repórter, e feridos um operador da Televisão e um estudante.

Os tumultos começaram quando duas centenas de estudantes se opuseram às ordens da Polícia que pretendia abrir um corredor por entre os grevistas que se encontravam à entrada do recinto da Universidade. Durante a atitude dos grevistas, 200 polícias, aguentando uma chuva de pedras, de garrafas e outros projecteis, obrigaram os jovens a recuar.

O reitor da Universidade de San Francisco, S. I. Hayakawa queixa-se de que os «piquetes de grevistas dificultaram a entrada no recinto da Universidade aos que queriam ensinar e estudar». Calcula que mesmo assim metade dos estudantes foram às aulas.

«A Polícia compareceu para fazer cumprir a lei. Voltamos a ser o alvo nacional de estudantes radicais que estão decididos a destruir o ensino superior.»

Juristas boicotam cerimónias legais em toda a Itália

ROMA, 9 — (R.) — Magistrados e advogados, realizam hoje uma boicotagem sem precedentes de cerimónias legais em toda a Itália para protestarem contra a

situação caótica do sistema judicial do país.

Ver-se-ão poucas tónicas de veludo vermelho e arminho no sumptuoso Palácio da Justiça de Roma quando o presidente Giuseppe Saragat inaugurará com toda a pompa o novo ano judicial.

Um grupo de juristas rebeldes organizou uma contra-cerimónia na praça de frente do palácio. Outros, desde Turim, no norte, a Bari, no sul, projectam não assistir às cerimónias locais, a fim de manifestarem a sua frustração, acumulada durante anos.

A boicotagem segue-se às repetidas exigências dos advogados de uma reforma completa dos códigos penal e civil italianos. As leis, muitas, datando do regime fascista, são conflituosas, ambíguas e contrárias à constituição.

A NOTÍCIA

MAIS IMPORTANTE DE 1968

NOVA YORK, 9 — (A. N. I.) — O voo lunar orbital da «Apolo 8» conquistou o primeiro lugar entre os mais importantes acontecimentos do ano findo. Esta classificação, segundo a votação da «United Press International» nos Estados Unidos para as «dez histórias mais importantes de 1968», refere-se tanto ao valor da notícia em si mesma como ao significado que encerra.

A votação anual resulta da recolha das opiniões dos jornalistas da U. P. I. na América do Norte. Pediu-se-lhes que escolhessem duas formas de votação, uma sobre a notícia como choque e valor e outra em termos do seu significado.

Como valor, o assassinato de Robert Kennedy mereceu o segundo lugar. Como significado, a eleição de Richard Nixon obteve essa classificação.

Israel tem a bomba atómica?

(Continuação da 1.ª pág.)

mação norte-americanos descobriram que agentes israelitas compravam, há algum tempo, material especial e peças soltas que só podiam ser utilizadas no fabrico de bombas atómicas.

A N. B. C. citou, finalmente, um perito da Comissão de Energia Atómica segundo o qual é possível fabricar um engenho atómico eficaz sem o ter experimentado antes.

O INTERCÂMBIO COMERCIAL LUSO-ESPAÑHOL

MADRID, 9. — (A. N. I.) — Nos primeiros nove meses de 1968, o intercâmbio entre a Espanha e Portugal alcançou 3704,3 milhões de pesetas, contra 3018,1 milhões no mesmo período de 1967 — anunciou a Direcção Geral das Alfândegas espanholas.

Naquele período, as importações e as exportações da Espanha, no comércio com Portugal, totalizaram, respectivamente, 835,1 milhões e 2869,2 milhões de pesetas.

REJEITADA PELO LÍBANO UMA NOTA DE ISRAEL

TEL AVIV, 9 — (R.) — O presidente do Líbano Charles Helou rejeitou uma nota do primeiro-ministro de Israel Levi Eshkol. Em que este lhe pedia para reduzir as actividades dos activistas anti-israelitas no seu país, anunciou hoje o jornal vespertino «Maariv».

A nota israelita foi transmitida durante um encontro entre funcionários do Líbano e de Israel «algures na fronteira», após o ataque israelita de 28 de Dezembro no aeroporto de Beirut.

O jornal afirma que dois dias depois, da nota ter sido entregue foi devolvida a Israel por um funcionário superior das Nações Unidas.

Os libaneses declararam que uma nota daquele teor deveria ter sido transmitida por outros meios e não durante uma reunião na fronteira convocada com uma finalidade diferente. A notícia do «Maariv» acrescentava: «Pensa-se que Eshkol escreveu ao presidente Helou afirmando-lhe que logo que os guerrilheiros reduzam as suas actividades no Líbano, a fronteira entre os dois países gozará de um longo período de tranquilidade. O objectivo da nota era fazer voltar a calma à região da fronteira com o Líbano e evitar um agravamento da situação».

ÚNICA SOLUÇÃO

CAIRO, 9 — (A. N. I.) — A «Luta armada» é a única ma-

neira de solucionar a presente crise — afirmou aos jornalistas o ministro sírio do Interior, Muammad Eid Axawi, antes de partir do Cairo, de regresso a Damasco, com uma mensagem do presidente Nas-

ser para o presidente Nuredin Axawi, que esteve quatro dias no Cairo em visita oficial, declarou que os árabes apreciam as diligências soviéticas para se encontrar uma solução da crise, mas recor-

dou que o enviado especial das Nações Unidas, Gunnararring, viu malograda a sua missão de paz.

«O povo árabe» — afirmou — «deve recorrer à luta e à guerra popular».



Barreira metálica erguida pelos israelitas, no vale de Beisan, como parte das medidas contra a infiltração de guerrilheiros árabes

O orçamento argentino não satisfaz os partidários da expansão

BUENOS AIRES, Janeiro — Adalberto Krieger Vasena, ministro da Economia, apresentou recentemente as linhas gerais do seu orçamento para 1969. O Governo do general Onganía apoiado por um vasto sector da opinião pública, soube resistir às pressões dos meios industriais e financeiros. Conseguiu deste modo aumentar os níveis de rendimentos mínimos sujeitos a impostos, o que permite compensar em certa medida o aumento médio de 8 por cento dos salários, considerado insuficiente pelos sindicatos.

Os únicos privilegiados serão os membros das forças armadas, os serviços de segu-

rança e os magistrados que receberão um aumento substancial dos seus ordenados e

Por
HENRY JANIÈRES

beneficiarão de uma modificação no seu estatuto.

Os outros funcionários — incluindo o pessoal do ensino, em sua opinião, particularmente mal retribuído — terão de contentar-se com o aumen-

to concedido a todos os assalariados.

De facto o orçamento de 1969 não traz mudanças sensíveis à situação económica e social do país. Excepto algumas modificações de pormenor, como a restrição das despesas e um aumento de 20 por cento dos investimentos públicos. Um «déficit» previsto de 35 bilhões de pesos em vez de 48, nada muda quanto à política económica baseada na manutenção da estabilidade.

Os partidários da expansão deploram esta «estagnação» e fazem notar que uma profunda reforma do regime fiscal que permitisse ao Estado aumentar o total dos seus investimentos assim como um aumento mais substancial dos salários no mês de Janeiro teriam dado novo impulso ao mercado interno. Esta mudança de orientação pode parecer justificada, tendo em conta o equilíbrio precário da balança comercial que poderá impelir o país a procurar no mercado interno as origens de uma expansão sempre prometida e sempre adiada. Pode igualmente avaliar-se que a prudência de que a equipa económica dá provas desde Março de 1967 tornou o país suficientemente forte para de frontar a política mais audaz que os meios expansionistas e os sindicatos reclamam.

Exclusivo «Le Monde» — «Diário de Lisboa»

«RAPTORES ANÓNIMOS» — associação italiana cujos componentes estão a ser julgados

MILÃO, 9 — (R.) — Um fabricante de bonecas falido é um dos três réus que começaram ontem a ser julgados por um tribunal desta cidade, acusados de formarem uma associação de «raptores anónimos».

A acusação formal afirma que a organização planeava raptar ricos industriais milaneses e pedir por eles grandes resgates.

Segundo o libelo acusatório, o grupo tinha o centro em Milão equipado com marcas diferentes de pistolas e silenciadores, um alvo simulado humano cheio de buracos de balas, cartas de chantagem e fotografias e filmes de pessoas ricas e importantes.

As planeadas vítimas incluíam, segundo se alegou, o fabricante dos automóveis Fiat, Gianni Agnelli.

O principal réu é o fabricante de bonecas, dr. Alfredo Bozzi, de 52 anos, acusado de associação criminosa, de falsificação e de roubo de documentos.

Vittorio Zoli, de 30 anos, um detective particular que se alegou ter sido contratado para vigiar possíveis vítimas, que mais tarde se queixaram dele à Polícia, foi acusado de associação criminosa, assim como o terceiro réu, Michele Abbatisia, de 29 anos.

O dr. Bozzi negou que fosse o chefe da quadrilha, afirmando que fora contratado por um francês, que sabia apenas chamar-se Dupont, para estabelecer o centro.

O julgamento foi interrompido, para que o dr. Bozzi seja submetido a exame psiquiátrico.

TERCEIRO SATÉLITE CANADIANO

OTAWA, 9 — (A. N. I.) — O Canadá vai lançar, na última semana deste mês, o seu terceiro satélite artificial, o «Isis A» — anuncia-se oficialmente em Ottawa.

O «Isis A» será o primeiro satélite canadiano a explorar as camadas mais altas da atmosfera e a ionosfera. O lançamento será feito da base aérea de Vandenberg, na Califórnia.

O primeiro satélite canadiano, o «Alouette 1», foi lançado em 1962 e ainda continua a enviar todos os dias, durante algumas horas, dados científicos para a Terra. O «Alouette II», colocado em órbita em 1965, também continua a funcionar.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalho de Carvalho, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.



Manifestação de bialfenses em Londres, coincidindo com a conferência dos países da Comunidade Britânica

SOPHIA LOREN E CARLO PONTI QUEREM AGORA UMA RAPARIGA

GENEVA, 9 — (A. N. I.) — O produtor cinematográfico Carlo Ponti e sua mulher, a actriz Sophia Loren, já planearam a sua próxima «produção» familiar.

«Esta vez vai ser uma rapariga — disse Ponti — e até já tenho o nome para ela: Penélope. Mas nós queremos mais filhos, muitos mais».

Carlo Ponti, que se proclamou o homem mais feliz sobre a Terra quando Sophia deu à luz um menino com três quilos e meio, ficou tão contente que prometeu financiar a criação, em Genebra, de uma maternidade para as mulheres pobres que requeiram o mesmo tratamento especial que sua mulher.

Segundo círculos bem informados, a verba necessária para este empreendimento aproxima-se do milhão e meio de dólares (42 750 contos).

AVIÃO DEVOLVIDO POR CUBA

BOGOTÁ, 9 — (A. N. I.) — O Governo de Cuba autorizou ontem à noite o regresso à Colômbia do «DC4» da companhia de aviação colombiana Avianca, que fora desviado para Santiago de Cuba 24 horas antes, com sessenta pessoas (56 passageiros e quatro tripulantes) — anunciou em Bogotá um informador da companhia.

O informador acrescentou que desconhece quantos dos ocupantes do aparelho foram autorizados a regressar à Colômbia.

NIXON: 56 ANOS DEZANOVE MORTOS EM INCÊNDIOS NA AUSTRÁLIA

NOVA YORK, 9 — (F. P.) — Richard Nixon, presidente eleito dos Estados Unidos, faz hoje 56 anos. Ontem, Nixon passou a maior parte do dia a redigir o discurso que pronunciará em 20 do corrente, quando tomar posse do seu

O encarregado da publicidade, Robert Siegrist disse aos jornalistas que as despesas com o baile se elevariam provavelmente a cerca de 250 000 dólares, enquanto a receita líquida com a venda de bilhetes atingiria, pelo menos, 750 000 dólares.

Acrescentou que metade dos lucros seria destinada ao pagamento de outras despesas da investidura. O restante seria distribuído por obras de beneficência pela nova primeira dama, senhora Patricia Nixon.

MELBOURNE, 9 — (A. N. I.) — Dezanove mortos, centenas de feridos e mais de cem casas destruídas, além dos prejuízos causados às florestas, é o trágico balanço dos incêndios que têm alastrado pelo estado australiano de Vitória.

A localidade mais afectada

foi Lara, 56 quilómetros a sueste de Melbourne, onde morreram dez pessoas.

As temperaturas têm-se mantido acima dos 37 graus centígrados.

A Polícia revelou que 1200 corporações de bombeiros e 12 mil voluntários e municipais combateram durante o dia de ontem 76 fogos. Na maioria, ficaram dominados ao cair da noite e, mais tarde, as chamas apenas se avistavam à volta de Bendigo, num vasto semicírculo, de 80 quilómetros a noroeste até 32 quilómetros para sul.

Dos três incêndios que atingiram maiores proporções e que ainda não foram dominados, o mais grave é o que deflagrou nas proximidades do monte Cameron, 290 quilómetros a norte de Melbourne.

Prisão da proprietária do «Correio da Manhã»

RIO DE JANEIRO, 9 — (F. P.) — Níomar Sodré Bettencourt a proprietária do jornal oposicionista brasileiro «Correio da Manhã», que foi presa pela polícia política na terça-feira, passou a noite de terça para quarta na prisão de São Judas Tadeu, do Rio, juntamente com presas de direito comum.

Os dois directores do mesmo jornal, Nelson Faria Baptista e Osvaldo Peralva, encontram-se presos em local desconhecido, depois de terem permanecido algum tempo na sede dos serviços de polícia política (S.O.P.S.).

Dois fotografos que procuravam tirar fotografias dos dois jornalistas, no momento da transferência, foram também presos. O «Correio da Manhã» — tinha sido apreendido na terça-feira de manhã, por publicar um editorial contendo graves acusações de corrupção contra o ministro da Justiça, Gama e Silva.

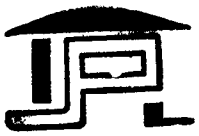
Segundo fontes ligadas à Polícia, Níomar Bettencourt recusou-se a responder aos interrogatórios e a envergar

o uniforme de reclusa. Diz-se também que adoptou uma atitude particularmente agressiva para com os agentes da polícia política.



«Se te furarem o olho esquerdo, oferece o teu olho direito...»

(Desenho de Tim em «Le Monde»)



DINHEIRO!...

APLIQUE-O EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

EM

Andares de 2 a 10 divisões ou em apartamentos, mobilados no centro da Amadora, na Reboleira, na Venda Nova e em Paço d'Arcos

180 CONTOS RENDEM-LHE 1.125\$00 MENSAIS

Garantido no acto da escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar.

Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente. Só vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização. Informe-se nos nossos escritórios porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos.

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53 4.º, Esquerdo — Telefones 45843 - 47843

QUELUS: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 952021/22

REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 933670.

AZULEJOS

AZULEJOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS DESDE \$55 E 1\$50

Preços sem concorrência em Banheiras de chapa esmaltada e ferro fundido (esmaltados) Cerâmicos sanitários, ferragens, ferramentas, tintas e drogas.

Distribuidores para os Distritos de Lisboa e Setúbal dos produtos da Fábrica Valverde da Marinha Grande, tais como, painéis, portas extensíveis, plásticos canelados para revestimentos e decoração de lambrins e tectos em estabelecimentos e salas.

Queluz — Rua D. Maria I, 30 — Tel. 952021/22.

Amadora — Praça Padre Eduardo Ferreira do Amaral n.º 3 A — Tel. 934005.

BOAS PERSPECTIVAS ABRE O NOVO ANO AO PROGRESSO DA FIGUEIRA DA FOZ

FIGUEIRA DA FOZ, 9 — Em face de diversos melhoramentos, uns já concluídos, outros, no maior número, em curso, torna-se o novo ano esperançoso para o progresso e o desenvolvimento da cidade, principalmente no que se refere à zona do Bairro Novo, a qual está a ser alargada, dadas as crescentes necessidades da população permanente e da numerosa colónia banhistas.

Merecem especial referência os novos arruamentos a norte daquele bairro, a cruzarem-se com a grande Avenida das Abadias, eng.º Arantes e Oliveira, de acesso ao Liceu Nacional, construído e já em actividade, e a ligarem, depois, com o populoso Bairro Escolar do Pinhal por uma via directa que será percorrida em dez minutos, quando esse percurso se faz agora em cerca de trinta.

A cruzar com aquela importante Avenida das Abadias, foram abertas três belas artérias: Dr. Luís Carrilho, São João de Deus e dr. Bissaya Barreto, todas, já com modernos e agradáveis edifícios residenciais.

A nova zona do Cruzeiro, a nascente, bem como a das Abadias, saíram de campos de cultivo, o que proporciona à cidade um maior desenvolvimento da sua importância.

A serra da Boa Viagem

Na serra da Boa Viagem notam-se, também, os progressos da iniciativa particular. São casas aereas, belos arruamentos, esplanadas convidativas ao repouso, etc. Na povoação, que não tem grande número de habitantes, há até dois clubes modestos, de gente rural, que construíram as suas sedes próprias à custa de muito

sacrifício, de muita dedicação e de alguns donativos. Que a acção oficial acompanhe a iniciativa particular, são os votos de todos para o aformoseamento de tão aprazível local.

CARRO SOB CAMIÃO — UM MORTO

FARO, 9 — Um automóvel guiado pelo funcionário da Embaixada alemã em Paris, sr. Vítor Manuel da Piedade Carlos, foi enfiar-se sob o rodado trazeiro de um camião que se encontrava estacionado na estrada que liga esta cidade a Loulé.

Do acidente resultou a morte do primo do condutor do veículo, sr. João Carlos dos Santos, de 43 anos, empregado de «café», morador nesta cidade.

COMEMORADO O 31.º ANIVERSÁRIO DO «ALTAR DOS VELHINHOS» (EM ESTREMOZ)

ESTREMOZ, 9. — Uma singela festa realizada na sede do Recolhimento de Nossa Senhora dos Mártires (vulgo Altar dos Velhinhos) assinalou a passagem do 31.º aniversário da fundação da instituição, que alberga actualmente 30 anciãos sem família.

Durante a festa foi distribuído um lanche aos asilados e vários oradores puseram em relevo o valor da obra, evocando especialmente a actividade desenvolvida pelo seu fundador, sr. Luís Abóbora, e os preciosos auxílios que lhe têm sido prestados pelos srs. Luís Maldonado, actual presidente da instituição, dr. Luís Rosado, presidente do município local e ainda pelos beneméritos D. Gertrudes Abelho, já falecida, e sr. Armando Maldonado Cortes.

Produção e venda de vinho e azeite

SANTA CRUZ DO DOURO (Baião), 9. — Estão em vésperas de encerramento os lagares de azeite, que este ano, devido à escassez de azeitona, tiveram safra muito limitada. Assim, prevê-se a subida do preço.

★

Tem-se transaccionado vinho, em grandes quantidades, e a preços à roda de 3500 o litro, o tinto e de 4550, o branco.

HOMENAGEM

A UM BENEMÉRITO

FARO, 9. — Junto do edifício do Instituto D. Francisco Gomes, foi prestada homenagem ao presidente, cessante, da aquela prestimosa colectividade, sr. Aníbal da Cruz Guerreiro.

Ao acto assistiu o governador civil, cessante, sr. dr. Romão Duarte e sr. bispo do Algarve, esteve representado pelo rev. cônego Pardal, notando-se entre a assistência, o comandante da P. S. P. de Faro, e muitas senhoras.

O sr. Aníbal Guerreiro, usando da palavra, manifestou a sua confiança nos novos dirigentes do Instituto. O professor liceal e provedor da Misericórdia, sr. dr. Peixoto de Magalhães fez o elogio do homenageado e da sua obra; e falaram, ainda, o actual presidente da Casa dos Rapazes, um antigo e um actual alunos daquela prestimosa instituição.

Ao sr. dr. Romão Duarte e ao homenageado foram entregues diplomas de sócios honorários daquela prestimosa instituição de recuperação de rapazes da rua, de toda a província, sem qualquer excepção.

FALTAM ESCOLAS CONFORTÁVEIS PARA AS CRIANÇAS

SANTA CRUZ DO DOURO (Baião), 9 — Ao que consta vão ser construídos edifícios escolares em Viariz e Loivos do Monte, para substituírem velhas casas.

Torna-se, porém, urgentíssimo erguer construções nos restantes núcleos que delas careçam e são em numero elevado. A sua falta mais se faz sentir nesta quadra, pelas condições atmosféricas, que são tormentosas e com frios desoladores, tornando-se necessário proporcionar às crianças todo o aconchego possível.

COMUNICADO

A Cerâmica da Madalena comunica que acaba de remodelar toda a sua unidade industrial especialmente no fabrico de azulejos, à base da Técnica Italiana, equipando-se com maquinismos e fornos ultramodernos que lhe permitem o fabrico de produtos de alta qualidade.

É distribuidora exclusiva desta fábrica para os Distritos de Lisboa e Setúbal, de Azulejos e Loijas Sanitárias, a organização J. Pimenta, com estabelecimentos em Amadora e Queluz

MAIS DE QUATRO MIL LEITORES REGISTOU (EM 1968) A BIBLIOTECA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

VILA FRANCA DE XIRA, 9 — Os serviços de leitura da biblioteca-museu desta vila foram utilizados, durante o ano findo, por 4140 leitores, dos quais 2405 do sexo masculino e 1735 do sexo feminino.

O número total de obras requisitadas foi de 2791, das quais 2483 se destinaram à leitura domiciliária. A secção de jornais e revistas foi utilizada por 1380 requisitantes.

Das 46 actividades profissionais exercidas pelos leitores, avulta, em primeiro lugar, a dos estudantes, com 1743, seguindo-se-lhe, por ordem decrescente, os empregados de escritório, as domésticas, funcionários públicos, mecânicos, professores, electricistas, barbeiros, ferroviários, tipógrafos, empregados bancários, comerciantes, carteiros, agricultores, etc.

PROF. DOUTOR EUGÉNIO TROPA

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Sua Família participa que amanhã, dia 10, será celebrada missa, às 12 e 30 horas, na Igreja de S. Sebastião da Pedreira, pelo seu eterno descanso, agradecendo desde já, a todos que se dignarem assistir. Manifesta, ainda, o seu profundo reconhecimento a quantos, de qualquer modo, lhe manifestaram o seu pesar, pedindo desculpa por qualquer falta involuntária.

PRÉDIO PARA DEMOLIR

CAMPO DE OURIQUE

Muito bem situado, composto de r/chão e 2 andares, com 2 inq. por andar, habitaç. de 4 e 5 soafr., cozinha, c/ banho, despensa e marq. RENDAS MUITO BAIXAS DE 400 a 500\$. ANDAR VAGO. Frente de 14 metros.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2.º — Telef. 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

As festas tradicionais na Aldeia de Martim Afonso

SOBRAL DE MONTE AGRAÇO, 9 — Com a alvorada festiva, começam no domingo, na típica aldeia de Martim Afonso, as tradicionais festas em honra de Santo Amaro, seu padroeiro. Em recuados tempos, eram bem modestas tais festas; depois, com o andar dos anos, transformaram-se numa das mais alegres e pitorescas deste concelho e vão sendo valorizadas por novas concepções ao sabor das modernas aspirações e exigências das multitudes.

Martim Afonso é uma po-

voação que vai ganhando popularidade, graças a estes festejos, que atraem inúmeros forasteiros, os quais apreciam o convívio envolvente com a população dessa aldeia quatuorcentista, com paisagens e clima privilegiados, onde há o excelente vinho da região.

A abertura das festas será às 12 horas, com um concerto pela afamada banda de música de Sobral de Monte Agraço, sob a regência do conhecido maestro José Dias Montezinho.

Como habitualmente, haverá quermesse e bailes que têm já grande fama, nos quais colabora o afamado acordeonista Joaquim Neves. No dia 14, o grupo «Amigos de Martim Afonso» organiza as suas animadas «cavalhadas», cuja inscrição está aberta.

No decorrer destas grandes festas, serão eleitas «Miss Martim Afonso» e suas duas damas de honor.

Cada ano que passa há mais animação, mais luz e alegria, numa das mais brilhantes festas de um dos maiores lugares do concelho de Sobral de Monte Agraço, sempre a engrandecer-se.

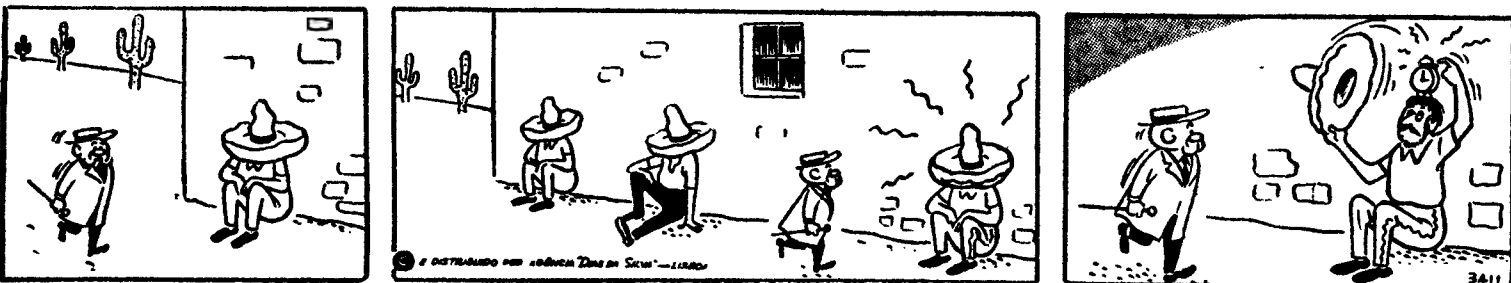
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



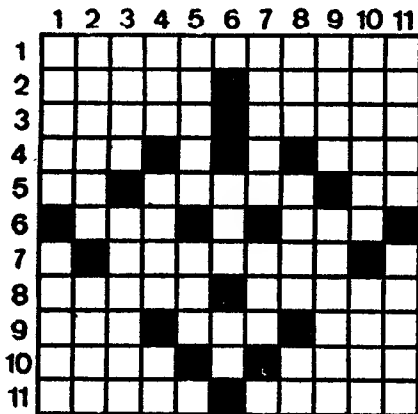
Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)
PROBLEMA N.º 5053

HORIZONTAIS: 1 — Fizeram perder a pista a. 2 — Estimais. Acaricia. 3 — Serra de Portugal. Assasinar. 4 — Para barlavento. Empunhei. 5 — Apelido. Pêlo que largo o pano. Basta. 6 — Curso de água natural e abundante. Artigo definido. Mãe de Romulo e Remo. 7 — Harmoniosas. 8 — Guarnição de arames (inv.). Virgulas dobradas. 9 — Grande quantidade. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Pronome pessoal. 10 — Irmãs das mães. Atraição. 11 — Catafalcos. Verbais.

VERTICAIS: 1 — Nome dum jogo. Termo. 2 — Meter em mala. Trituras. 3 — Cura. Erguas. 4 — Piedosa. Filtrar. Saudável. 5 — Separa. Negativa. 6 — Tanto. Prefixo de negação. 7 — Cidade dos Estados Unidos, na foz do Hillsboro. Chefes políticos. 8 — Azáfama. Rezas. Duas consoantes desiguais. 9 — Rai. Emboscada. 10 — Enfada. Iça. 11 — Nome de mulher. Empregais.

Resolva completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5052

HORIZONTAIS: 1 — Cavar. Apago. 2 — Aca. Cirra. 3 — Calor. Honas. 4 — Até. Ami. 5 — Reno. Asas. 6 — Item. Bati. 7 — Eremuro. 8 — UM. Orób. Pu. 9 — Rim. Coe. Tia. 10 — Imana. Lagor. 11 — Maçar. Amaro.

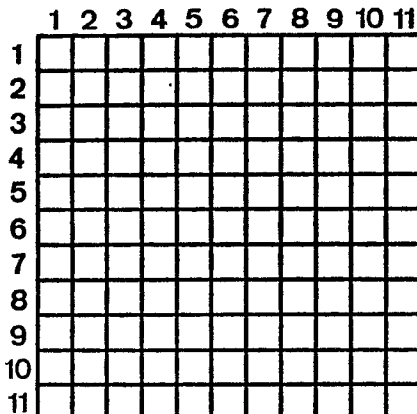
VERTICAIS: 1 — Caçar. Turim. 2 — Acatei. Mima. 3 — VALENTE. Mac. 4 — Aba. Aero. Na. 5 — Raro. Menor. 6 — Moo. 7 — ACHA. Bubela. 8 — Pilo. Aaro. Am. 9 — Arrasto. Agá. 10 — Gramai. Piar. 11 — Oásis. OUTRO.

Provérbio: UM VALENTE ACHA OUTRO.

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 8897

HORIZONTAIS: 1 — Domínio. Molusco cefalópode. 2 — Elemento que entra em algumas palavras com o significado de ar. Mais mal. 3 — Liga. Progenitor. Nome de letra. 4 — Antes do meio-da. Círculo. Aspecto. 5 — Espécie de chibo africano. Pedra preciosa. 6 — Pertences. Artigo definido. 7 — Abreviatura de Santíssimo. Colorado. Artigo definido. 8 — Ouro (s. q.). Serra de Portugal. Seguir. 9 — Trivial. Tempo do verbo seguir. 10 — Lavrem. Inuiga. 11 — Batráquio. Aldeia de Itália. Nesse lugar.

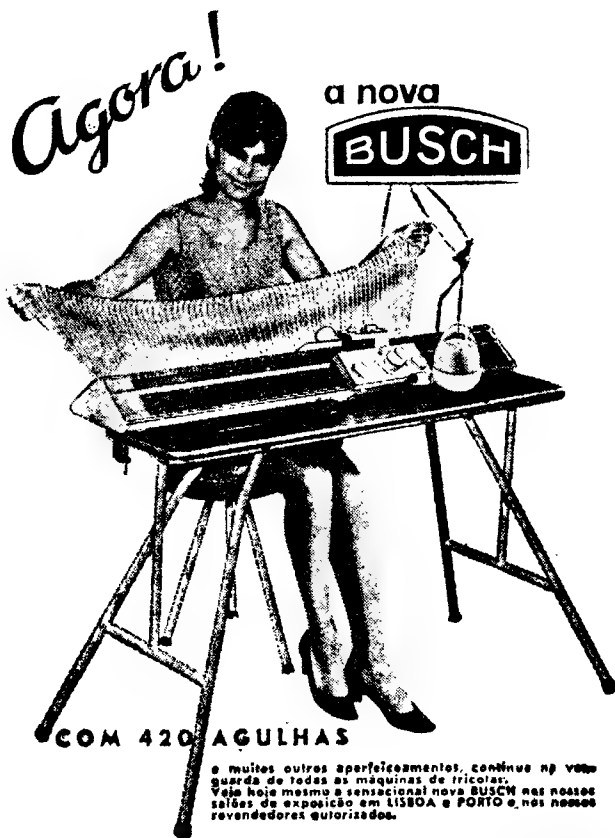
VERTICAIS: 1 — Murmuração. Formar as abas a. Reuma. Transpirar. 3 — Época. Espaço de trinta dias. Neon (s. q.). 4 — Satélite de Júpiter. Cabelos brancos. Sugo o leite materno. 5 — Nome de vários Papas. Óxido de cálcio. 6 — Cidade da Ucrânia, nos margens do Row Mágico. Abreviatura de item. 7 — Ergo. Freguesia do concelho de Penafiel. 8 — Abreviatura que se usa em música. Copa sem mangas. Entontecer. 9 — Nome de mulher. Ocasão. Gália (s. q.). 10 — Membro dum júri. Fechara as asas para descer mais depressa. 11 — Rezaram. Gostai muito de.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8896

HORIZONTAIS: 1 — Ponto. Porto. 2 — A'oi. Piri. 3 — Ras. Cem. Mor. 4 — IV. Pomar. Cá. 5 — Aotos. Ralar. 6 — Ris. Mir. 7 — Presa. Ova's. 8 — Ao. Acala. Rã. 9 — Res. Oia. Mim. 10 — Cria. Acab. 11 — Aardio. Atira.

VERTICAIS: 1 — Pátio. Parca. 2 — Olavo. Roera. 3 — Nas. Trã. Sir. 4 — Ti. Poisa. Aa. 5 — Cossaco. 6 — Tem. Ala. 7 — Marmota. 8 — Op. Raiva. At. 9 — Rim. Ira. MCL. 10 — Troca. Irar. 11 — Oirar. Samba.



Distribuidores Exclusivos:

Soc. de Rep. SIDA-SUECA, LDA.

Av. Fontes Pereira de M. Jo. 15-D Tel. 533111 LISBOA

Norte: Estabelecimentos M. Simões Jr. S. A. R. L.

Rua de Santa Catarina 614 Tel. 32136 PORTO

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA

AO JURO DA LEI A CONFIDENTE

ROSSIO, 3-2.

TELEF. 369384

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 9 de Janeiro de 1939 publicava:

«NOVA YORK, 9 — Foram aqui recebidas, embora com pouca nitidez, as emissões feitas em Londres pela televisão, por iniciativa e direcção da Companhia Inglesa de Radiotelevisão. Este êxito marca um «record», pois a distância entre Nova York e Londres é de 3300 milhas e o mais que até agora oficialmente se tinha conseguido em Inglaterra era 30 milhas. O som ouviu-se bem, mas as figuras eram pouco visíveis. Entretanto, duas ou três vezes pôde distinguir-se as feições das pessoas e foi reconhecida a actriz Joan Miller. Crê-se que as ondas ultracurtas, empregadas na televisão, apenas podem ser captadas a distâncias como as que separam a Inglaterra da América quando se dão certas condições na estratosfera.»

Banco da Agricultura

LISBOA

CONVOCAÇÃO

É convocada a Assembleia Geral deste Banco para, em sessão ordinária a efectuar no próximo dia 24 de Janeiro, pelas 15 horas, e na sua Sede Social:

— Discutir, aprovar ou modificar o Relatório, Contas e mais documentos apresentados pelo Conselho de Administração, bem como o parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício findo de 1968.

Lisboa, 7 de Janeiro de 1969

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

(a) — João Garcia Nunes Mexia

ALUGUER SEM CONDUTOR

CARROS NOVOS - PREÇOS ACESSÍVEIS



Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B

Telef.: 72 76 54 72 49 75 LISBOA

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

CONCURSO PARA A ADJUDICAÇÃO DA EXPLORAÇÃO DO RESTAURANTE E CANTINA DA ESTACÃO DE TUNES

Até às 16 horas do dia 15 do corrente esta Companhia aceita propostas para a exploração dos citados restaurante e cantina, pelo período de três anos, prorrogável sucessivamente por períodos de um ano enquanto convier a ambas as partes.

A base de licitação é de 5 000\$000 por ano e cada concorrente efectuará previamente um depósito de 500\$000 em qualquer estação da Companhia.

As propostas serão feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial e do Tráfego da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, Largo dos Caminhos de Ferro, em Lisboa, acrescentando-se ao endereço, no invólucro, o seguinte:

«Proposta para a exploração do restaurante e cantina da estação de Tunes».

As restantes condições constam do AVISO a afixar nas principais estações.

Em MAFRA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no café e cervejaria Sabino Faria, 18-A.

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Etes	Compre	Venda	Ultramarinas	Etes	Compre	Venda
Consolidado 4 3/4 %	—	—	540\$	Jamantes Angola	1270\$	1270\$	1273\$
Consolidado 5 %	562\$	560\$	565\$	M. a Revue	—	125\$	—
Consolidado 5 1/2 %	—	—	—	M. do Príncipe	—	78\$	79\$
Centenários 4 %	1.490\$	1.490\$	495\$	Moçambique	310\$	320\$	321\$
Douro Tesouro 5 %	1.008\$	—	—	Sonete n	320\$	320\$	321\$
Externo Série A	—	680\$	700\$	Sonete p	44\$	44\$	45\$
Externo Série B	—	750\$	820\$	Lombéze	—	—	—
Externo Série C	—	700\$	790\$				
Externo Série D	—	900\$	—				
Cauteleiros Série A	—	70\$	200\$				
OBRIGAÇÕES							
Agua Lisboa 5 %	—	465\$	490\$				
A P 1 5 % 56	—	960\$	—				
A P 1 5 % 58	—	—	960\$				
A P 1 1/2 % 65	—	910\$	920\$				
C U 1 1/2 % 67	—	—	—				
C U 1 5 % 68	—	1.002\$	—				
C U 1 5 % 68	—	—	—				
Ga Elect 4 1/2 % 48	—	840\$	—				
Ga Elect 4 1/2 % 51	860\$	860\$	870\$				
Ga Elect 5 % 52	—	905\$	910\$				
Ga Elect 5 % 58	—	905\$	910\$				
Ga Elect 5 % 59	—	905\$	910\$				
Ga Elect 5 % 62	—	931\$	—				
Ga Elect 5 % 63	—	910\$	—				
Ga Elect 5 % 65	—	910\$	—				
Ga Elect 5 % 67	1.019\$	019\$	020\$				
H A Alentejo 5 %	—	830\$	840\$				
H A Covado 5 %	—	830\$	—				
H A Covado 5 %	—	990\$	995\$				
H A Douro 5 %	—	830\$	—				
H A Douro 5 %	—	990\$	995\$				
H A Norte Port 5 %	—	—	—				
H A Estrela 6 %	—	—	—				
H A Zêzere 5 % 55	—	835\$	—				
H A Zêzere 5 % 57	—	835\$	—				
Lisboa 6 %	1.001\$	000\$	—				
Metropolitano 4 %	—	892\$	905\$				
Metropolitano 5 3/4 %	1.020\$	018\$	—				
Moçambique 5 %	—	—	—				
Nac Elect 5 %	—	—	—				
Nitrato 5 %	—	—	—				
Nitrato 5 % 60	—	—	—				
Petroquímico 5 %	—	860\$	—				
Port Celulose 5 %	—	—	—				
Saco 5 % 54	954\$	930\$	940\$				
Saco 5 % 60	—	900\$	—				
Siderurgia 5 % 2	—	820\$	—				
Siderurgia 5 % 3	—	820\$	—				
Siderurgia 5 % 4	—	820\$	—				
Sonete 5 %	—	805\$	—				
T A P 4 %	—	905\$	—				
Termoelect Port 5 %	—	—	—				
U E P 3 3/4 %	—	82\$	—				
U E P 4 %	—	82\$	85\$				
U E P 4 1/2 %	—	—	—				
U E P 5 %	82\$	—	82\$				
U E P 5 % 60	—	—	830\$				
U E P 5 % 63	—	—	—				
ACCÓE							
Bancos							
Agricultura	1.000\$	999\$	000\$				
Alentejo	645\$	645\$	—				
Angola	1.695\$	690\$	700\$				
Burav	—	—	—				
Créd. Predal	—	1.920\$	930\$				
E Santo	—	13.700\$	3.850\$				
E Santo n	—	—	—				
Fonseca S. A.	—	—	3.000\$				
L. & Açores p.	—	3.950\$	—				
L. & Açores n.	—	—	—				
P. Atlântico a.	—	—	6.000\$				
Portugal n.	—	—	—				
Portugal p.	—	—	3.850\$				
Totta Aliança	4.750\$	4.700\$	4.770\$				
Ultramarino n.	1.670\$	668\$	675\$				
Ultramarino a.	860\$	855\$	870\$				
Seguros							
Alentejo	—	65\$	70\$				
Douro	—	—	980\$				
Mundo	445\$	440\$	450\$				
Sagres	—	—	—				
Tranquilidade	—	40.000\$	45.000\$				
Ultramarino	—	850\$	—				
Ultramarinas							
Agúcar de Angola	—	150\$	170\$				
Ag. Casseque	—	581\$	590\$				
Ag. Incomati	—	—	—				
Ag. Neves	—	190\$	230\$				
Ag. Tomé e Príncipe	—	—	250\$				
Boror	—	125\$	—				
Buz	62\$	61\$	62\$				
Cabindo	—	134\$	140\$				

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACCÓES (Base Dez. 65-100)

	31/12/68	7/1/69	8/1/69
GERAL	109,4	109,7	109,9
METROP	107,9	108,1	108,3
ULTRAM	120,3	121,3	121,5

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	36\$00	38\$50
América		
Argentina — P. 4	28\$20	28\$60
Bolívia — P. 4	28\$40	28\$80
Brasil — P. 4	26\$30	26\$80
Canadá — P. 4	1\$07	1\$27
Estados Unidos — P. 4	1\$08	1\$15
Francia — P. 4	6\$00	6\$00
Grã-Bretanha — P. 4	3\$9,5	4\$1
Irlanda — P. 4	1\$80	1\$80
Itália — P. 4	67\$00	67\$50
Japão — P. 4	304,5	304,1
Marrocos — P. 4	4\$75	4\$75
Népal — P. 4	5\$3,5	5\$6,5
Noruega — P. 4	5\$30	5\$80
Países Baixos — P. 4	6\$55	6\$75
Polónia — P. 4	3\$65	4\$00
Portugal — P. 4	3\$80	4\$10
Suécia — P. 4	5\$40	5\$70
Ouro		
Inglaterra — P. 4	320\$00	335\$00
Francia — P. 4	240\$00	260\$00
Itália — P. 4	38\$50	40\$00

J. BURNAY, L. DA Notas estrangeiras
RUA DO OURO 72 Papéis de crédito
Tel 321273

QUEIMADOS AO AQUECEREM-SE CONTRA O FRIO

VISEU, 9 — Foram conduzidos ao Hospital de São Teotónio os srs. João Marques de Figueiredo, de 25 anos, de Passos de Silgueiros, que sofreu queimaduras no rosto; António Francisco Mendes Lopes, de 22 meses, de Nelas, queimado num pé, nas mãos e nas pernas; o pequeno António Fernandes Marques, de 11 meses, Rua Silva Galo, com a mão esquerda queimada; e o sr. João Esteves, de 76 anos, solteiro, de Pedras Alancas, também queimado nas mãos — acidentes motivados pelo aquecimento contra o frio.

A FALTA DE MÃO-DE-OBRA PREJUDICA A LAVOURA NAS TERRAS DURIENSES

SANTA CRUZ DO DOURO (Baiao), 9 — Há grande procura de pessoal para os trabalhos rurais em localidades diversas, cuja falta mais agrava a difícil situação da lavoura. Por isso, a produção agrícola tende, nestes meios, a descer consideravelmente, pois muitas terras «estão de velho» e outras são cultivadas sem os cuidados necessários.

Entretanto, os proprietários aguardam das entidades superiores a solução, há tanto tempo ansiosamente aguardada. Também se espera que os produtos agrícolas sejam co-

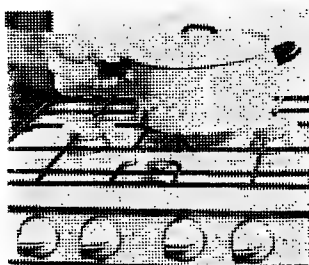
tados ao nível da actual carestia da vida.

O problema da carne
No que respeita aos talhos, não é agradável o que ocorre por essas freguesias além. As reses são abatidas em locais desprovidos de conforto e higiene, e ainda para cúmulo não há veterinário para as inspecionar. Tal situação, a qual são feitos justos reparos, requer urgentemente as atenções adequadas.

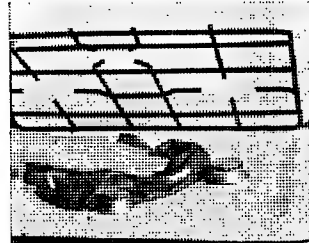
Por outro lado, com a desceida do preço do gado, seria lógico que a carne fosse muito mais barata, o que não acontece.



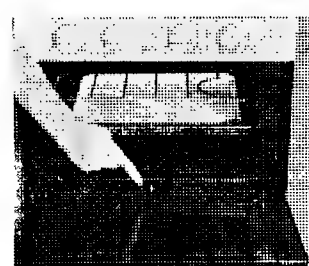
FOGÕES DE LUXO E QUALIDADE A PREÇO VANTAJOSO



A grelha, completamente plana, facilita a deslocação das panelas



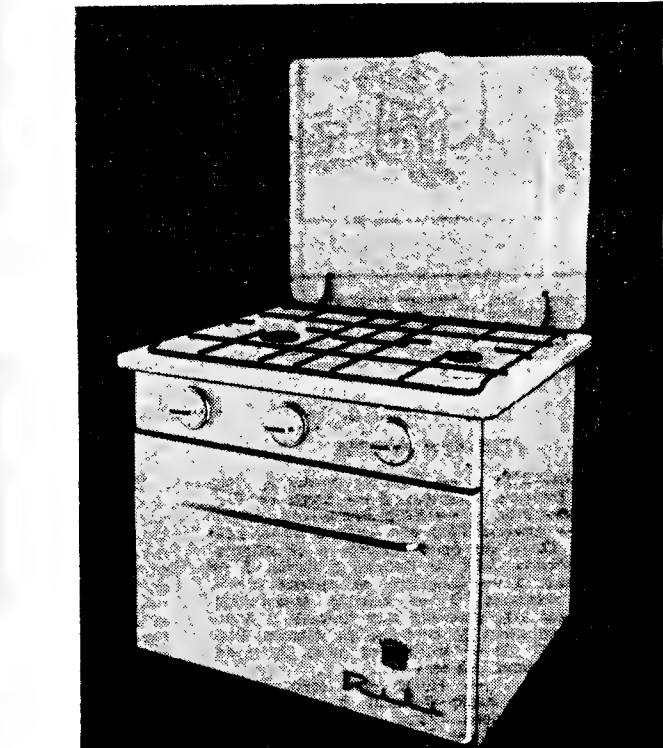
Tampa, grelha e tampo facilmente removíveis



Forno equipado com queimadores móveis

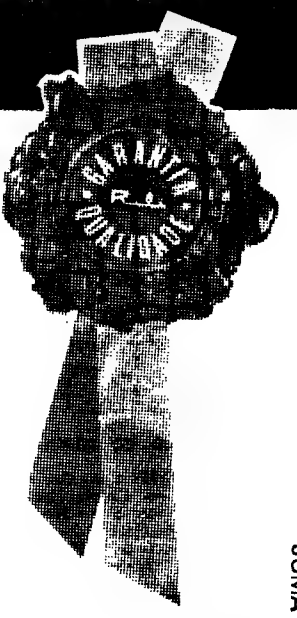


Grande forno com rápida progressão de temperatura graças a um isolamento mais perfeito



12 MODELOS DIFERENTES

COM GARANTIA DE QUALIDADE



JOMA

LUSTRES

Fazemos novos reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica. Av. 5 de Outubro. 203. r/c. — Telef. 771639
(Ao Campo Pequeno)

DINHEIRO

S/ AUTOMÓVEIS
& presta-se em boas condições fransações rápidas. Sílilo absoluto

SONIPAL

R CONDE REDONDO, 14-29
TELEFNS 52248-556580

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

CUBA



D. José Estanislau de Albuquerque e Bourbon de Barahona Frágoso

(CONDE DA ESPERANÇA)
MISSA DO 30.º DIA

Maria de Las Dolores de Cotado y Siguenza de Barahona Frágoso, José Manuel de Siguenza de Barahona Frágoso, Francisco Eduardo de Barahona Frágoso e demais família participam que, no dia 10 do corrente, às 13 horas, na igreja de Santa Isabel, em Lisboa, será celebrada missa do 30.º dia, pelo eterno descanso de seu querido marido, pai e parente, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a tão piedoso acto.

canal da crítica

COMUNICAR, CONVERSAR, PENSAR,
DIALOGAR—VERBOS DA PRIMEIRA
CONJUGAÇÃO E DA PRIMEIRA NECESSIDADE

A si próprio se taxaria de louco quem negasse a importância da televisão na difusão das notícias, da propaganda, da arte. Já se disse que o público sabe através da Rádio, vê através da Televisão; compreende através da Imprensa.

Natural é, portanto, que os governantes utilizem a televisão para um contacto de choque com o mais vasto dos públicos.

O actual Presidente do Conselho, prof. Marcello Caetano, propõe-se contactar pela TV com o público de todo o País através de uma série de comunicações relativas a decisões e actos governativos.

Tivemos ontem a primeira dessas comunicações. Não versou um tema único. Foi, por assim dizer, uma apresentação de assuntos vários, a desenvolver proximamente.

De quanto disse o Presidente do Conselho não cabe nesta secção comentário. E não porque o cronista o achasse deslocado ou mal ajustado às suas funções de crítico e às suas obrigações de cidadão. Apenas porque a gravidade da matéria exige a ponderação não possível de alongar em tão breve espaço, como este.

No aspecto puramente televisivo, a comunicação do Presidente do Conselho mostrou-se clara, directa e co-

loquial embora, na verdade, estas qualidades se evidenciassem mais para o final da comunicação. Na primeira parte, foi ainda notório o seu carácter de linguagem escrita a qual, em televisão, serve mal a comunicação com o público.

Outro aspecto negativo da rubrica residiu no muro cerrado de microfones que reforçou o carácter solene de uma comunicação que se quis informal. Quando a camera saltou esse muro e, por breves momentos, utilizou o grande plano, o contacto com o público tornou-se mais directo, porque mais próximo, mais em nossas casas.

Pareceu-me igualmente errada a colocação da tapeçaria atrás da cadeira. A atenção do telespectador viu-se, deste modo, desviada para um novo motivo de interesse o que redundou em prejuízo da atenção que às palavras pertencia por inteiro.

Natural é que estas deficiências venham a ser anuladas na continuação desta série de comunicações.

As palavras do Presidente do Conselho devem ser ouvidas com atenção e profun-

(Continua na pág. seguinte)

TV
dia a dia

HOJE PODE VER...

VARIEDADES

O REALIZADOR ADRIANO NAZARETH veio do Porto até Lisboa para dirigir o programa de Variedades que se transmite, logo, pelas 22 e 25.

Artur Agostinho fará a apresentação do programa que conta com Luis Aguilé como principal atracção. Ele interpretará: «La Chatunga», «El Serafino», «Quando sali de Cuba» e «Sol Español».

Participam também Milá Talaya, que cantará «A Felicidade», «Uma testa dura» e «Não estou só»; Maria Valejo, interpretando «Vamos ao Ribatejo» e «Noite na madrugada», conjunto musical «Grupo 5», «Ballet Star Dancers», o guitarrista João Alberto e o violista Manuel Martins.



Milá Talaya, uma voz jovem da canção em Portugal

AS NOSSAS
QUERIDAS
MULHERES:
EVA E O MÊS
DE AGOSTO

Pelas 21 e 55 haverá nova visita do casal francês constituído por Eva e seu marido Pierre (Daniel Gelin). Muito vai ter ele que contar, pois Eva (Michelle Presle) dirá o que significa para si e para os seus o maravilhoso mês de Agosto.



Luis Aguilé gosta de compor e interpretar canções e de ganhar dinheiro...

LUÍS AGUILÉ:

«SINTO-ME FELIZ AO FAZER NASCER UMA CANÇÃO»

PROGRAMA DE HOJE

EMISSIONA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 16: Notícias; 16 e 30: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Mensagens de militares em serviço na província de Angola; 18 e 30: Programa da mulher, por Maria Emilia Canele de Abreu e Judite Novarro; 18 e 40: Música e sonho; 19 e 50: Música só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 30: Solistas líricos; 20 e 35: 15.º Episódio do folhetim «A História da Rainha Santa»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Melodias pelo pianista Carmen Cavallaro; 21 e 40: Variedades; 22 e 30: Evocação de Coimbra, por Luis Goes; 22 e 50: Orquestra Caravelle; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho

2.º Programa — (Cultural em

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Clube das Donas de Casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20 e 58: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa da G6-G6; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67; 4: Fecho

EMISSIONA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 16: Notícias; 16 e 30: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Mensagens de militares em serviço na província de Angola; 18 e 30: Programa da mulher, por Maria Emilia Canele de Abreu e Judite Novarro; 18 e 40: Música e sonho; 19 e 50: Música só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 30: Solistas líricos; 20 e 35: 15.º Episódio do folhetim «A História da Rainha Santa»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Melodias pelo pianista Carmen Cavallaro; 21 e 40: Variedades; 22 e 30: Evocação de Coimbra, por Luis Goes; 22 e 50: Orquestra Caravelle; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho

EMISSIONA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 16: Notícias; 16 e 30: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Mensagens de militares em serviço na província de Angola; 18 e 30: Programa da mulher, por Maria Emilia Canele de Abreu e Judite Novarro; 18 e 40: Música e sonho; 19 e 50: Música só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 30: Solistas líricos; 20 e 35: 15.º Episódio do folhetim «A História da Rainha Santa»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Melodias pelo pianista Carmen Cavallaro; 21 e 40: Variedades; 22 e 30: Evocação de Coimbra, por Luis Goes; 22 e 50: Orquestra Caravelle; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho

EMISSIONA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 16: Notícias; 16 e 30: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Mensagens de militares em serviço na província de Angola; 18 e 30: Programa da mulher, por Maria Emilia Canele de Abreu e Judite Novarro; 18 e 40: Música e sonho; 19 e 50: Música só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 30: Solistas líricos; 20 e 35: 15.º Episódio do folhetim «A História da Rainha Santa»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Melodias pelo pianista Carmen Cavallaro; 21 e 40: Variedades; 22 e 30: Evocação de Coimbra, por Luis Goes; 22 e 50: Orquestra Caravelle; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho

EMISSIONA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 16: Notícias; 16 e 30: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Mensagens de militares em serviço na província de Angola; 18 e 30: Programa da mulher, por Maria Emilia Canele de Abreu e Judite Novarro; 18 e 40: Música e sonho; 19 e 50: Música só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 30: Solistas líricos; 20 e 35: 15.º Episódio do folhetim «A História da Rainha Santa»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Melodias pelo pianista Carmen Cavallaro; 21 e 40: Variedades; 22 e 30: Evocação de Coimbra, por Luis Goes; 22 e 50: Orquestra Caravelle; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho

PROGRAMA DE HOJE

1.º Programa — As 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Lanterna Mágica; 20 e 30: Nós, as mulheres; 20 e 45: Vamos Jogar no Tómbola; 21: Ao Serviço da Nação; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: As nossas queridas mulheres; 22 e 25: Variedades; 23 e 15: Cinema sem estrelas; 23 e 45: Telejornal, Meditação e Fecho

2.º Programa — 21 e 28: Abertura; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 50: «O Maioral»; 23 e 10: TV Clube; 23 e 30: Telejornal e Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — 1.º Programa — As 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Quarto de Brinquedos; 20 e 20: Vamos Dormir; 20 e 30: Cortaz TV; 21: Ao Serviço da Nação; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: Noite de Cinema — «O Homem que veio de Longe» (Man From Laramie); 23 e 50: Telejornal, Meditação e Fecho.

2.º Programa — As 21 e 28: Abertura; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 50: Noite de Teatro — «Pedro, O Cru», de António Patrício, Adaptação de Armando Vieira Pinto. Realização de Herlander Peyroteo; 23 e 35: Telejornal e Fecho.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

DE PASSAGEM POR LISBOA, Luis Aguilé gravou dois programas na R. T. P. um «TV Clube» já apresentado, e uma actuação nas variedades desta noite, ao lado de Milá Talaya. Conjunto musical «Grupo 5» (do Porto) e Ballet Star's Dancer's. Luis Aguilé vem precedido de grande fama, como intérprete e compositor, com vários êxitos na sua carreira ainda jovem, êxitos internacionais, com versões por todo o mundo e milhões de discos vendidos. Um pouco antes da sua entrada no estúdio, já caracterizado, conversámos um pouco com ele. Perguntas e respostas breves:

— Quais os seus maiores êxitos comerciais mais recentes?

— «El Tio Calambres». Acabei agora de gravar um «45» com as canções de minha autoria «Azzurro», actual êxito em Itália, e «La Vida es Así». Tenho esperanças neste disco.

— «La vida es así»... o que é mais importante para si na vida?

— Poder compor. Sinto-me realizado ao fazer nascer uma canção.

— Mais do que a cantar?

— Ambas as posições es-

tão intimamente ligadas a Luis Aguilé. Separá-las seria matá-lo.

— Porque canta e compõe numa realização pessoal, o factor comercial não conta para si?

— Para me satisfazer preciso de viver. Para viver preciso de ganhar dinheiro. e como sou profissional nesta vida artística, o factor comercial conta muito para mim.

— Ganhou já muito dinheiro?

— E também gastei. Espero, no entanto, deixar

de cantar aos 35 anos, se, até lá, não conseguir um lugar cimeiro não só em Espanha, mas no mundo inteiro da canção.

— Onde se vendem mais discos seus?

— Em toda a América, Portugal, Inglaterra, Itália, Austrália, Índia e Japão.

— Próximas deslocações?

— Estarei no próximo Festival de São Remo e depois no festival M. I. D. E. M. que, como sabe, se celebra anualmente em Cannes.

2.º PROGRAMA

TV CLUBE COM THILO'S COMBO — Esta noite, no 2.º programa, é apresentado em repetição o programa musical com o conjunto de Thilo Krassman, emitido anteriormente na rede nacional do 1.º programa. Nele actuam também Tyree Glenn Jr. e J. Van Dixon. A realização do programa pertence a Luis Andrade.

«O MAIORAL»: «A HORA FINAL» — A seguir ao Telejornal transmitido em simultâneo com o 1.º programa, o emissor de UHF apresenta um novo episódio da série «O Maioral» intitulado «A Hora Final», com Lee J. Cobb, James Drury, Dong McClure, Gary Clark, Brian Feith e Roberta Smore.

Drama e emoção neste episódio em que o «Maioral» («O Virginiano») tudo tenta para que a paz volte ao rancho do juiz Garth. A seu lado, o leal Trampas ajuda-o nesses intentos.

RALI FIM DO ANO

FIGUEIRA DA FOZ

1º E 2º

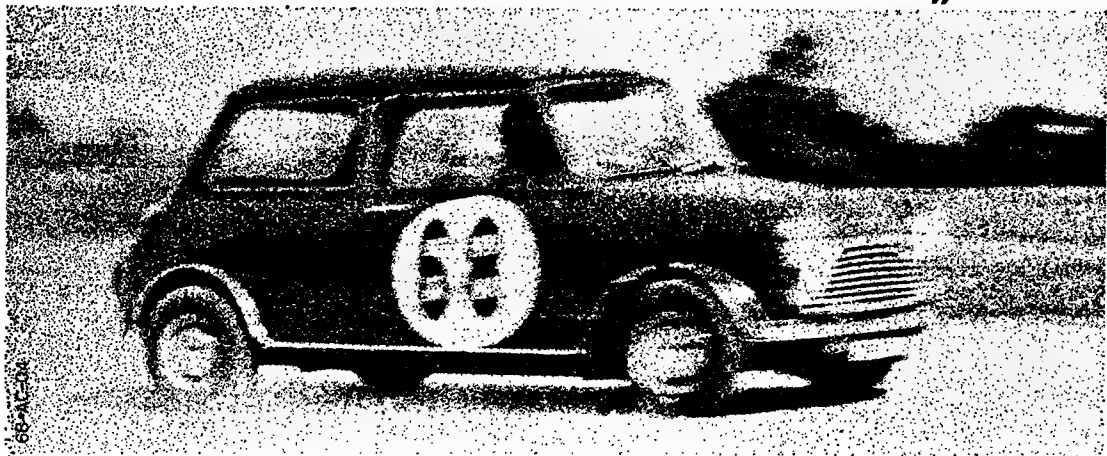
DA
CLASSIFICAÇÃO
GERAL

TAÇA DAS SENHORAS
AUSTIN COOPER 1000

1º LUGAR



AUSTIN COOPERS MK II



DIST. GERAIS J.J. GONÇALVES SUCRS. S.A.R.L. LISBOA-PORTO
ÉVORA-BRAGA-SANTARÉM-MATOSINHOS-AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

Canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

damente meditadas pelo que exprimem de pensamento e de orientação política. Não, não são apenas «palavras».

NOITE DE TEATRO

Luís Filipe, um actor que muito aprecia coleccionar acções desastrosas no teatro de televisão, dizia ontem ao senhor comendador da peça, ao descrever a situação de uma pobre rapariga que... enfim uma rapariga... como é que hei-de dizer... em resumo: da rapariga que deu um mau passo «O pai da criança era um canalha, ela era inexperiente, deixou-a com lágrimas nos olhos e um petiz nos braços. Ai está uma lição que todas as raparigas deviam ouvir».

E ouviram. Não digo todas, mas muitas ouviram. A algumas ignoro mesmo se a peça «As primeiras cerejas do ano» ainda chegará a tempo. Desconfio que não. A menos que ela tivesse passado na televisão uns dias antes de Eva ter feito o que se sabe. Porque, a partir de então, a inexperiência das mulheres e a malandrice dos homens não fizeram se não variar na mesma proporção: aumentando aquela, diminuindo esta, diminui aquela.

A peça de Salvatore não sei-quê não foi, porém, transmitida nesses tempos: foi transmitida nos nossos tempos e é isso o que me espanta. É que se torna visível a olho nu o seu carácter duplamente falso: falso como teatro, falso como história. Nenhum telespectador (tenhamos a ideia que tivermos da porção de massa cinzenta que nos resta em exercício após 12 anos de TV) deverá ter ficado alheio á inverosimil treita que nos contaram. Imaginem: a mãe (a tal pobre mulher que) vai ao asilo onde lhe internaram o filho, até lhe leva um molhinho de cerejas, as primeiras do ano. Foi tal a sua pouca sorte que o miúdo morreu na véspera, e enquanto ela conversa com o comendador e a Irmã, está a efectuar-se o enterro da pobre criança. Uma tragédia. O comendador perdeu o apetite às azeitonas; a Irmã dizia que sim, que ia entregar as cerejas ao menino. A mãe queria vê-lo e a Irmã dizia: «Fica para a outra vez, esteja tranquila». Enfim: ninguém tivera a coragem de dar a infausta notícia áquela inconsolável mãe. Todos entraram pelo caminho da mentira, piedosa. E assim se morre sem ninguém morrer.

As «noites de teatro» continuam a ser o que todos sabem:

Actores mal dirigidos; uma realização ao desbarato, de norte perdido, sem saber o que fazer; os actores á compita a ver qual era o melhor

em fazer pior. Ainda assim, a mais correcta eloquência pertenceu á menina que entrava na peça e não disse uma palavra, uma unica

A pobre esgracadinha que um biltre deixou com um petiz nos braços dava matéria para um fado, fado daquelas á moda antiga, do tempo em que o fado ainda não estava encharcado em água-de-colónia.

E a propósito de fado...

O FADO CONTINUA...

O programa de ontem encerrou com uma sessão fadista. Intervieram Deolinda Maria e Manuel Fernandes. Vocês ouviram, com certeza.

Não. Não morro de amores por estes fados nem por estes fadistas. Deolinda Maria recorda demasiado a Fernanda Maria; Manuel Fernandes recorda-se demasiado a si próprio.

Deolinda Maria esteve melhor no primeiro fado, aliás de sua autoria. Estou plenamente de acordo com ela quando afirma:

Nesta vida desvaivada de tormento e ansiedade há sempre um pequeno [nada] que nos dá felicidade.

E fico-lhe muitíssimo grato pelo conselho expresso no final desse mesmo fado:

Enquanto há vida há [esperança] tem pois esperança na [vida]!

Na segunda interpretação, Deolinda fez um exagerado consumo de caretas que de maneira nenhuma se justificavam. É tão bonita a sobriedade...

Sóbrio, em demasia, tão em demasia que tomba na monotonia, é Manuel Fernandes. Este fadista, já o sabemos todos: não canta. Diz palavras. Mói, azenha, mói... Não há um assomo de alma, um assomo de expressão. E o repertório também não o ajuda. O do seu segundo fado («dá-me essa velha guitarra! e vamos prá farra...») é perfeitamente execrável. Para se encontrar mal um mal programa fadista, não se podia inventar nada melhor, ou melhor dizendo: nada pior.

Finalmente, carregou na teia libertadora. Bem dizia Deolinda Maria: pra uma pessoa ser feliz basta um «pequeno» nada...

MARIO CASTRIM

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

AUTO



ESTRELA

RENT A CAR

PREÇOS ESPECIAIS — SEM TAXAS

Qualquer marca de automóvel

VEJA E COMPARE — CARROS NOVOS

AVENIDA JOAO CRISOSTOMO, N.º 65-A

TELEF. 53 43 31 — LISBOA

Língua e Cultura

Romena na Faculdade de Letras

Um decreto dimanado do Ministério da Educação Nacional cria, na Faculdade de Letras de Lisboa, a cadeira anexa de Língua e Cultura Romena, incluída na lista das disciplinas de opção para licenciatura em Filologia Românica.

No preâmbulo do diploma, considera-se que o ensino da Língua e da Cultura Romena é feito na mesma Faculdade, há mais de 25 anos, sob a forma de eleitorado de frequência livre. A sua criação como cadeira anexa foi pedida pelo Conselho Escolar da Faculdade.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Fizeram transcrições do «Diário de Lisboa» ou referências ao nosso jornal os prezados colegas: «Diário do Norte», do Porto; «Mar Alto», da Figueira da Foz; e «Notícias de Chaves».

Policlínica do Rossio

L. D. João da Câmara, 19, 2.º, Esq. — Telef. 32 06 60

Dr. Almada e Melo — Crianças — 2.º e 5.º — 7 h.

Dr. Anacleto Miranda — Olhos — 2.º, 4.º, 5.º e 6.º — 15.30 h.

Dr. Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e articulações) — 3.º e 5.º — 15 h.

Dr. A. Pita Negrão — Clín. cirur. — Operações — 3.º, 5.º e sáb. — 16 h.

Dr. Cordeiro Lobato — Gar., Nar., e Ouv. — 14 h.

Dr. Ferreira Malaquias — Estom., Intest., Fígado — Doenças Ano-rectais, Hemorroidas — 2.º, 4.º e 6.º — 19 h.

Dr. Foutoura Madureira — Rins e v. uri. — 16 h.

Dr. Freitas de Sousa — Doen. Reumát. — 3.º e 5.º — 17 h.

Dr. Luís Abecassis — Coração, Electrocardiografia — 3.º, 5.º e sábados — 14 h.

Dr. Luís Leite — Senhoras — Partos — 17 h.

Dr. Macedo Costa — Assis. do Disp. de Prof. Mental — 3.º e 5.º — 18.30 h.

Dr. Marques da Gama — Clín. Médica — 3.º, 18.30 h., Sáb., 14.30 h.

Dr. J. Mira Mendes — Clínica Geral — Doenças Pulmonares — 16 h.

Dr. Mesquita Guimarães — Raios X.

Dr. Reis Valle — Análises clínicas.

APRENDA LÍNGUAS

INGLÊS - FRANCÊS - ALEMÃO

NAS

NOVAS INSTALAÇÕES

DA

CENTRAL SCHOOL OF LANGUAGES

(EX. CENTRAL SCHOOL OF ENGLISH)

RUA MARQUÊS SA DA BANDEIRA 16 — LISBOA

TELEFONE 5 14 96

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

DES POR TO

TOTOBOLA O NOSSO PALPITE

E. Portalegre-Guarda...	1
Ferrovíarios-Juventude	1
Marinhense - Portim...	2
Penafiel-«Leões»	X
V. Gama - Sintrense	2
Vianense-Celorigense	1
Fafe - Naval	1
Nazarenos-Vila Real	X
Atalanta-Verona	X
Inter-Juventus	1
Pisa - Fiorentina	2
Torino - Bolonha	X
Varenes - Milan	2



Dirigido por Francisco Polido e supervisionado pelo seleccionador dr. David Sequerra, efectuou-se um treino dos juniores escolhidos para representarem Portugal no previsto embate com a Itália. Tal como já informámos nas nossas edições de ontem, os convocados alinharam, inicialmente, com: Paixão (Barreirense); Lino (Vitória de Setúbal), Carolino (Benfica), Ribeiro (F. C. Porto) e Jacinto (Benfica); Loureiro (Benfica) e Vitor Silva (F. C. Porto); Hélder Ernesto (F. C. Porto), João Oliveira (Académico de Viseu), Celestino (Sporting) e Eduardo (F. C. Porto). Mais tarde, entraram ainda em jogo o benfiquista Silva Moraes, o belenense Serafim, Barbosa (do Boavista) e o alcantarense Américo. Na imagem, o dr. David Sequerra na apresentação do técnico setubalense Polido

TELEFONEMA PARA COSTA PEREIRA: SABEREMOS PRESTIGIAR O FUTEBOL PORTUGUÊS

Falamos esta manhã com Costa Pereira. Ainda que se trate de um jogo particular, o treinador da Cuf, não escondia as suas apreensões:

— «Viemos em má altura pois o Sevilha perdeu o último jogo em casa com o seu maior rival e quer fazer as «pazes» com a «aficion» batendo uma equipa portuguesa da 1.ª Divisão e bem classificada.

De qualquer modo creio que saberemos prestigiar o futebol português.

Segundo nos informou Costa Pereira poderão ser substituídos três jogadores durante o jogo, estando prevista a chegada ao Barreiro, amanhã, cerca da meia-noite uma vez que a comitiva abandona Sevilha após o almoço.

A CUF em Sevilha

SEVILHA, 9 — Ao princípio da noite de ontem chegou a esta cidade a equipa do Grupo Desportivo da C.U.F.,

quarta classificada no campeonato português e orientada tecnicamente pelo antigo guarda-redes do Benfica, Costa Pereira.

O grupo lusitano instalou-se no Hotel Colon, depois de uma viagem em autocarro de mais de dez horas. Os «cufistas», que almoçaram em Ferreira do Alentejo, não incluíram na comitiva os jogadores Sérgio, que apresentava ainda vestígios de lesão sofrida, e Monteiro, dispensado até ao próximo desafio de campeonato devido ao seu casamento que se realizou na passada segunda-feira.

O desafio contra o Sevilha tem início às 20 e 45.

UMA INICIATIVA DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE SANTARÉM

O Centro de Estudos Desportivos da Associação de Santarém sugere aos jovens colaboradores de jornais regionais e páginas juvenis da imprensa diária, a publicação, até 30 de Janeiro, de artigos subordinados ao tema «Desporto e Progresso Social».

Alguns desses artigos poderão ser distribuídos pela Associação Académica de Santarém à imprensa regional, premiando com livros de Sociologia no Desporto os trabalhos de maior valia.

Entretanto no dia 17, às 21 e 30, na sede da A. A. S. realizar-se-ão debates subordinados àquele tema e dirigidos pelo prof. Melo de Carvalho.

ILUMINAÇÃO DO CAMPO DO VIZELA

O Futebol Clube de Vizela inaugura no próximo domingo a instalação eléctrica do seu campo de jogos. Para assinalar o importante melhoramento a direcção do clube vizelense organiza um festival desportivo com base em dois jogos de futebol, que são: F. C. Porto-Vitória de Guimarães (16 horas) e Boavista-Vizela (18 horas).

O Barreirense de novo em embates com equipas nortenhas

Na pavilhão do Académico, no sábado, a equipa do Barreirense tem de defrontar o «cinco» do B. P. M. Os barreirenses devem averbar nova derrota, frente aos bancários nortenhas, mais poderosos, na sua estrutura técnico-táctica, e actuando no seu ambiente.

No domingo a equipa da margem Sul do Tejo, defrontará o F. C. Porto. Encontro mais equilibrado, sem dúvida, mas onde a vitória poderá voltar a sorrir ao representante do Norte.

FERNANDO MENDES NA ÁFRICA DO SUL

LOURENÇO MARQUES, 9 — (L.) — Segundo notícia o semanário português «O Século», que se publica em Joanesburgo, é possível que o conhecido «internacional» do futebol português Fernando Mendes, que depois de representar o Sporting está presentemente ao serviço do Atlético Clube de Portugal, venha a fixar residência na África do Sul, alinhandos por um dos principais clubes do futebol sul-africano. Em entrevista que o conhecido jogador concedeu a esse semanário Fernando Mendes não desmentiu essa possibilidade e até vai mais longe, confirmando-a.

NOTÍCIAS DO FUTEBOL

A Corunha quer ver o Benfica. Com efeito a equipa dos «encarnados» recebeu convite para disputar em Julho a «Taça Teresa Herrera», uma competição particularmente conhecida dos portugueses.

CICLISMO NO PORTO

A época de ciclismo no Porto inicia-se no próximo domingo, com a realização da primeira prova a contar para o campeonato regional de «ciclo-cross», que se efectuará no Palácio de Cristal. Os profissionais disputarão uma prova de quinze quilómetros e os amadores outra na extensão de dez quilómetros.

BODAS DE PRATA DO ILLIABUM CLUBE DE ÍLHAVO

ÍLHAVO, 9 — Terminaram as festas das bodas de prata do Illiabum Clube. A comissão organizadora distribuiu o saldo da seguinte forma: Conferência de São Vicente de Paulo e Centro Paroquial, 1500 escudos; Museu Marítimo e Regional, 1500 escudos; Bombeiros, 500 escudos; cada uma das bandas musicais, 500 escudos; asilo, 200 escudos. Ao Illiabum foram entregues dez contos.

Cursos de Inverno no Nacional de Natação

Na secretaria do Clube Nacional de Natação (R. de Campolide, 372) estão abertas as inscrições para os próximos cursos de ensino de natação — cursos de Inverno — que se iniciam no próximo dia 1 de Fevereiro, para crianças e adultos.

Estes cursos funcionam na piscina municipal (aquecida) da Avenida de Roma.

BASQUETEBOL

MARINHENSE-BENFICA E SPORTING-ACADÉMICA NO CARTAZ DO FIM-DE-SEMANA

Neste fim-de-semana, iniciam-se as 3.ª e 4.ª jornadas, relativas ao Campeonato Nacional de Basquetebol, 1.ª Divisão masculina, fase metropolitana, com encontros divididos por Setúbal, Lisboa e Porto.

O Sporting recebe o Vasco da Gama e a Académica

O encontro de sábado, frente aos vascainos, é de amplo favoritismo para os «leões» se bem que, a equipa nortenha seja habitualmente aguerrida. Já no dia seguinte o favoritismo «económico», se reveste de sérias reservas, pois o seu adversário chama-se Académica. Mais uma excelente jornada que se irá desenvolver no Pavilhão da Ajuda com um despique na verdade de difícil vaticínio entre duas fortes equipas, que juntamente com B. P. M. são sérias candidatas ao título. É certo que o Sporting actua no seu ambiente. Mas a Académica

tem uma palavra a dizer. Aguardemos o desfecho.

A Académica vai a Setúbal defrontar a C. U. F.

Encontro de particular interesse devido ao êxito alcançado pelos cufistas na passada semana frente ao Benfica e que certamente contribuiu para a sua moralização. No entanto, a Académica é de momento equipa superior à do Benfica, pelo que o desfecho final pode vir a ser favorável aos estudantes. No domingo, os fabris defrontarão o Vasco da Gama, encontro que podem muito bem ganhar, mas que não devem encerrar com excesso de confiança, pois os vascainos sabem jogar.

O Benfica vai conhecer o ambiente fervoroso da Marinha Grande

Exactamente. É no ambiente escaldante do pavilhão

Acontecimentos DE ONTEM

Ténis de mesa

Para o Campeonato de Lisboa (feminino) disputou-se, no Estádio Alvalade, o encontro em atraso entre o Sporting e os Combatentes, que o primeiro venceu, por 5-0.

Futebol

Disputou-se, no Campo Branco Lucas, o encontro Santa Maria - Estefânia, que terminou empatado a uma bola e contava para o «regional» da III Divisão.

Voleibol

Realizou-se no ginásio da Escola Josefa de Obidos o embate Lisboa - Ginásio Nacional de Ginástica, a contar para o Campeonato de Lisboa de Juvenis. Os ginastas venceram por 3-2 (9-15, 5-15, 15-12, 17-15, 15-7).

Andebol

Na Associação de Andebol

de Lisboa realizou-se o sorteio da fase final do Campeonato de Lisboa da III Divisão.

As equipas foram atribuídas os seguintes números: 1 — Santa Catarina; 2 — Sporting da Penha; 3 — Palmense ou Liga de Alagés; 4 — C. I. F. A ordem dos jogos é a seguinte: 1.º dia: 2-1 e 3-1; 2.º dia: 1-3 e 4-2; 3.º dia: 4-1 e 3-2.

A competição iniciará-se no dia 20 e será disputada às segundas-feiras, no Pavilhão da Tapada da Ajuda.

No Pavilhão do Campo de Ourique disputou-se um festival de andebol integrado nas comemorações do 29.º aniversário do Sporting da Penha, verificando-se os seguintes resultados: Sporting da Penha - Benfica (juniores), 7-35; Sporting da Penha - Belenenses (seniores), 15-35; e

Sporting - Técnico (seniores), 24-18.

Bilhar

Resultados dos jogos de ontem a contar para o Campeonato de Lisboa de 2.ª categoria (uma tabela): Júlio Barbedo, 100-49-10-Orlando Rosado, 89-49-12; Manuel da Silva, 100-70-10-Vladimiro Monteiro, 79-70-8.

TORNEIO DE INFANTIS NO DOMINGO EM FARO

Disputa-se no domingo em Faro, nas mesas do Sport Faro e Benfica e da Sociedade Recreativa Artística Farense o torneio aberto de ténis de mesa na categoria de infantis organizado pela respectiva Associação Regional da modalidade.

No certame participam dezasseis concorrentes em representação de cinco equipas: Imortal de Albufeira, Sport Faro e Benfica, Náutico do Guadiana, de Vila Real de Santo António, Extra-Escolar n.º 1 e Seminário Diocesano.

SOU ITALIANO

O MEU NOME É

Giannini

FALAREI DE MIM NO DIA 20

O «caso» Pavão esclarecido pelo F. C. Porto

«O jogador castigado recebe, mesmo sem jogar, seis mil escudos mensais»

PORTO, 9. — O caso do castigo ao jogador Pavão foi o ponto dominante da reunião dos dirigentes do F. C. Porto com a Imprensa, à qual presidiu o dr. Correia da Silva, na ausência do presidente do clube, sr. Afonso Pinto de Magalhães.

O «dossier Pavão» foi aberto pelo dr. Fernando Cabral, conhecido advogado desta cidade, que, a propósito, disse:

«Quando o clube disse que aplica 24 contos de multa, o que equivale a 6 meses de ordenado, não queria dizer, necessariamente, que lhe ia tirar o ordenado de 6 meses. Evidentemente que nem sequer poderíamos equacionar o problema, saber em qual período de tempo iríamos deduzir no ordenado a aplicação desta multa. É que, nos termos do Regulamento das Relações entre os Clubes e os Jogadores, o clube não pode (parágrafo 1.º do artigo 18.º) reduzir a mais de 50 por cento a remuneração mensal e prémios de jogos. Ora, estes, os prémios de jogos, todos sabemos que têm carácter precário e eventual. Primeiro, porque é preciso obter o empate ou a vitória. Desde logo, o montante do prémio é variável e variável também, por vezes, em função do clube adversário. A redução do montante desse prémio nunca poderia ser determinada, pois, com antecedência. Assim, não poderíamos dizer — nem hoje ainda podemos — quando Pavão regressa à actividade, qual é o período de tempo que estará ainda a descontar. Em relação à remuneração mensal que é certa, sabemos que lhe podemos descontar 2 mil escudos, visto que auferia 4 mil. Em relação aos prémios não podemos garantir. Logo, portanto, não podemos afirmar peremptoriamente qual é o prazo de tempo a despeito do qual está subordinada essa parte da pena pecuniária que lhe foi aplicada. Este parece um dos aspectos sobre o qual se me oferece dizer alguma coisa sobre o castigo que foi aplicado a Pavão. Há, porém, um outro aspecto que me parece ser o que tem levantado certa celeuma, ou seja o de se saber se é a direcção do clube que tem competência para aplicar a punição ou se é a comissão da 1.ª instância».

A competência das direcções

O dr. Fernando Cabral referiu-se nesta altura ao regulamento: «O disposto no artigo 71.º diz o seguinte: Por falta de disciplina ou mau comportamento dos jogadores, poderão as direcções dos clubes puni-los com as suspensões ou multas, ou ambas acumulativamente, previstas nos contratos ou compromissos desportivos».

«Evidentemente, que desde que é conferida competência à direcção do clube e o regulamento estabelecido por portaria, aliás, no desenvolvimento da competência que lhe é outorgada no Decreto regulamentar n.º 32.946».

Prosseguindo e depois de analisar aquele diploma legal, acrescentou: «Quando é que a comissão da 1.ª instância tem competência? A resposta está no artigo 70.º, que diz: É da competência da comissão da 1.ª instância a aplicação das penalidades em

responderes à falta de cumprimento das cláusulas dos contratos ou compromissos desportivos».

«Portanto, no artigo 70.º contemplam-se a responsabilidade civil contratual; no artigo 71.º contemplam-se a responsabilidade disciplinar, que são coisas distintas. Posto isto como princípios gerais, há que enquadrar o caso concreto. Salvo melhor opinião, parece que todos sabem que a falta cometida pelo atleta Pavão é uma falta disciplinar. Não acatou a ordem do seu superior hierárquico que é o treinador. Violar, portanto, um princípio de disciplina».

«Onde está a ilegalidade?»

O dr. Fernando Cabral, depois de referir que para o caso se poderia fundamentar nos ensinamentos do Prof. Marcello Caetano, no Manual de Direito Administrativo, esclareceu que o que importa caracterizar é, em suma, o caso em causa. Houve, consequentemente, infracção à disciplina por não acatamento de uma ordem. Pergunto: poderá alguém integrar o comportamento do atleta em responsabilidade contratual? Acho que se não levar longe de mais uma interpretação a dar aos factos. Ora, se partirmos já do princípio — que não pode oferecer discussão — de que há uma falta disciplinar, é lógico que a competência para o punir está conferida à direcção do clube. Mas há mais: no próprio contrato desportivo que foi homologado pela direcção da Federação em 5 de Janeiro de 1968 diz-se que por falta de disciplina ou mau comportamento poderá a direcção do clube, precedendo o processo escrito, punir o jogador com suspensão até 36 meses ou multa até ao valor deste contrato, ou ambos acumulativamente, não podendo, porém, a suspensão de vencimento e a multa exceder 50 por cento dos abonos referidos nas alíneas b e c da cláusula terceira. Estas alíneas são precisamente as relativas à remuneração mensal e prémios de jogos. Ora se nós temos um contrato que é homologado pela Federação e que dá o direito de as direcções dos clubes punirem com suspensão até 36 meses, pergunto: onde é que está a ilegalidade de se ter aplicado a punição da suspensão de 2 meses de actividade?

«Poderá parecer, realmente, exorbitante, até porque 36 meses, normalmente, correspondem ao período do contrato que é feito por 3 anos. Mas a verdade é que está aqui escrito e está aprovado com a própria chancela da Federação. E isso é precisamente um dos aspectos que os magos: o de parecer, sem análise meditada do problema, que a direcção do clube agira impensadamente, de ânimo leve, sem querer se ter debruçado sobre um simples contrato. Parece que ninguém de bom-senso poderia aceitar que a direcção do clube tomasse uma decisão que necessariamente iria ter os seus reflexos e iria até agitar, principalmente, a massa associativa e adepta do clube, se não tivesse ponderado devidamente todos esses factores».

«Por isso, torna-se, ainda, mais chocante que houvesse quem se debruçasse sobre o problema sem previamente ter obtido todos os elementos sobre o caso junto da direcção do clube».

O dr. Fernando Cabral, quase a concluir o seu improviso prático ainda mais este esclarecimento: «Os jogadores estão classificados

em duas categorias: os «nacionais» e os «não-nacionais». Os primeiros, têm como prémio pela assinatura do contrato 100 mil escudos anuais e os segundos 50 mil. Acontece que o jogador Pavão foi pela primeira e única vez «internacional» em Junho do ano passado no Portugal-Brasil já quase no fim da época, e logo no início da presente, a direcção do clube em obediência a esse critério e apesar de já ter celebrado o contrato em Setembro de 1967 com o jogador Pavão, com lufas de 50 contos, entregou-lhe essa importância por uma só vez, continuando o atleta a auferir os restantes 50 mil escudos em dois débitos. Portanto, o jogador castigado recebe, mesmo sem jogar, 6 mil escudos mensais, além dos 50 contos que recebeu em Setembro».

Um convite para a «Taça Teresa Herrera»

Antes desta análise do «caso Pavão», coube ao dr. Correia da Silva abordar outros assuntos da vida do clube. Assim, informou os jornalistas de que foi marcada para 31 do corrente a Assembleia Delegada, para apreciação do relatório e contas, e de que até ao próximo dia 5 de Fevereiro se aguarda a entrega na sede das listas de associados com a indicação dos três nomes para presidentes do clube.

Seguidamente, disse que o F. C. Porto foi convidado para disputar, na Corunha, de 26 a 29 de Junho, «Taça Teresa Herrera» e de que a Direcção-Geral dos Desportos concedeu ao clube 300 contos para a sua piscina e 100 para a pista de atletismo.

No prosseguimento da sua exposição disse terem sido já empossados, o director e os seccionistas de ciclismo e de que o clube se encontra em negociações com o antigo ciclista Alves Barbosa para exercer o cargo de técnico daquela secção. Quanto aos ciclistas, estão presentemente a receber preparação física do técnico checo Otakar. Continuando, disse que o número de sócios presentemente é de 298556.

O dr. Correia da Silva informou, ainda, que a realização da «Taça Cidade do Porto» está já em estudo, e que a mesma decorrerá em Junho próximo. Declarou, ainda, que vem a caminho da Lisboa a bordo do paquete «Imperi», que ali atracará no dia 10, a nadadora francesa Valadaires, que passará a representar o clube.

Finalmente, declarou haver um saldo positivo da actual gerência.

HOJE À NOITE

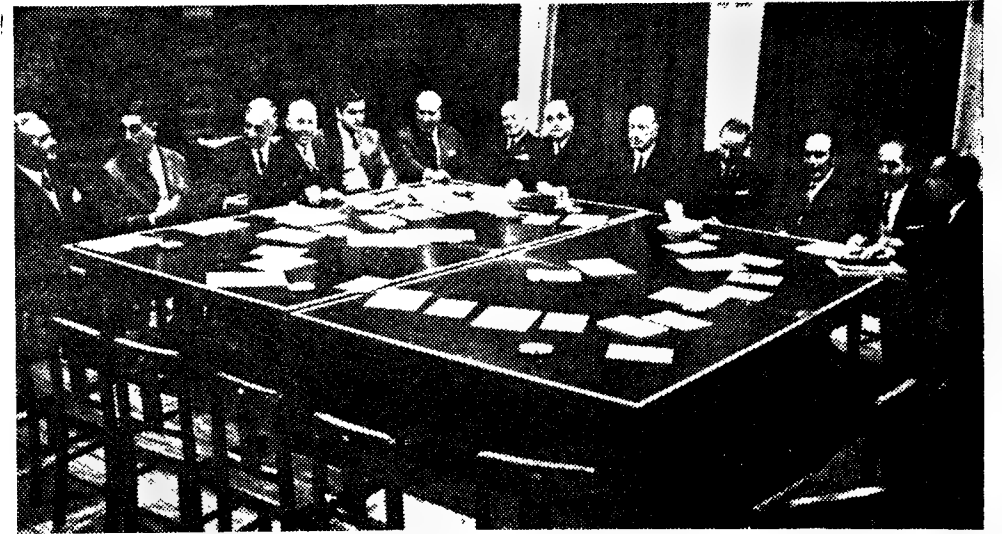
ANDEBOL — Campeonato de Lisboa da II Divisão: Encarnação-Cova da Piedade, às 20 e 30; Vendedores de Jornais-C.N.O.C.A., às 21 e 45; Boa Hora-Oriental, às 23, no Pavilhão da Tapada da Ajuda.

— Campeonato de Lisboa de juniores (5.º ao 8.º lugar): Encarnação-Benfica, às 19 e 45; e C.I.F.-Almada, às 20 e 45. 1.º ao 4.º lugar: Passos Manuel-Campo de Ourique, às 21 e 45; e Benfiquistas-Sporting, às 22 e 45, todos no Pavilhão do Campo de Ourique.

BASQUETEBOLE — Campeonato de Lisboa de Juvenís (fase final): Pedrouços-Benfiquistas, às 21; e Algués-C. Quebradense, às 22, no Pavilhão da Ajuda.

BILHAR — Campeonato de Lisboa de 2.ª categoria a uma tabela, na Associação dos Amadores de Bilhar, às 21.

FUTEBOL — Em Sevilha,



SILVA PEREIRA

(Penafiel)

DOIS MESES

DE INACTIVIDADE

O valeroso jogador do Penafiel, Silva Pereira, a época passada cobigado por um dos «grandes», encontra-se internado no Hospital de Santa Maria. Numa sessão de treino aquele jogador fracturou um braço (o que aconteceu pela 2.ª vez) e foi operado naquele estabelecimento hospitalar. Foi diagnosticada uma inactividade de dois meses.

HÓQUEI EM CAMPO

IRRADIAÇÃO

A Associação de Hóquei em Campo do Porto irradiou o jogador José da Silva Figueiredo, do Leixões. Um outro atleta deste clube (Fernando Azevedo Faria) foi suspenso por seis meses.

CASTIGOS E INDULTOS DA FEDERAÇÃO DE FUTEBOL

Ilibado o dr. António Pimpão e processo contra «Os Nazarenos»

A Federação Portuguesa de Futebol, através do seu Conselho de Disciplina, aplicou os seguintes castigos:

Jogadores — 1.ª Divisão — António Teixeira Barros (Leixões), dois jogos de suspensão, por jogo perigoso sistemático; Manuel Gualter Costa (Vit. Guimarães), um jogo de suspensão, por gestos de ameaça de agressão a um adversário.

2.ª Divisão — M. Pais de Silva (Ac. Viseu), por pequenas incorrecções para com o público; José Carangueiro (T. Novas), M. Gamboa de Almeida e J. Cordeiro Duarte (ambos do Oriental), por demora na reposição da bola

em jogo — todos com repressões por escrito.

3.ª Divisão — Joaquim Piedade (Bragança), cinco jogos de suspensão, por agressão a um adversário, agravada por sucessão de faltas; Ernani Costa (Oliveirense) e Idalino de Almeida (Lamego), quatro jogos de suspensão, por agressão a um adversário e insultos graves ao árbitro; Manuel Julio Pinheiro (Vasco da Gama), três jogos de suspensão, por insultos graves ao árbitro; João Parra (Aljustrelense) e Tomás Rodrigues (Sarlhense), dois jogos de suspensão, por injúrias ao adversário e desacordo com uma decisão do árbitro, no que é reincidente, agravados por ser capitão da equipa; José Lamela (Desp. Beja), um jogo de suspensão, por jogo perigoso, agravado pela sucessão de faltas; Mário Nunes (Farense) e João de Sousa (Aljustrelense), um jogo de suspensão, por desacordo com decisões do árbitro e do fiscal de linha; Arménio Tomé (Chaves), por desrespeito ao árbitro; Mário Augusto Esteves (Mirandela), um jogo de suspensão por demora na reposição do jogo; André Coelho (Chaves), Francisco Ferreira Lopes (Mirandela), Carlos Carrusca Manuel (Farense), os três por demora na reposição da bola em jogo; Artur Mota (Vila Real) e António Ramos (Aljustrelense), por desacordo com decisões do árbitro — todos com repressões por escrito; José Almeida e João Pereira (ambos do Mortágua), Vitor Garcia (Marinhense) e Marcelino Brandão (Ourense), todos com advertências por faltas leves.

Massagistas — Manuel Fê

lix (Lamego), irradiado por agressão ao árbitro.

Clubes — Gil Vicente, multa de 1000\$00, por comportamento incorrecto de uma parte do público e arremesso de objectos, sem molestar a equipa de arbitragem, no que é reincidente; Sporting de Lamego, multa de 500\$, por arremesso de objectos sem molestar a equipa de arbitragem; Futebol Clube do Porto, advertência, por demora na entrada em campo, após o intervalo.

O Conselho da Disciplina decidiu mais: por acórdão: a) revogar a sua decisão proferida em reunião de 26 de Dezembro, anulando a pena de irradiação imposta ao dr. António Duarte Pimpão, na qualidade de médico de «Os Nazarenos», ilibando-o de toda a culpabilidade; b) mandar instaurar processo disciplinar contra «Os Nazarenos» e seu delegado ao jogo, João Moura Garcia, pelas infracções que resultam das diligências e provas produzidas.

Responsabilizar o Desportivo das Aves pelos prejuízos ocasionados pelo apedrejamento do automóvel em que se fazia conduzir a equipa de arbitragem do encontro Aves-Vizela, disputado em 29 de Dezembro findo, a contar para o Campeonato Nacional da 3.ª Divisão

Por resolução da Comissão de 1.ª Instância da F. P. F. foi castigado com 20 dias de suspensão, o jogador Manuel Pais da Silva, do Ac. Viseu, por despacho transitado em julgado, proferido na acção de condenação movida pelo S. C. de Alva.

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreia de hoje — CAÇADORES DE ESCALPES — S. Jorge

IMPÉRIO
(M. 12 anos) Tel. 555134
As 15.15 e 21.30
Technicolor — Franscope
Um filme de Edward Dmytryk
BRIGITTE BARDOT E SEAN CONNERY em SHALAKO

ESTÚDIO
(M. 12 anos)
As 15.30, 18.30 e 21.45
Um filme de Joseph Mankiewicz, com Marlon Brando, Deborah Kerr, James Mason e Greer Garson
JULIO CÉSAR

CONDES
Telefs 32 25 23 32 67 10
(Adultos)
As 15.15, 18.15 e 21.30
O amor desavariado de uma mulher no outono da vida e o egoísmo atroz de um jovem que a desdenha!
24 HORAS DA VIDA DE UMA MULHER
com Danielle Darrieux e Robert Hoffmann

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
As 15 e 21.30
3.ª SEMANA
70 mm — no «ecran» gigante
AS SANDALIAS DO PESCADOR
com Anthony Quinn, Oskar Werner e Sir Laurence Olivier

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
As 15.30 e 21.45
3.ª SEMANA
Espantosa comédia de Dino Risi
O PROFETA
TECHNICOLOR
Vittorio Gassman — Ann Margret

CHIADO TERRASSE
(M. 12 anos) Tel. 320917
As 21 h.
ANTES QUE CASES AGARRA QUE É GENERAL

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
As 17 e 21.30 horas
GOLPE SOBRE GOLPE
com Frank Sinatra, Peter Vaughan e Nadia Gray

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 5 05 95
As 3 da tarde (a p. r.) e 9.30 da noite
3.ª SEMANA
JULIE ANDREWS
a inesquecível vedeta de «Música no Coração» noutra maravilha grandiosa em 70 mm
A ESTRELA (STAR!)

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
As 21.45
Um filme de Robert Hossein
COMO MATEI RASPUTINE
com Keri Froebe, Geraldine Chaplin, Robert Hossein e Ira Furstenberg
Franscope — Eastmancolor

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
CANTINFLAS no mais explosivo dos seus filmes
AS MINHAS PISTOLAS

ESTÚDIO 444
(M. 12 anos) Tel. 779097
As 21.45
4.ª SEMANA
Um filme polémico
O ELOGIO DA PREGUIÇA
com Philippe Noiret e François Brion
EASTMANCOLOR

POLITEAMA
Tel. 32 63 05
HOJE, À NOITE, AS 21.30
EXTRAORDINÁRIO ÊXITO COM O VIBRANTE FILME
O VALE DO MISTÉRIO
com Richard Egan e Peter Graves
Uma aventura na selva onde a morte espanta a cada passo.
(Col.) (M. 12 anos)
HOJE, às 18.30 — (M. 17 anos)
SESSÃO CLÁSSICA

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45933
(Adultos) Tel. 45933
As 21 horas
MERGULHO NO PASSADO
MATT, HELM, AGENTE MUITO SECRETO

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54754
As 21 e 30 — ESTREIA
CAÇADORES DE ESCALPES
com Burt Lancaster
As 15.15 e 18.15 (M. 12 anos)
O PEQUENO BANHISTA

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
As 15.15, 18.30 e 21.30
Extraordinário filme de Paul Newman, candidato aos Oscars da Academia
RAQUEL, RAQUEL
Uma mulher descobre o amor... com Joanne Woodward e Estrella Parsons

LUMIAR
(M. 12 anos) Tel. 791574
As 21.30
«RINGO» E A SUA PISTOLA DE OURO
com Mark Damon e Valeria Fabrizi
Uma aventura cheia de emoção e «suspense»
Parque privativo
Ar condicionado

ALVALADE
As 15.45 e 21.45
(Adultos) Tel. 763080
Extraordinário filme de Paul Newman
com Joanne Woodward e Estrella Parsons
RAQUEL, RAQUEL

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
As 15.15, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
O discutido filme de Charlie Chaplin
A CONDESSA DE HONG-KONG
com Sophia Loren e Marlon Brando
TECHNICOLOR
Metro: Picoas

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
O FUNDO DA GARRAFA
c/ Van Johnson, Joseph Cotten, Ruth Roman e Jack Carson

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
As 15.15 e 21.30
Acção em locais bem conhecidos do nosso publico
Technicolor
com Vince Edwards e Judy Gerson

CABEÇA DE MARTELO

ODEON
Telef. 32 62 83
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
4.ª E ÚLTIMA SEMANA
A comédia musical com arrebatadoras corridas de touros
MARISOL E O TOUREIRO
com o famoso «espada» PALOMO LINARES
(Col.) (M. 12 anos)

LIDO
Tel. 93 75 93 A MADORA
(M. 12 anos) As 21.30 h.
Um filme violento e cheio de acção!
O SARGENTO RIKER
Magistral interpretação do grande actor Lee Marvin

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
As 21 horas
FANNY
com Leslie Caron e Maurice Chevalier
Complementos seleccionados

IDEAL
(M. 17 anos) Tel. 324194
As 21 h.
MADAME X
A PORTA DAS SETE FECHADURAS

* OUTROS ESPECTÁCULOS

COLISEU — As 2 e 30: Companhia de Circo (12 anos)
TEATROS
TRINDADE — As 2 e 45: Sabina Freire (7 anos)
VASCO SANTANA — As 2 e 45: «Noite de Verão» (2 anos)
MONUMENTAL — As 20 e 45 e às 23 h.: «Click! Já está!» (17 anos)
MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e às 23 h.: «Grande Poeta é o Zé» (17 anos)
VARIADADES — As 2 e 45: «O Amor 68» (17 anos)
VILLARET — As 2 e 45: «A Pequena» (7 anos)
LAURA ALVES — As 21 e 45: «O Jovem Mentiroso» (17 anos)
CAPITÓLIO — As 2 e 45: «Tango»

CINEMAS
CINEARTE — As 2 e 45: «Amor e comédias» (2 anos)
PARIS — As 2 e 45: «Um idiota em Paris» (17 anos)
ROYAL — As 2 e 45: «Não perca a cabeça» (12 anos)
OLIMPIA — As 9: «O dia mais longo de Kansas City»
SALÃO LISBOA — As 9 h.: Alvarez Kelly (12 anos)
ARCO IRIS — As 21 e 30: «Os Cavaleiros da Távola Redonda» (12 anos)
PROMOTORA — As 21: Bonnie e Clyde (17 anos)
ENCARNAÇÃO — As 21: «Os mous também amam» (17 anos)
CINE-MOSCÁVIDE — As 21: «Desafio a Robin dos Bosques» (12 anos)
BOMB VOL. LOURES — As 21 e 30: «Diabolik» (17 anos)
UNIVERSAL — As 21: «Quando o peixe saiu do mar» (17 anos)
CINE-ORIENTE — As 21: «Quem brinca com o fogo... Queima-se» (17 anos)
SPORT LISBOA E BENFICA — As

2 e 5: «Larzan e a Mulher Leopardo» (2 anos)
Linha de Cascais
ALGÉS — STADIUM — As 21 e 30: «Dragão de fogo» (17 anos)
PAREDE — ROYAL-CINE — As 2 e 45: «Que pena seres vgarista» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — As 17 e 45 e 30: «Golpe sobre golpe» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSE — As 2 e 30: «O tesouro oculto» (17 anos)

Linha de Sintra
PONTINHA — CINE-UNIÃO — As 21: «Cavalgada de danças» (17 anos)
DAMAIA — D. JOAC V — As 2 e 30: «A noite escaldante do inspector Joss» (17 anos)
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — As 2 e 45: «Vingar primeiro amor depois» e «Dois homens e uma mulher» (17 anos)
AMADORA — RE-REIOS-DESPORTIVOS — As 2 e 5: «O visconde não perdoo» (17 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — As 2 e 5: «Grau de destruição» e «A maldição do Rub Negro» (12 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — As 2 e 30: «O grande combate» (12 anos)

Outra Banda
ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 5: «7 novas para 7 km» (12 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — As 21: «Rol-Royce amarelo» e «A marca do crime» (17 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — «O vingador mascarado» (2 anos)

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- Os espectáculos com a fantasia «Lisboa é sempre mulher» terminam no próximo domingo no Teatro Sá da Bandeira do Porto.
- A peça «Dias felizes» vai ser apresentada em Angola pelos artistas Glória Quartim e Vasco de Lima Couto.
- Com Maria Dulce em protagonista, principiam dentro de dias os ensaios da peça «Frei Luís de Sousa» pela companhia de Amélia Rey Colaço.
- Antes de regressar à Metrópole, a actriz Madalena Souto participará no desempenho de outra peça.
- É mais que provável o ingresso da actriz Milu numa companhia do empresário Vasco Morgado.
- A revista «Grande poeta é o Zé» depois de uma temporada no Porto deve regressar a Lisboa, estando assim posta de parte a ideia de apresentar brevemente a revista «Mãos á obra».

FARMACIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno A
(Ver pelos bairros das mediações e telefones entre parênteses).
ALCANTARA — Boirão, R. Prior do Crato, 25 (661321)
ALMIRANTE REIS — Confiança, Av. Almirante Reis, 46 (42453)
ALVALADE — Zil, Av. da Igreja, 9-D (711780) * São João de Deus, R. Pedro Ivo, 1-A e 1-B (725140)
AMOREIRAS — Britânica, Trav. Léguas da Póvoa, 5 (689250)
ANJOS — Renascença, R. Damas-ceno Monteiro, 104-A-B (83 504)
AREIRO — Roma, Av. de Roma, 85-B (772466) * Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A e 5-B (727300) * Imperial, Av. Guerra Junqueiro 30-B (726860)
ARROIOS — Veral, R. Morais Soares, 109 (40632)
AVENIDAS NOVAS — Alcantara, Av. República, 74-A (771379) * Vale, Av. Marquês de Tomar, 45 (775043) * Daiva, Av. Duque de Aveia, 125 (45225) * S. Sebastião, Largo S. Sebastião, 1-9 (48642)
BAIRO ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (311216)
BAIXA — Teixeira Lopes, R. Aurora, 154 (324816) * Oliveira, R. Paiva, 240 (321415)
BELÉM — Moura, T. da Memória, 55 (630944)
BENFICA — União, Est. Benfica, 592 (700092) * Alegria, Est. Benfica, 180-A-B (780511)
CAMÕES — Barreto, R. Loreto, 30 (327284)
CAMPO DE OURIQUE — Lobel, R. Infância 16, 98-B (688807) * União, R. Saraiva Carvalho, 119 (663643)
CAMPOLIDE — Salutar, R. B. 75, A-B (Bairro da Liberdade — (683694) * Pinto, R. Campolide, 11 (682610)
CONDE REDONDO — Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (553468)
ESTEFANIA — Mundial, L. D. Estefânia, 9 (45578)
ESTRELA E LAPA — Andrade Ribeiro, Av. Infância Santa, 66-B (666971) * Paiva da Costa, R. Lapa, 105 (664414)
GRAÇA — Ziller, R. de S. Tomé, 54 (862835) * Central, R. Penha de França, 58 (849245)
LUMIAR — Central, R. Lumiar, 77 (790480) * Doura, Al. Linhas Torres, 93-A-B (791131)
OLIVAIS — R. Alves Gouveia, 19 (311237)
ALHAVA — Canto, Est. Laranjeiras, 202-B (780841)

Linha de Cascais
ALGÉS — Miramar, R. Ernesto de Silva, 8 (212048)
CAXIAS — Nova, Rua Bernardino de Sousa, 4 (42839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 — (Tel. 2432039)
OELAS — Central, Rua João Leal, 8 (2430058)
PAREDE — Macau, Rua J. Elias Garcia, 62-B (2471785)
ESTORIL — Lopes, R. Hangar 3 (260008)
CASCAIS — Marginal, Av. Marginal (280078) — A. Costa, R. Freitas Reis 24 (280214)

Linha de Sintra
AMADORA — Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (935518) * Carmo, R. Elias Garcia, lote 28 (933303) * Helenica, R. Elias Garcia 2 (933613)
DAMAIA — Confiança, Est. Militar, lote D (971023)
QUELUZ — Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117), Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 5 (Tel. 950123)
CACÉM — Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS — Quimila, Est. Mem Martins 285 (Tel. 29 00 21)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456)
SINTRA — Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (980832)
COLARES — Colares — Abrela (299088)

Outra Banda
ALCOCHETE — Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (234137)

ALHOS VEDROS — Portugal Av. do Beiro Rosa, 8 (224250)
ALMADA — Cristo Rei Av. do Rei, 3 (213498)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Est. Nacional 22-B (224 41)
BARREIRO — Soares, Av. da República, 1223023
COVA DA PIEDADE — Carqueira Afonso, P. 5 de Outubro, 8 (70254)
MOITA — União Moitense, Av. do Teófilo Braga (Tel. 259025)
MONTIJO — Moderna, R. Buião Pato 60 (230 561)
SESIMBRA — Leão Av. Salazar (Tel. 22947)
SETUBAL — Bocageano, Rua do Romeu (23425) * Bairos, B. Santos Nicolau (23380)
SEIXAL — Sarmento, Povo Coelho (23527)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

AGUA, GAS E ELECTRICIDADE — Companhias das Águas, 361358 * Companhias Reunidas, 537011 * Gásclida 538821 * Gásclida (Idem) * Sertadores 382069
BOMBEIROS — Sapadores 322222 * Voluntários, 538524
POLICIA E G. N. R. — Serviço de emergência, 115 * Segurança Pública, 366141 * Judiciária, 535380 * Marítima, 326456 * Internacional, 362721 * Viação e Trânsito, 42205 * G. N. R. (área rural) 36865
Saúde — Cruz Vermelha, 665342 * Enfermagem permanente, 766161 * Enfermagem de urgência, 43738 * Hospital de Santa Maria, 775171 * Hospital de S. José, 860131 * Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 * Transfusões, soros e oxigénio, 538524 * Centro de Intoxicações (Informativo), 767777, 761176, 763456
TRANSPORTE — Aeroporto, 721101 * Caminhos de ferro (C. P.), 869029 * Caminhos de ferro (Estoril), 361121 * Estação fluvial (T. Paço), 325345 * Estação Marítima de Alcantara, 663195 * Estação Marítima de Rocha, 672445 * Estação fluvial (Belém), 638531

BOM APETITE

RESTAURANTE CASTANHEIRA
E da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIARIAS
AOS SABADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 5 anos)

PASTELARIA FÓIA
RESTAURANTE
C. Mártires do Pátria, 59-A
Telef. 54549
ESPECIALIDADES DA COZINHA PORTUGUESA
PASTELARIA C/ FABRICO PRÓPRIA

MINABELA
Restaurantes Churrasqueiro Pastelaria
ESPECIALIDADES DIARIAS
AMADORA—Telef. 939191/2
QUELUZ—Telef. 951611

XANGAI
Av. Duque de Loulé 20-B
Telef. 5 73 78
(frente à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADE DIARIA
CARNE DE PORCO ACRE E DOCE

TIQUE TAQUE
AGORA TAMBÉM COM RESTAURANTE E SNACK-BAR
NOVA GERÊNCIA
AVENIDA DE ROMA, 29-B
TELEF. 777723

TARANTELA
RESTAURANTE • SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 e 27
Telef. 58 52 03
ESPECIALIDADES DIARIAS
Sala no 1 andar para Banquetes
Lanches de Casamento

RESTAURANTE HONG KONG
RUA CAMILO CASTELO BRANCO, 23
Telef. 53 86 65
Comunica aos seus Ex. Clientes e Amigos que se encontra hoje encerrado por motivos da nova decoração do salão, reabrindo amanhã.

RESTAURANTE LUMIAR
Restaurantes • Snack-Bar • Cervejaria
Especialidades diárias
ACORDA DE LAGOSTA e COZINHA GOESA
Rua Gomes Freire, 14
Telefone: 4 62 47
(Ao Campo Santana)

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa



Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telex: 32 02 71-23 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA; Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

O tempo

DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

TEMPERATURAS EXTREMAS
OBSERVADAS NA REDE NA-
CIONAL DO CONTINENTE
ATE AS 9 HORAS DE HOJE
— Máxima: Praia da Ro-
cha, 16°; mínima: Penhas
da Saúde, 4°2.

TEMPERATURAS OBSERVA-
DAS, AS 9 HORAS, NA COS-
TA DO SOL — Na atmosfe-
ra: 12°; na água do mar
13°4.

PREVISÃO GERAL ATE AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu muito nublado ou en-
coberto; vento fraco ou mo-
derado dos quadrantes do
Sul, por vezes com rajadas
fortes; períodos de chuva,
passando a aguaceiros.

Amãhã
Nascer às 8 e 55
Ocaso às 18 e 34



Dia 11 Dia 18 Dia 25 Dia 2

MARÉS:
PREIA-MAR: Dia 9 — 7 e
30 (3,8 m); 20 e 03 (3,5 m).
Dia 10 — 8 e 16 (3,7 m);
20 e 54 (3,4 m). Dia 11 —
9 e 10 (3,6 m); 21 e 48
(3,4 m). BAIXA-MAR: Dia 9
— 0 e 58 (1,2 m); 13 e 32
(1,1 m). Dia 10 — 1 e 43
(1,3 m); 14 e 22 (1,3 m).
Dia 11 — 2 e 40 (1,4 m);
15 e 21 (1,4 m).

Contas novas para gente nova



BANCO DO ALENTEJO

A GUERRA DE BIAFRA

O PRIMEIRO LIVRO DO MUNDO
SOBRE A GUERRA DE GENOCÍDIO DE BIAFRA
ILUSTRADO COM 124 FOTOGRAFIAS VIVAS.

Pedidos à EDITORIAL INICIO
Av. Almirante Reis, 23, 4.º Esq. — LISBOA
PREÇO 50\$00 ■ A VENDA NAS LIVRARIAS

LIVROS ESPANHÓIS

7.000 Livros técnicos e científicos
Com editores representados

LIVRARIA TORRENS

RUA ANTERO DE QUENTAL, 14-A

Tiros no «Albert Hall» para solucionar um problema de som

LONDRES, 9 — (R.) — Três tiros soaram, a noite passada, sob a cúpula do «Albert Hall», nesta cidade, quando engenheiros tentaram solucionar um mistério que dura há quase um século.

Desde a inauguração da sala, em 1871, o «Albert Hall», com uma lotação para 5000 espectadores, tornou-se famoso pelos seus concertos corais e sinfónicos. Contudo, registou-se sempre um eco que irritava as audiências e provocava a fúria dos maestros. Agora, técnicos de som

suspenderam cerca de cem grandes discos de fibra de vidro da cúpula, numa tentativa para acabar com o eco, abafando e difundindo o som. Até aqui não há provas da sua eficácia, mas um amador de música, que ouviu o concerto da noite passada, comentou: «os discos constituem uma grande melhoria».

Os tiros foram disparados antes do concerto da noite passada, de forma a que os técnicos pudessem verificar se as reverberações estavam a ser reduzidas.

O frio dificulta o trânsito rodoviário

PENEDONO, 9. — Pela primeira vez neste Inverno, os montes apareceram cobertos por alvinitente manto de neve, depois de alguns dias de frio intenso.

Embora nós com a intensidade habitual, o recente nevão provocou dificuldades na circulação rodoviária, pois alguns troços de estrada ofereciam sério perigo para os automobilistas.

As aeromoças da França não gostam dos uniformes desenhados por Balenciaga

PARIS, 9 — (A. N. I.) — Para milhares de senhoras, possuir um modelo de Balenciaga foi o sonho de toda a sua vida até o costureiro anunciar que se retirava, na Primavera passada.

No entanto, as hospedeiras da companhia francesa de aviação, que deviam começar a usar uma das últimas criações de Balenciaga no próximo mês de Junho, não gostam dos uniformes desenhados pelo costureiro e já o fizeram saber ao seu sindicato.

Das 77 por cento que responderam ao inquérito do sindicato sobre o assunto, só 2,89 afirmaram gostar do uniforme de Inverno e 2,13 por cento aprovaram o modelo de Verão.

As assistentes de bordo afirmam que não gostam dos bolsos nas mangas, ao que Balenciaga declarou serem inspirados nos uniformes de voo. Quanto aos bolsos nas saias, afirmam que as farão «parecer cangurus». Não gostam do impermeável para vestir sobre o fato de Verão, porque é mais curto do que a saia e não gostam do casa-

quinho de manga curta, asertado, porque fica à mostra o estômago todas as vezes que levantam os braços.

Ninguém ameaçou entrar em greve, mas a situação é triste para o orgulho do mestre.

Segundo a companhia, o costureiro escolheu cuidadosamente o tom exacto do azul para o uniforme de Inverno, para não ser nem esverdeado nem encarnado, e teve que satisfazer muitas exigências: elegância, liberdade de movimentos, adaptação às rápidas mudanças de clima e apresentar o vestido um aspecto impecável, mesmo depois de viagens longas.

Mostrar o estômago não agrada às hospedeiras

Em consequência de tudo isto, Balenciaga criou um modelo que agrada mais às grandes damas da moda, como Marlène Dietrich ou a duquesa de Windsor, do que às jovens aeromoças. O que acontece é que as hospedeiras, quando não estiverem de serviço, se vestirão como Catherine Deneuve ou qualquer outra «estrela» contemporânea e preferirão Yves St. Laurent, com as suas tunicas compridas e calças largas.

Balenciaga escolheu para Inverno um fato de saia-casaco, com o casaco sem gola e com quatro bolsos, dois no peito e dois nas mangas. Por debaixo do casaco, as hospedeiras vestiriam uma blusa branca. A saia tinha dois

JOEL SERRÃO

fala sobre

os direitos do homem

O sr. Joel Serrão falará hoje na igreja de Santa Isabel sobre os Direitos do Homem. A sessão realizar-se-á a partir das 21 e 30 e é a primeira de uma série subordinada ao mesmo tema, a qual se prolongará até ao dia 6 do próximo mês, sempre às quintas-feiras.

Os outros colóquios serão: a 16, «Os direitos dos jovens», por José Manuel Félix Ribeiro, e Teresa Maria Barata Salgueiro; a 23, «Os direitos à liberdade religiosa», por D. Luís Pereira, bispo da Igreja Anglicana; a 30 «O direito à educação e à cultura» pela prof.ª Maria de Lourdes Belchior; e a 6 de Fevereiro, «Os direitos da família», pelo dr. Rui Acácio, assistido por D. Manuel Franco Falcão, bispo de Teleste.

Professores brasileiros visitam Évora

ÉVORA, 9 — Estiveram hoje, nesta cidade, os 30 professores brasileiros que se encontram de visita ao nosso País. Foram recebidos na Câmara Municipal e na Comissão de Turismo, tendo percorrido demoradamente os pontos principais da cidade.

Depois, foi-lhes oferecido um almoço no restaurante P. o. t. a. g. e. r. e. recentemente inaugurado.



Peter O'Toole e a sua «partenaire», de 15 anos, durante o «cocktail», efectuado em Londres, para apresentação da película «The Lion in Winter». A acção do filme passa-se no ano 1183 e O'Toole é o seu principal intérprete

À INDÚSTRIA TÊXTIL

O BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

prossequindo o tradicional apoio concedido à indústria têxtil, comunica aos interessados que, no quadro das novas providências tomadas pelo Governo, se encontra à disposição das empresas para colaborar na solução dos seus problemas.

Telefones: Porto 2 95 81

Lisboa 37 02 61/71



BANCO PINTO
& SOTTO MAYOR

Alfonsina de Campos
Alexandre O'Neill
E. M. de Melo e Castro
Edmundo Pardo Coelho
João Palma-Ferreira
José Elvira
Oscar Lopes
Pablo de Sena

N.º 545 / 9 DE JANEIRO DE 1969



de Oscar Lopes

COM JORGE DE SENA

OSCAR LOPES: Disciplinas tão objectivas como a análise estilística, quantificação, a cronologia, a genealogia, a lexicologia datada, etc., são o suporte mais visível dos seus estudos literários dos últimos anos. De que modo os sente relacionados com a sua não menos visível intuição sintética, ou, se se preferir, fenomenológica, acerca de cada obra? Como é que, por exemplo a propósito da canção tripla de Camões, ou da estrutura da *Castro de Ferreira*, se encadearam, no seu trabalho, palpites e verificações (ou inverificações)?

JORGE DE SENA: Devo dizer que tenho horror dos palpites, e que jamais me entrego a eles. Em face de qualquer obra ou de qualquer problema, quero-me inteiramente sem palpites, para que a abordagem se faça sem qualquer ideia preconcebida. É evidente que a isso preexistem a minha cultura, as minhas

informações, as ideias ou a visão que vou tendo das épocas, dos autores, e das obras. Mas não quero nunca pressupor nada. E os métodos aplicados resultam precisamente do tipo de problema com que me defronto. Quando falo, como tenho falado, em crítica fenomenológica, nunca quis referir-me a «intuições sintéticas», mas a uma *atenção a um objecto enquanto tal*.

OSCAR LOPES: Anuncia-se um volume seu sobre teoria da Literatura, aliás já pressuposto na fundamentação do *Ensaio de uma Tipologia Literária*, 1960. Para quando esse volume? Que problemas, ou que incompreensões, lhe fizeram sentir a necessidade desse volume? Quais as suas características principais?

JORGE DE SENA: Essa «teoria da literatura» (e tais questões foram sempre muito importantes para mim) nasceu, todavia,

de um convite de um editor brasileiro, para corresponder à falta de obras desse tipo, não apenas em português, que abracem os vários aspectos da teoria e da prática literárias. As grandes culturas tendem a confinar-se demasiadamente aos métodos ou escolas que, de momento, as dominam. Penso que pessoas como nós, fora delas e em contacto com elas, estão equipadas melhor, ou podem estar, para apresentar as questões e as discussões que estas têm suscitado. Mas a obra ainda está numa fase muito embrionária de preparação.

OSCAR LOPES: Quais as obras ou correntes literárias (ou, ainda mais genericamente, estéticas) que mais vivamente lhe interessam, agora?

JORGE DE SENA: Nenhuma ou todas, o que vem a dar na mesma. Sempre me interessa e apaixoa quanto se faça no meu tempo, em função dele, venha de onde vier. Mas, sem que isso possa ser tomado como sintoma de velhice académica, acho que certo experimentalismo gratuito, como certo tradicionalismo realista, deu o que tinha a dar e começa a apresentar deploráveis sintomas de actividade epigonal. Ou pior: muitas coisas só são novas para quem não se lembra, ou ignora, o que o vanguardismo foi na sua época «heróica». Todavia, a rebelião geral contra todas as formas, que se verifica hoje por toda a parte, se corre o risco de ser formalista ela mesma, no pior sentido da palavra, é um sinal admirável da transformação de estruturas no mundo de hoje. Finalmente, os homens começam a saber o que *não* querem, bem melhor do que o que querem.

OSCAR LOPES: Com a experiência que tem de várias universidades do Velho

«A Universidade é o espelho do país»

por João Palma-Ferreira

GUILLERMO CABRERA INFANTE nasceu em 22 de Abril de 1929 em Gibara, provincia de Oriente, região de Cuba, onde também nasceram Batista e Fidel Castro. Em 1941, fixou-se com os pais em La Habana. Começou a escrever em 1947 e, abandonando os estudos e uma sonhada carreira médica, trabalhou em diversas profissões ou numa única, sempre repetida. Em 1950 ingressou na escola local de jornalismo. Em 1952 foi detido e multado por ter publicado um conto com English profanities. Casou-se pela primeira vez em 1953. Em 1954 começou a escrever com o pseudónimo de G. Cain a crítica de cinema da revista «Carteles», semanário popular de que seria chefe de redacção em 1957. Obteve alguns prêmios e menções literárias com os seus contos e fundou a cinemateca de Cuba, a que

presidiu entre 1951 e 1956. Em 1959 foi dirigente da Cultura Oficial, director do Instituto de Cinema e director do «magazine» literário «Lunes de Revolución» desde a sua fundação ao seu encerramento, em 1961. No fim desse ano matrimoniou-se com a actriz Miriam Gómez. Em 1962 foi colocado na Bélgica como agregado cultural da Embaixada de Cuba. Em 1964 foi-lhe atribuído o prémio literário da «Biblioteca Breve». Em 1965 regressou a Cuba para assistir ao funeral de sua mãe, renunciou à diplomacia e fixou-se definitivamente na Europa. Vive actualmente em Londres com a família.

Publicou: *Así en la paz como en la guerra* (contos), 1960; *Un Oficio del Siglo XX* (críticas de cinema), 1963; *Tres Tristes Tigres* (Vista del amanecer en el tropico) (romance), 1967.



Cabrera Infante: La Habana, hoje

NUM VOLUME colectivo dedicado aos modernos contistas cubanos distingue-se, desde logo, o conto assinado por Guillermo Cabrera Infante, quer pela pureza de linguagem, pelo entrelaçado da acção, pelo tom geral da ambiguidade humana ou ainda pela forma como obriga o leitor a decifrar um conjunto de situações que se organizam como um pequeno mas profundo microcosmos. A estrutura desse conto é, aliás, um guião embrionário que Cabrera Infante virá a desenvolver na obra que o transformará num caso único da novelística moderna: a acção é vertida num «vaso» estanque, amplo mas limitado e o tempo fracciona-se em soluções interligadas a caminhar para um termo que de antemão se conhece como tempo limite imposto. No caso do conto incluído no volume dedicado aos modernos contistas cubanos, a acção é contida no tempo limite de uma curta viagem de automóvel e os incidentes são rápidas alusões ao fatigado convívio de um homem e uma mulher e ao

desgaste de uma situação apodrecida. Paralelamente desenha-se uma atmosfera afim, conseguida em rápidas visões de clima, de contraposição moral, de reflexo da mesma fadiga no caos circundante. É uma história de desencontro na harmonia do encontro.

Seria num grande romance que Guillermo Cabrera Infante conseguiria finalmente amadurecer e estruturar com solidez o esquema genérico que tentara naquele conto: o doseamento entre a ruptura e a tradição que confere a *Tres Tristes Tigres* um lugar de destaque na ficção moderna e que coloca Cabrera Infante entre os primeiros escritores do seu tempo. No nosso tempo, isto é, no momento literário comum a Ionesco, a Beckett, a Robbe-Grillet, a Nathalie Sarraute, a Claude Simon, a Michel Butor, a Günter Grass, a Salinger, a Juan Rulfo, a William Burroughs, a Ernesto Sábato, poderá parecer estranho, sobretudo aos leitores europeus, admitir o «doseamento» entre ruptura e tradição — o que, porém, não

soa a falso a qualquer leitor assíduo ou inteligente no pequeno mundo das literaturas latino-americanas. Com efeito, há um desfazamento curioso a observar na forma como a América Latina absorveu a literatura moderna europeia e norte-americana: na década de quarenta, conforme esclarece Alfonso Rangel Guerra num estudo recente, a América Latina ainda está a digerir (e com raríssimos estudos críticos) as recentes traduções de Thomas Mann (de notar que a primeira edição alemã de *A Montanha Mágica* é de 1924), de Marcel Proust, de James Joyce, de Virginia Woolf, de Faulkner e de Kafka. (Todos estes autores, com excepção de Mann e Faulkner, já então falecidos). O tradicionalismo modernizante destes modelos infiltra-se no próprio cosmopolitismo e no neo-realismo da época e o hiato da 2.ª Guerra Mundial impõe uma dura solução de continuidade à absorção dos novos autores europeus e norte-



Jorge de Sena: «A Universidade é o espelho do país»

(Continua na 7.ª página)

(Continua na pág. seguinte)

SUPLEMENTO Diário de Lisboa LITERÁRIO

LETRAS PORTUGUESAS

Encontro de Óscar Lopes com Jorge de Sena.

LETRAS ESTRANGEIRAS

«Aire de Cuba», por João-Palma Ferreira

A poesia de vanguarda no Brasil, por E. M. de Melo e Castro

Epitáfio para Albertine Sarrazin, por Alcides de Campos

CRÓNICA

As andorinhas não têm restaurante, por Alexandre O'Neill

CRÍTICA LITERÁRIA

A poesia de José Régio, por Eduardo Prado Coelho

ARTES PLÁSTICAS

Um gravador fora do sistema, por Rocha de Sousa
Carta aberta ao «Diário de Lisboa», por Nikias Skopinakis

JAZZ

Pianos desconjuntados, por José Duarte

FOLK MUSIC

Joaquín Díaz: a Espanha em LP

Joaquín Díaz: A Espanha em LP

Estudante de filologia inglesa na Universidade de Valladolid. Investigador de folclore. Amigo pessoal de Joan Baez e de Peter Seeger. Vinte e dois anos preenchidos entre o convívio universitário, as viagens, os estudos musicais e os gabinetes de gravação. Eis Joaquín Díaz, um título de subito e garantido cartaz à cabeça dos «top hits» do disco espanhol. Ele e Paco Ibañez (v. «Suplemento D.L.», de ??-??-??) ultrapassaram as fronteiras nacionais e a Sonoplay revelou-o recentemente em Portugal com um notabilíssimo LP.

O «FOLK» EM ESPANHA

Joaquín Díaz tem uma linha paralela à de Paco Ibañez e, *pour cause*, à de um Cilla ou de um Adriano Correia de Oliveira. Se alguma vez contactou ou ouviu José Afonso gostou de certeza porque no seu repertório há uma recolha séria e bem seleccionada do

espírito tradicional do seu país. O primeiro LP de Joaquín Díaz abrange quase todas as regiões de Espanha, com canções que vêm de longe, como «Ya se van los pastores» e «Donde vas morenucha».

Mas a *Folk music*, na indústria das rotações por segundo, vive, na opinião dele, excessivamente «tocada» pela influência norte-americana, «inda que pela mais lúdica e honrosa. «Até em Israel o *folk* que se canta é abertamente norte-americano», argumenta Joaquín Díaz. De resto, não é de espantar que Israel baile e cante ao som yankee... «O mais curioso porém», acrescenta ele, «é que a *folk music* americana foi criada a partir de uma decantação do folclore inglês, irlandês, etc.».

Um apelo ainda: «Os tempos estão mudando. Em todos os países do mundo, sem distinções de raças ou de nacionalidades, processa-se a um res-

surgimento das tradições. A juventude está recolhendo do passado algo para o seu futuro incerto; aguarda apenas uma confirmação absoluta da sua qualidade humana. A Espanha começa agora a ressuscitar velhos temas que nos orgulham.»

UMA VOZ ESTUDIOSA

Joaquín Díaz em cerca de um ano atingiu uma posição de primeira grandeza no mercado do disco e no festival das canções. Recitais nas Universidades de Espanha, da França e das Américas impuseram-lhe uma medida internacional e puseram-no em contacto vivo com as figuras fundamentais da *folk music* do ocidente. Joan Baez em primeiro lugar. E Pete Seeger, claro.

Joan Baez, está mais perto da canção popular do que o *Folk* — é a opinião de Díaz. «Para mim, a diferença reside em que o primeiro tipo de música é popular apenas durante uma época, enquanto que o *Folk* permanece pelo tempo fora. Ultimamente as canções de Joan Baez aproximam-se cada vez mais da linha popular.»

Em contrapartida, Seeger parece ser um modelo mais representativo por Joaquín Díaz: «Os conceitos que ele defende aproximam-se mais dos meus» — esclarece. E acrescenta: «Há sempre um fundo ideológico nas canções de Pete Seeger».

Actualmente, esta voz «estudiosa e sábia» — co-

mo em idioma como em sentimentos e reacções, que anula qualquer possibilidade de generalização. Com a Alemanha passa-se, de resto, um fenómeno semelhante...

INVESTIGAR, INVESTIGAR...

«O folclore é mais do que a própria etimologia da palavra indica», escreve Joaquín Díaz no prólogo ao seu livro sobre a música tradicional espanhola. «A sabedoria do povo, de todo o povo, converteu-se num símbolo que ultrapassa as fronteiras mais estanques, escudada nas suas virtudes principais: sinceridade e liberdade (...). O folclore é, assim, algo de novo e de velho que cada geração carrega com ela e que varia com ela.»

Este jovem de grande eleição no mundo do disco e dos círculos juvenis é, de recital para recital, uma surpresa aberta. O êxito não lhe altera a serenidade e, para ele cantar, é cada vez mais uma alegria de maiores dificuldades de comunicação.

«Investigar.» — eis o seu objectivo, acima de tudo. «Interessa-me muito mais aprofundar e estudar um tema do que converter-me em vedeta da canção.»

Não obstante, Joaquín Díaz alcançou uma e outra coisa. A beleza das suas interpretações corresponde ao elevado critério de selecção com que estabelece o seu repertório. A clareza da sua voz junta-se a uma clareza audaz de opinião que procura desmitifi-

«Aire de Cuba»

(Continuação da pág. anterior)

-americanos de tal modo que é a literatura dos anos 20 e 30 que servirá de base à produção literária latino-americana até meados dos anos 50. O envelhecimento súbito de autores como Huxley e Lawrence, ídolos recentes, deve-se à forma como se processa, com uma inusitada rapidez, a actualização operada a partir da década de 50. Mas, para maior confusão, não devemos esquecer que já em Virginia Woolf e em Faulkner estavam algumas das sementes que viriam a florescer nas obras da grande ruptura ficcionista moderna. O novo tradicionalismo latino-americano não era, portanto, um tradicionalismo estagnado ou unicamente derivado do realismo e do criolismo; deve ter bebido já em fontes revolucionárias, as mesmas que permitiram o florescimento novelístico actual da Europa, que contradiz os vaticínios negativos de Ortega y Gasset nos anos 20.

Com efeito, não há nos grandes romancistas actuais da América Latina, sejam eles um Cortázar, um Rulfo, um Vargas Llosa, um Sabato ou um Cabrera Infante, a incondicional e cega defesa da ruptura por meio de um experimentalismo cabotino que tenta limitar a literatura apenas à «literatura», negando a sua intervenção em tudo o que não lhe diga directo respeito; pelo contrário, o revolucionarismo de Cortázar, de Sabato ou de Cabrera Infante (para citar autores que tentam soluções diferenciadas) é um revolucionarismo controlado, é um doseamento das vantagens da ruptura e das virtudes da tradição. Nenhum deles destrói a noção do tempo, nas suas obras, ou tudo lhe vincula; nenhum deles repudia o anedótico — matéria base do tradicionalismo narrativo — e nenhum deles se afasta da «imersão na linguagem», único processo capaz de captar o que não é aparente, o que se encobre no quotidiano, o que vive

escondido no gesto; nenhum deles despreza a «intriga» mas também nenhum deles se deixa escravizar pela necessidade de vinculação à sua verosimilhança. Em poucos escritores europeus encontraremos, em suma, um tão perfeito equilíbrio entre o que, no novo ficcionismo é estruturalmente uma expressão violenta da necessidade de ruptura e o que, na técnica narrativa, é fundamentalmente imutável ou inultrapassável. Será impossível encontrar na actual literatura europeia quem, como os autores novos da América Latina, reinvente a técnica de narrativa sem destruir a ficção; quem seja, de facto, subtilmente novo sem ser friamente técnico. Um dos casos mais flagrantes que me foi dado conhecer é o de *Tres Tristes Tigres*, de Guillermo Cabrera Infante. Acercuemo-nos, portanto, deste exemplar romance cubano.

A unidade de tempo que o limita, opõe-se, em primeiro lugar, a estrutura (ou a concepção de estrutura) fragmentária que alarga a óptica até tão imprevisíveis campos de observação e de análise que uma sociedade inteira acaba por derivar em torno de duas ou três focagens. Nas primeiras páginas do prólogo apercebemo-nos de que toda a obra é anunciada como se se tratasse de um espectáculo de «music-hall» que, com o cair da noite, se vai iniciar no cabaré *Tropicana*, em *La Habana*. O locutor apresenta as «estrelas» e as «vips» presentes na sala e retrata, num golpe de falácia, a sociedade de castas na Cuba nos últimos anos da ditadura do «argento» Batista. E quando esperamos que toda a «acção» derive exactamente na sala do *Tropicana* e nas escassas horas que durará o espectáculo, a lente da objectiva foca-se em fragmentos aparentemente desligados que, a pouco e pouco, começam a construir um determinado ambiente de desencontro, por vezes de pesadelo: por outras palavras, o Autor constrói uma «realidade»

sem obedecer à vinculação inicial espectacular do abrir de cena no *Tropicana*.

Outras preocupações dominam, porém, a obra. Se por um lado Cabrera Infante oferece ao fragmentarismo novos aspectos de unidade ambiental que só William Burroughs viria a conseguir — noutros parâmetros, embora — confere, por outro lado, a todo o livro uma autêntica qualidade hínica. Com efeito, *Tres Tristes Tigres*, cuja anterior redacção teve o título de *Vista del Amanecer en el Tropic*, é um longo, entrecortado e sibilino hino à noite. Não deveremos esquecer que o romance fecha quando a luz primeira da manhã ilumina, por fim, todo o cosmos insular. É a noite insular, cosmopolita e «habanera» a verdadeira protagonista do romance e todas as noites narradas numa única noite fundem-se numa entidade superior e nostálgica, larga, obscura, profunda noite de memória e de obsessão; porque as próprias obsessões povoam todo o romance, quer sob a forma de pesadelos, de verdadeiro terror e morte, e a tal ponto que o livro se organiza como uma rememoração quase autobiográfica onde lampejam os sucessivos retratos de homens e mulheres que oferecem especiais cambiantes aos grandes motivos da nostalgia, da literatura, da própria cidade e do cinema.

Grandes e irónicas metáforas atravessam todo o livro — o mesmo «modo» foi, aliás, cultivado com o maior êxito por Ernesto Sabato em *Sobre Héroes y Tumbas* cuja acção é cortada ou interrompida por uma extraordinária metáfora isolada, o *Informe sobre Cielos*, ou por Vargas Llosa que, sob a forma de episódios avulsos interrompe a sequência narrativa de *La Casa Verde* com violentas metáforas acerca da vida e da morte — que metafórica e sarcásticamente termina com uma inscrição quase dantesca, essa alusão ao crime ao lesa-literatura, que é

a tradução. Sob este aspecto temos, portanto, outro plano de situação da obra ou outra personagem importante — a própria literatura que «vive», deste modo, na música «total», na noite de Habana, nas charlas lingüísticas, no «modo» de escrever uma página de romance, no exercício terrível do horror e do medo, no crime, na morte, na angústia da cantora negra, na morte e na ironia de Bustrofedron que literariamente reinventa a linguagem infiltrando-se na estrutura das próprias palavras. E, de fragmento em fragmento (quase diríamos, de interrupção-necessária em interrupção necessária), Cabrera Infante reconduz o leitor à tela narrativa, ora em primeira pessoa, ora no presente, ora no passado. Rememorações da infância cruzam episódios da adolescência, por vezes deslocados do contexto geral, e a crítica de cinema, ou a presença superior da arte cinematográfica (já Cortázar, num conto célebre, fez o crítico vestir a pele do narrador excelente), a viagem de automóvel pelas ruas de Habana ou pela auto-estrada ao longo da costa, o conto fantástico ou o apontamento da psicanálise vão desafiando uma vida (ou vidas? ou uma única vida?) totalmente assimétrica, descontrolada, a vadiar na emoção, no puro gozo, no exercício e na mais cortante ironia: recordemos, apenas, as cartas trocadas entre duas burguesas da era de Batista.

Aire de Cuba, diríamos, mas sem o casticismo da música comercial. Grande e largo **aire** do **largo lagarto verde**: ar imenso e povoado por mil e uma poalhas coadas em risas de luz paralelas e infinitas, cortadas pela noite. Onde está a obra que nesta Europa possa aproximar-se de *Vista del Amanecer en el Tropic*?

JOÃO
PALMA-FERREIRA



mo lhe chamou a crítica madrilena — tem no seu «palmarés» um total de cerca de 2000 canções que interpretou de maneira inconfundível e com autêntico sentido criador. Cabem nele todas as Espanhas, desde a Catalunha às Astúrias, mas a cada uma procura atribuir os valores autónomos que as individualizam e daí o seu êxito. Isto porque, na sua opinião, não existe um folclore nacional espanhol. Na realidade, «há uma diferenciação profunda de todas as províncias, não só

car lugares — comuns. Tem para tanto a autoridade de um erudito e a fresca ouzadia de um cantor e não é infundamentadamente que nos seus escritos e nas suas intervenções tem vindo a demonstrar que «o folclore dá objectividade às ideias e aos factos», segundo uma expressão sua, muito divulgada.

Sim. Objectividade, imaginação, estudo e poder criador — são estes os componentes do triunfo de Joaquín Díaz, uma voz inconfundível no renascimento do espírito espanhol.

Um gravador fora do sistema

por Rocha de Sousa

BARTOLOMEU CID

Galeria 111
Lisboa, 1969

1. Estar dentro dos porquês da obra de arte não é capacidade que se alcance com o auxílio exclusivo de métodos científicos. O aparecimento da obra ao ao próprio artista faz-se no recurso a modos de acção de diferentes características (técnicas ou ideológicas) e ultrapassa de longe as formulações possíveis daquele exercício. Depois de verificada a necessidade de um pensamento plástico, para além de um pensamento técnico ou científico, a especificidade do fenómeno artístico transitou para o domínio de julgamentos mais precisos, aliviados de certas dependências comprometedoras, mas o carácter das definições nunca se libertou da irremediável constatação de zonas inteiras, talvez para sempre inacessíveis, no conjunto do trabalho criador. As cargas vivenciais ao nível do indivíduo, a sua particular experimentação do mundo, sedimentam-se e alimentam comportamentos cuja explicitação não pode ser entendida de uma forma global, mas apenas dos ângulos de conhecimento consentidos pela nossa própria experiência individual. Um sistema de análise ou reconhecimento dos chamados objectos de arte, apesar de todos os recursos da história, da sociologia, da crítica, não passa de um pseudo-sistema ou pseudo-sistema, agora localizado aquém das razões do ser e do aparecer da peça artística.

Quando os críticos se socorrem de um sistema (ainda um pseudo-sistema)

para o seu exercício de apropriação e esclarecimento das obras de arte, fazem sobretudo o ponto da sua própria coerência, fugindo ao que denominam de situação eclética e agrupando juízos em torno de espécimes que se integram por natureza no seu esquema de leitura, nas suas regras de opção, todos os casos que não podem integrar-se deste modo são excluídos ao nível do pseudo-sistema, por vezes ignorados ou esvaziados de existência e de conteúdo como formulação artística. Os modos de acção neste campo, na medida em que se diferenciam segundo formas diversas da experiência individual e colectiva, condicionam uma actualidade que também é plural na sua afirmação e no seu significado, não podendo por isso ser integrada ou conhecida num só sistema. A título de exemplo, para qualquer pseudo-sistema que se defina na convicção fundamentada de que o universo só é habitado pelo homem, todos os possíveis reflexos de vida extraterrestre inteligente serão considerados malditos, ou pelo menos esvaziados do seu real conteúdo e desprezados.

Pela nossa parte, fundamentando julgamentos de valor que se ligam a uma experiência crítica tão real como qualquer outra, portanto agindo também arbitrariamente a partir daí, procuramos não excluir nenhuns factos que se possam reconhecer como artísticos, ainda que eles escapem de imediato, pela carga das suas caracterizações específicas, às fronteiras do nosso próprio esquema. O rigor não exclui a loucura, a razão não nega o sentimento; e se a linguagem pictórica, por exemplo, se pode circunscrever à laboriosa revisão

da sua própria estrutura, aí mesmo exprimindo, também é certo que nas suas formas tradicionais (ou comuns) de articulação continua a ser possível promover a descoberta constante de novos significados. Porque também nesse sentido as formas podem aparecer novas, novamente experimentadas segundo outras associações, num esquema poético também outro — de seu lado também maldito.

2. As considerações assim esboçadas pretendem, não apenas situar o nosso critério em ordem a este assunto, mas igualmente enquadrar pela via apontada: o mais recente trabalho de Bartolomeu Cid, apresentado na Galeria 111. Para além da indesejável afirmação de qualidade técnica, seria difícil colocar esse trabalho, belamente ordenado no estilo e na poética, num plano de invenção vanguardista, correndo os riscos maiores das fórmulas transitórias e da revisão radical das estruturas. De um certo ponto de vista, segundo certas sistematizações parcelares (de resto necessárias), muitas ou quase todas as gravuras propostas teriam de ser excluídas de um contexto de modernidade verificável nos confrontos habituais. Mas é simultaneamente verificável que a qualidade dessas gravuras, para além da sua brilhante ordenação de oficina e da consequente exigência formal, se situa num plano de dignidade e de domínio da linguagem correspondente, propondo-se exprimir, dentro da eficácia vocabular, a poética de um universo carregado de memórias simbolistas e alegóricas. Neste sentido, e dentro de um quadro deliberadamente restrito das premissas actuais, o caso de Bartolomeu Cid deveria

corresponder a uma valorização do sinal tradicional, ligada a esquemas de invenção sucessivamente ultrapassados nos nossos dias, mesmo no campo da gravura, ainda tão fiel às suas específicas caracterizações. Do mesmo ponto de vista, o mundo que o autor tece, fiel embora a uma evocação lírica de cunho figurativo, muitas vezes alegoricamente definida, deve poder admitir-se e não excluir-se, isto é: deve poder avaliar-se, hoje, nas suas reais coordenadas de formulação. Quer dizer: não se trata apenas de forçar a obra a dar respostas a um gosto unilateral ou a problemas típicos da chamada modernidade, esta por si própria incapaz de se conter num sistema coerente de posições. É preciso reconhecê-la (à obra) ao nível da sua natureza particular, do seu mundo restrito, e sabê-la assim mesmo eficaz e viva.

Concretamente, é o que pensamos das gravuras de Bartolomeu Cid. Há nelas, não apenas o fulgor artesanal, o rigor das formas, a incisiva narrativa dos símbolos, mas sobretudo uma densidade poética bem afirmada, um conjunto de frases que constantemente nos aproxima das nossas imagens perdidas, dos nossos sonhos passados ali de novo assumidos em sucessivas sobreposições com o nosso tempo e a intimidade dos espaços onde vivemos e onde apesar de



Bartolomeu Cid: uma afirmada densidade poética

tudo nos meditamos. Os temas recuperam-se com inteira propriedade, sobretudo reflectidos através de assuntos que se recortam de forma imprevista, modulados por imagens gráficamente evocativas de um passado próximo (princípio do século?), donde ainda recuperamos muitas das nossas actuais solicitações decorrentes, parecendo excludo das exigências que mais particularmente defi-

nem o mundo das indagações actuais, correspondendo no entanto a uma rehumanização das formas de arte. E talvez não seja por acaso que a floresta exposta, quase ingênua no seu estilo gráfico, biblicamente mitificada pela vigília de um sol gigante, se deixa percorrer por essas larvas metálicas, robotizadas, homens singulares de armas aperradas.

Vale a pena estar atento.

Carta aberta ao «Diário de Lisboa»

por Nikias Skapinakis

TENHO VERIFICADO, com prazer, que o Suplemento Literário do «Diário de Lisboa» concede aos problemas das artes plásticas uma importância crescente, certamente reflectindo o papel que têm vindo a assumir no panorama da nossa cultura, tradicionalmente marcada, como se sabe, pelo primado da poética.

Talvez seja agora oportuno levantar o problema da crítica de arte na Imprensa não especializada e que tem maior audiência junto do público e também maior responsabilidade formativa. Penso que é tem-

po de os artistas deixarem de ser julgados por amadores impressionistas, partindo, aliás, do princípio que é, em regra, pernicioso julgarem-se uns aos outros e, às vezes, imoral; isto é: correlativamente da tentativa de profissionalização dos artistas — que terão de assumir o seu lugar nas sociedades em desenvolvimento — põe-se a necessidade de profissionalização da crítica. No nosso pequeno panorama das artes visuais é evidente que há progresso nesse sentido, na medida em que se nota o aparecimento de uma nova

geração crítica, mais reflexiva e que tem acesso, justamente, a diversos jornais e revistas de grande expansão.

Independentemente dos erros a que, porventura, a imaturidade natural dessa nova geração sujeite os artistas, creio que eles sempre lucrarão com qualquer tentativa séria de estudo da sua obra — nada mais inútil que uma crítica laudatória como, às vezes, ainda se lê entre nós.

Algumas destas conside-

(Continua na 6.ª página)

Exposição de desenho italiano

DESENHOS ITALIANOS DA ACADEMIA CARRARA DE BERGAMO: exposição realizada pela Fundação Calouste Gulbenkian em colaboração com os Serviços Culturais da Embaixada de Itália em Lisboa. A Academia Carrara nasceu por legado de um nobre de Bergamo, nos últimos anos do século XVIII. Em 1958, o Município de Bergamo assumiu o encargo de reger os destinos da Instituição, prolongando, melhorando e divulgando a dádica do conde Giacomo Carrara, referida sobretudo a uma escola de desenho com galeria anexa.

A exposição presente na Galeria provisória da Fundação Calouste Gulbenkian revela um notável conjunto de desenhos retirados dos fundos gráficos da Pinacoteca da Academia, quase desconhecidos até 1962. Destinada sobretudo a historiadores e estudiosos da arte, as peças revelam algumas das constantes técnicas e estéticas da época e incluem exemplos de assinalável frescura, testemunhos de valor referencial situados entre os séculos XV e XIX, em Itália.



EXPOSIÇÕES (1)

GALERIA BUCHHOLZ
Rua Duque de Palmela

ANTÓNIO DACOSTA, UM DOS CRIADORES DO SUR-
REALISMO PORTUGUÊS

SOCIEDADE
DE GRAVADORES
Travessa do Sequeiro

EXPOSIÇÃO DE GRAVURAS, CONJUNTO SIGNIFICA-
TIVO DE PEÇAS EDITADAS PELA SOCIEDADE

GALERIA PERMANENTE
S. N. B. A.
Rua Barata Salgueiro

EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE ARTE MODERNA COM
ALGUNS ARTISTAS PORTUGUESES

GALERIA DA FUNDAÇÃO
GULBENKIAN
R. Marquês de Fronteira

DESENHOS ITALIANOS DA ACADEMIA CARRARA DE
BERGAMO

GALERIA 111
Campo Grande

BARTOLOMEU CID, EXPOSIÇÃO DE UM GRAVADOR
CONSAGRADO

GALERIA QUADRANTE
Avenida Luís Bivar

ROCHA DE SOUSA, UM ARTISTA EM EVOLUÇÃO
— F. B. (1)

(1) Este quadro é da responsabilidade conjunta dos habituais colaboradores da página de artes plásticas, salvo indicação em contrário.

a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z
 A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

A poesia de vanguarda no Brasil

por E. M. de Melo e Castro

NO ESTUDO sobre a poesia de Oswald de Andrade pode ser a sua própria condição de homem. Homem que creveu para prefácio da edição das «Poesias Reunidas» afirma-se que a poesia de Oswald de Andrade é uma poesia radical, no sentido de radical «o que toma as coisas pela raiz».



As andorinhas não têm restaurante

por Alexandre O'Neill

—...Quer dizer: rapaz põe os olhos nos lírios do campo ou: deixa correr o marfim, como aconselhavam os bilharistas (ou os caçadores de elefantes?)

— Pois é, mas as andorinhas apanham bichos no ar. Já viste bichos a flutuar?

— Ó Inácio, que prosaico estás hoje! Viaja de olhos com as andorinhas! Não parecem mesmo as tesouras quando fogem da costura pela tardinha?

— As andorinhas põem-me os nervos em franja. Andorinhas, velhos nos jardins e crianças a brincar... Positivamente não aguento!

— Essa é boa, Inácio! Então não será lindo ver os velhos a entreterem os últimos raios de sol nos dedos, como dizia o Carl Sandburg? Não achas ternurento o engatilhar dos bebés na relva? E tesourando o ar, por cima e pelo meio de tudo isto, as extraordinárias andorinhas? A propósito, já viste alguma andorinha pousada como os outros pássaros?

— Realmente, não me lembro. Só aquelas de louça nas varandas dos piosos...

— Até essas, Inácio, estão a voar! Convenhamos que as andorinhas de louça não passam duma pobre... sei lá... alegoria. Mas será isso mais um motivo para andares assim tão zangado com a vida, pobre Inácio?

— Quando a vida é madrastra...

— Qual madrastra! É preciso reagir, Inácio! Oh!

— Deixa ver.

Inácio viu: um pardal reagira sobre o pescoço do outro. Inácio não tirou do evento qualquer moral. Com o lenço ajudou o amigo limpando-lhe o presente do colarinho. Até à vista, optimista!

— Melhor de pardal que de «báton», não achas?, gatispou o optimista.

Inácio deu de ombros e, afastando-se, sempre foi extraindo uma regra (ressentida) do acontecimentozinho:

Não vale a pena guardar no lenço as lembranças que são para os outros...

acolá, não meras palavras já esvaziadas pelo uso, carregadas de redundâncias.

Foi esta mesma radicalidade que Oswald de Andrade implantou depois de 1922 no Brasil do Parnasianismo cheio de chaves de ouro, palavrório retórico, adjectivação cumulativa e «carafração metrificante» então ainda predominante (Olavo Bilac, Coelho Neto, Rui Barbosa).

É esta mesma radicalidade que leva a encontrar como eixo mestre da Poesia no Brasil uma linha que nele começando com o livro «Pau Brasil» (mais tarde a Antropofagia), passa pela poesia concreta e hoje se encontra no vasto movimento espalhado por todo o Brasil sem grupo nem ortodoxia a que se chama Poema-Processo.

A Antropofagia e a Poesia Concreta são movimentos centrados em São Paulo e nessa grande selva de industrialização onde empolgantes misturas étnicas encontram as suas mais directas motivações sociológicas. O Poema-Processo é um fenómeno que acontece em vários estados e cidades correspondendo a um despertar da consciência da comunicação e da radicalidade da linguagem contra a massificação mitificada da informação. O Poema-Processo existe no Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Brasília, Recife, João Pessoa, Natal, Fortaleza e em mais cidades, como que a afirmar que os problemas socio-económicos-culturais de cada cidade ou Estado, embora diferentes, têm o mesmo denominador humano.

Mas para entendermos as posições actuais da Poesia Concreta e do Poema-Processo é de facto necessário penetrar um pouco mais no *Marco Zero* de Andrade como lhe chamou Décio Pignatari num ensaio de 1964 (José Oswald de Sousa Andrade, evidentemente).

Mas em que consiste esse *Marco Zero*, essa radicalidade da poesia «Pau Brasil»?

A semana de arte moderna de 1922 ergue uma frente contra o academismo absoluto, contra os «valores estáveis da mais atrasada literatura do mundo», mas não produziu imediatamente resultados criadores ao nível da poesia escrita mesmo pelos seus participantes e promotores.

É que muitos deles estavam ainda debaixo de preconceitos e hábitos sentimentais e críticos de tipo parnasiano, como por exemplo esse maravilhoso poeta Mário de Andrade. É que como diz Henri Lefebvre «Uma Teoria Nova não é jamais compreendida se se continua a julgá-la através de teorias antigas e de interpretações fundamentadas sobre essas teorias antigas».

Foi o livro «Pau Brasil» (escrito em 1924 e publicado em 1925) que inaugurou de facto a Poesia de Vanguarda brasileira. *Pau Bra-*

sil é o ovo de Colombo... Oswald de Andrade, numa viagem a Paris, do alto de um «atelier» da Place Clichy — umbigo do Mundo — descobriu, deslumbrado, a sua própria terra. Estas palavras são de Paulo Prado, um crítico que prefaciou «Pau Brasil» e que soube reconhecer de dentro a descoberta que esse livro fazia, descoberta que era evidente e simples — um ovo de Colombo. Essa descoberta é que a linguagem do Brasil não é uma língua enfiada e balofa, de modelos de importação estética já estafados. A linguagem no Brasil só podia ser sintética e directa de um primitivismo plástico e visual, (que cada tem a

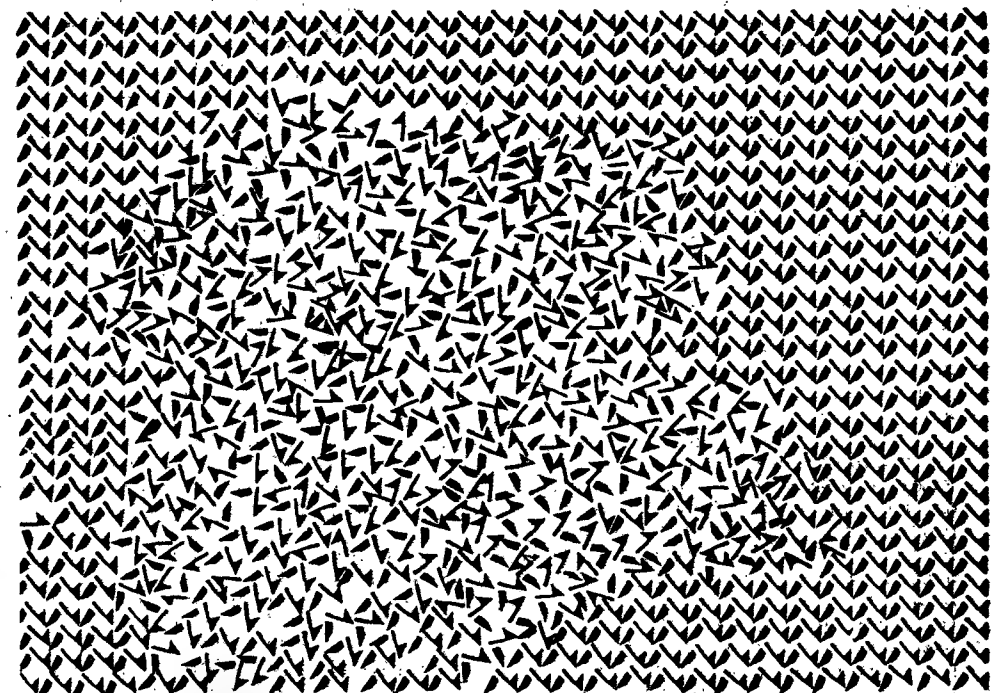
sório como nota Haroldo de Campos porque «ao invés de embalar o leitor na cadeia de soluções previstas e de inebriá-lo nas estereótipas de uma sensibilidade de reacções já codificadas, esta poesia em tomadas e cortes rápidos, quebra a morosa expectativa desse leitor, força-o a participar no processo criativo.»

Os contactos europeus de Oswald de Andrade põem-no no caminho de um cosmopolitismo só aparentemente contraditório com o primitivismo, pois a sua busca das raízes naturais do homem do Brasil o leva a enquadrar-se na luta tecnológica do Brasil moderno (que era o que de facto interessava) abrindo

ma de poesia: o imagismo.

O carácter iconoclasta e «blagueur» da Antropofagia desencadeia uma acção de tipo Dada que, depois de filtrada criticamente, vem desembocar 30 anos mais tarde na Poesia Concreta.

Pode falar-se numa via indirecta através de Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. Mas estes estão sempre ligados à estrutura do poema que se faz com versos. O radiculismo de Oswald de Andrade está para além do verso como unidade do poema. É a palavra como puro correlativo capaz de despertar imagens e emoções que é a unidade constitutiva do poema. Na Poesia Concreta essa mesma



Poemeto n.º 9, de José Cláudio

ver com regionalismo ou etnografia) mas que é dado, por exemplo, por este poema:

O CAPOEIRA

—Que apanhá sordado?

—O quê?

—Que apanhá?

Pernas e cabeças na Calçada.

ou neste outro (hoje famoso)

América do Sul

América do Sol

América do Sal

ou neste outro:

Atira

Atira

Resiste

Defende

de pé

de pé

de pé

O futuro será de Toda a Humanidade.

A técnica básica de Oswald é uma sintaxe de montagem, após um trabalho de desfamento e de síntese objectiva da carga semântica do poema que nos recorda o Hai-Kai japonês, mas que pelo seu dinamismo se liga muito mais a uma visão de tipo cinematográfico.

Este processo é anti-ilu-

um novo ciclo de disponibilidade criadora.

Este facto fundamental afasta a tese indianista proposta por Cassiano Ricardo para a Antropofagia (verdadeiro Dada Brasileiro); faz que a «Paulicela Desvairada» de Mário de Andrade pareça provinciana e livresca; e também evidencia o folclorismo reacçãoário do movimento verde-amarelo, surgido posteriormente.

De facto Mário de Andrade era sob muitos aspectos o contrário de Oswald de Andrade. Era homem de gabinete e nunca entendendo Mallarmé (que condenava abertamente, não abriu a porta do objectivismo da página em branco, nem da sintaxe de justaposição, ficando sempre preso de um esquema sentimental e estrófico parnasiano, que renovava com o inusitado das imagens e o chocante das rimas, etc.

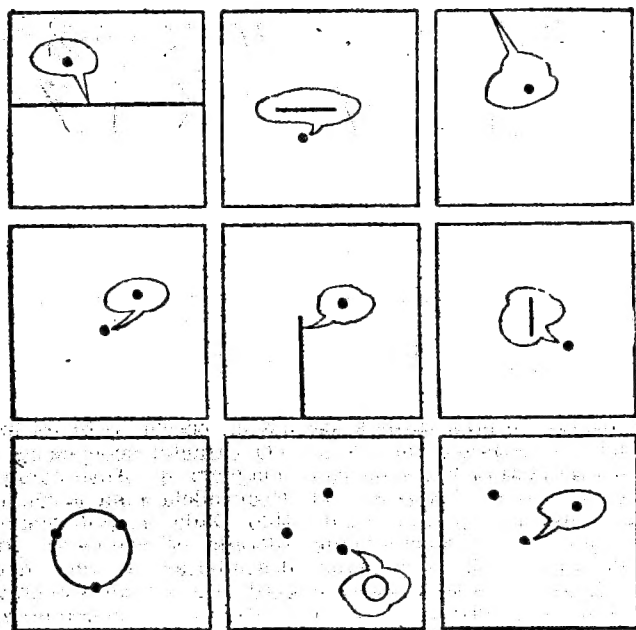
Mas é justamente o Mallarmé do «Coup de dés», a sintaxe de justaposição, o visualismo e síntese da linguagem que fazem de Oswald de Andrade um poeta de começar no zero. Recorde-se que Ezra Pound propõe a fenopela (o atirar de uma imagem para a retina mental) como base de um semelhante progra-

palavra projecta-se objectivamente na página e nessa página se dissocia e se reorganiza, introduzindo a dimensão espaço no tempo da leitura — tornando certa, portanto mais directa, instantânea até, e introduzindo uma polivalência semântica de tipo sinestésico.

Por volta de 1962 a Poesia Concreta através do ideograma transformou a poesia brasileira de importação dos parnasianos e simbolistas de antes de 1922 numa poesia de exportação internacional, indo ao encontro da civilização vertiginosa de informação crescente em que vivemos.

Esse trabalho, realizado principalmente pelos irmãos Campos (Haroldo e Augusto) por Décio Pignatari e por Pedro Xisto não é todavia plenamente compreendido no Brasil, onde a influência parnasiana, nos letrados, e o analfabetismo na grande maioria, impede a compreensão desse fenómeno de mais vasta influência criadora que é hoje a Poesia Concreta internacional ultrapassando barreiras políticas e linguísticas, desde os países da cortina de ferro, ao Pacífico passando por toda a Europa Ocidental.

Mas o problema no Brasil é tão agudo que na Se-



«Texto» de Alvaro de Sá

mana Nacional de Poesia de vanguarda reanuda em Agosto de 1963 na Universidade de Minas Gerais (Belo Horizonte) se propõe aquilo a que se ficou chamando o «salto participante», assim definido no comunicado e conclusões:

«OPÇÃO»:

A responsabilidade do poeta perante a sua época e, mais particularmente, perante a sociedade de que faz parte, não deve permitir-lhe o uso da linguagem para encobrir a realidade, aceitando e consagrando, como fixos e definitivos, padrões, formas e temas, que se limita a repetir. Mas exige que a utilize para descobrir e revelar, assumindo a linguagem como uma instância valorativa, estética e éticamente significativa. Então, e só então, o que o poeta diz adquire relevância como parte do processo de descoberta, de reformulação da realidade, induzindo o leitor a tomar consciência de si mesmo e de sua existência social alienada. Nesse sentido é que, de facto, o poeta de vanguarda joga com as palavras. Mas se trata de um «jogo extremamente sério» no qual, por haver depurado «as palavras da tribo», poderá servir-se delas activamente, fazendo do poema a expressão de um compromisso participante. Esta re-situação do poeta perante a linguagem não pode ser concebida em abstracto, mas a partir de um engajamento com a sua realidade específica, isto é, com a realidade nacional que se configura num determinado momento e em cuja superação está ele empenhado. A contrubuição do poeta para a transformação da realidade nacional tem de basear-se no modo de ser específico da poesia como acto criador.

Este texto é assinado por 21 poetas entre os quais os «concretos» e Afonso Avila, líder de *Tendência* então, órgão da vanguarda de Minas e praticante de uma Poesia Preferencial («Carta do Solo») de grande poder desmistificador e combativo, a par de um rigor quase matemático no vocabulário e na sintaxe. Mas aparecem já nomes novos de Minas Gerais, que virão depois a projectar-se no poema-processo. Este começa por fazer uma reformulação do radicalismo da linguagem-comunicação.

Se Oswald para encontrar a linguagem do Brasil moderno acaba com o verso; se a poesia concreta projecta a palavra no espaço para a revitalizar comunicativamente e lhe

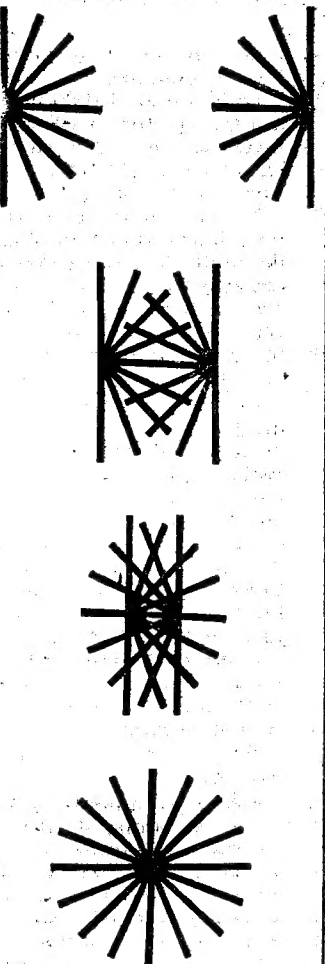
encontrar novas valências; o poema-processo torna o fenómeno linguagem no seu mais amplo sentido de comunicação — e acaba com a palavra em si próprio para toda a comunicação criadora.

A palavra só já serve para a transmissão de mensagens de grande redundância (conversa diária, negócios, etc.). Para a criação e para a fundamental informação das massas populacionais a palavra não é necessária, pois tudo pode constituir, e constitui, um sistema de comunicação criadora. Assim a queima pública de livros de poetas da palavra (que os poetas processo fizeram no Rio de Janeiro) é sociologicamente coerente num país que tem um urgente problema de informação e comunicação humanas e em que o analfabetismo é esmagador.

Escrever sem palavras é um atalho radical mas eficaz nesta época de informação acelerada em que perder mais tempo é certamente dramático e desumano.

O Poema-Processo valoriza pois o acto como poema — afinal o acto criador

(Continua na 7.ª página)



Exemplo de um «poema-processo» de Hugo Mund Junior

HUMILDEMENTE, respectuosamente, escrevemos: Albertine Sarrazin morreu. Quem? Uma filha das ervas. Um cardo. Uma urtiga.

Biografia: assistência pública, adopção, estudos secundários brilhantes, fuga, prostituição, cadeia. Série de evasões rocambolescas. Três livros. Dois anos de glória. E a morte sófrega: embolia após ablação dum rim aos trinta anos de idade.

Epitáfio: um destino raro, esmagador fulgurante. Albertine pagou até ao último centavo o pouco que a vida lhe dera. Primeiro com o corpo, depois com a vida.

Por detrás da aparência insignificante de Albertine elevava-se a estátua duma mulher inquieta e inquietante, dotada duma rara inteligência. Um quase-monstro. Mas bastava ao mais estúpido dos mortais saber ler e escrever (e contar?) para reconhecer dentro desta bela cabeça egípcia, atrás desta estranha máscara de cosméticos as válvulas dum coração impulsivo, redondo de amor...

Albertine começa a estar ausente. E todos os que a conheceram sofrem na carne os lamentos desta ausência que desponta... Em sua casa, Albertine acolhia-nos com um sorriso tímido de criança apanhada desprevenida, enrolava-se graciosamente sobre o divã macio, envolto no olhar ardente do marido. Aguardava as perguntas com um olhar sem fundo, ancorado nas raízes da inteligência. Depois abria-se em confidências (incapaz de mentir ou inventar), dominando cada uma das suas palavras. Como uma gatinha friorenta, Albertine enrolava-se mais, sentada sobre as pernas, sorria sem descanso ao mesmo tempo que dois olhos argutos nos penetravam, descobrindo-nos. Este pequeno jogo de «descobertas» parecia *aquece-la*, pois não era raro que uma bela e fresca gargalhada viesse sublimar as suas palavras expressas numa voz rápida e segura, como quando ela se examinava nos seus romances: com a fria lucidez duma máquina fotográfica.

Precoce na desgraça, os problemas graves assediaram-na cedo: apaixonada por Rimbaud aos treze anos de idade, provoca o primeiro grande escândalo do casal burguês que a adoptara e trata agora (a ocasião é boa, pensam os pobre-diabos) de todos os epítetos arrancados a um «código» *pantouillard*. Escapando-se pela brecha da ferida rasgada entre duas gerações e duas classes perfeitamente opostas, a existência de Albertine ia tornar-se, em pouco tempo, num conto policial arrastado na lama dos caminhos...

Da última vez que a vimos, ficou-nos na memória um sorriso de amendoa em flor: descendo o boulevard Saint Michel, Albe ria só-

zinha. E nos seus olhos ultrapintados dançava uma luz que as cores verdes não conseguiram ofuscar: a luminosidade intensa da sua inteligência. Estava em Paris para tentar mais uma

seus três livros. E um dia, na rua, quando uma repimpada burguesa veio direito a ela, não para a esbofetear, como ela supusera um instante, mas para a abraçar e beijar, chela de

admiração e de reconhecimento.

«Dors, mon ancien jeune coeur...», as fúrias começaram a dissipar-se, esgotadas pelo vão esforço... Dors, Albertine: tu ganhaste a partida. Dorme. E que o teu corpo delicado de criança descanse em paz. Longe dos uivos que mordem a noite, as tuas feridas, finalmente, vão poder sarar...

Bibliografia: *La Cavale*, *L'Astragale* e *La Traversière* (edições Jean-Jacques Pauvert) resumem a sua existência: nove presídios em oito anos e meio de cadeia por delitos vários; vida fácil (eles a daram-lhe e a burra a fugir... E a difícil o-que é? A barriga a derreter-se ao sol, untada de manteiga?); roubo e tentativa de roubo, *safismo*, evasões. Um bom terço de existência vivido em forma de *romantisme* impregnado desta verdade singular que se revela, nua e inteira nas linhas perfeitas da bela cabeça de Albertine Sarrazin: produto indesejado duma mistura aventureira de sangue árabe e espanhol, ao que se supõe, mas que não se diz ou não se ousa dizer. Não ela, mas os outros. E porquê? Porque *não se deve* — ó trombetas de Josué e outros tais! — falar de amores clandestinos nem de assistência pública — esses dois monstruosos geradores de gangrenas. Mas porquê?! Por isso mesmo, ora essa. Ah! Pois é.

Mas escutemo-la em silêncio, agora que tudo é silêncio à sua volta. Escutemo-a sua voz suave, tímida



Albertine Sarrazin: o acesso à vida pela confissão

(Continua na pág. seguinte)

Jorge de Sena



NO PORTO

Assinalando a estada entre nós do escritor Jorge de Sena, realizar-se-á na próxima sexta-feira, dia 10 de Janeiro, a partir das 17.30 h., na

LIVRARIA LEITURA
Rua de Centa, 88—PORTO

uma sessão no decorrer da qual o escritor autografará os seus livros.

No dia 11, sábado, a partir das 21.45 h., na sede da Associação Industrial Portuense (Rua Mouzinho da Silveira, 228 — Porto) efectua-se um colóquio, sobre a obra de Jorge de Sena, orientado pelo crítico Dr. Óscar Lopes.

PORTUGÁLIA EDITORA

Novo Cinema, Cinema Novo

NOVO CINEMA, CINEMA NOVO
Antologia de textos
Col. Cadernos de Cinema
Edições Dom Quixote

DEPOIS DO VOLUME dedicado a Michelangelo Antonioni — volume a que fizemos referência nestas colunas — *edições dom quixote* apresentam na sua colecção «Cadernos de Cinema» uma compilação de textos versando o fenómeno do «Cinema Novo». Da da a natureza (e a oportunidade) do assunto, este segundo volume da colecção despertará o maior interesse junto do público, particularmente junto daquele que tem acompanhado a evolução estética, a formulação ideológica e a transformação das estruturas de produção e exibição sofridas pelo cinema nestes últimos anos.

Em traduções (cuidadas,

regra geral) de Carlos Araújo, Clara Felgueiras, Jorge Nascimento Fernandes, Manuel Neves, António Pescada e Carlos Porto são apresentados no caderno os seguintes textos: «Cinema independente, Cinema livre, Cinema novo», de Jean Delmas (*Jeune Cinéma*), «A isto se chama Aurora», de Pierre Billard (*Cinéma 66*), «A batalha do Novo Cinema», de Louis Marcorelles (*Cinéma 67*), «Os caminhos da autenticidade», de Marcel Martin (*Cinéma 66*), «O Cineasta tontoni — volume a que fizemos referência nestas colunas — *edições dom quixote* apresentam na sua colecção «Cadernos de Cinema» uma compilação de textos versando o fenómeno do «Cinema Novo». Da da a natureza (e a oportunidade) do assunto, este segundo volume da colecção despertará o maior interesse junto do público, particularmente junto daquele que tem acompanhado a evolução estética, a formulação ideológica e a transformação das estruturas de produção e exibição sofridas pelo cinema nestes últimos anos.



A «arrancada» dos anos 60 (Bertolucci, Godard), a acção do New American Cinema (Jonas Mekas & Cia.), os frutos da Escola de Lodz, o novo estilo de cineastas como Pasolini, Gilles Groux ou Jean-Marie Straub, as características das novas cinematografias de Espanha, do Canadá, do Brasil e de alguns países africanos, o significado dos festivais de Pesaro são analisados neste volume de forma a garantir uma panorâmica esclarecida e crítica do que é e do Novo Cinema.

Epitáfio para Albertine Sarrazin

(Continuação da pág. anterior)

da mas segura. A sua voz sem rancor:

«O céu tinha-se afastado pelo menos dez metros. Eu continuava sentada, sem pressa. O choque devia ter quebrado as pedras...» Assim começava *L'Astragale*, tempo duma evasão: dezoito meses a monte, repartidos pelo hospital, pelos hotéis, pela casa de Julien e dos amigos ora deste, ora de Anne. No *roman-vérité*, queda e fuga simultaneamente no lugar de Doullens: um salto de seis metros no tempo de um segundo infinito. Com o pé fracturado, Anne arrastava-se para a estrada, furando a noite perigosa mas cúmplice onde um desconhecido acolhe as suas confidências e lhe oferece ajuda. E a corrida inútil começa: o homem-providência esconde-a em casa de sua mãe durante as três primeiras semanas de evasão; depois no casarão dum amigo, até a gangrena se tornar insuportável e o hospital surgir, apesar de todos os riscos que implica, como único e inevitável refúgio. Julien paga: primeiro a pensão em casa do amigo, que regateia o preço do silêncio depois o hospital e as operações sucessivas, como se se sentisse um pouco no lugar dos tutores de Albertine, intocáveis no seu altar de preconceitos, de egoísmo e de estupidez. Julien cura-a, alimenta-a, protege-a. E é nos seus braços fortes que convalescente, Albertine balbucia as primeiras palavras de amor e surpreende, surpreendida, as suas primeiras emoções interiores. Uma nova vida desabrocha nela, tateante... Do monturo rompe uma planta que esbraceja para afastar o esferço do seu caminho. Para respirar. Para viver. Mas o inferno espelha-a... A atmosfera vai tornar-se densa, o manto de terror cair, pesado, sobre o tempo duma evasão...

«Chauffeur» de camião, ganhando a vida algures, longe de Albertine, Julien ausenta-se por longas semanas que deixam atrás delas o medo e a expectativa. Desesperada e inquieta, Anne (Albertine) espera assim, durante meses angustiosos, o homem que ama o homem a quem deve tudo, mesmo aquela semi-prisão entre duas prisões no tempo duma fuga que, eles sabem-no, não será longa. Depois, a meio do tédio e do medo, a memória evoca-lhe Paris, as grandes ruas, as densas multidões por entre as quais se pode passar incógnito. Enleado na ternura feminina, Julien não se opõe aos projectos da amante, e Anne instala-se em Paris, em casa duma amiga («une ancienne») que tem o marido na prisão por «quatro anos: uma vida!» Uma vida de cão!

Assim preservada das más relações, Anne respira contente o ar da capital, aventura-se em passeios longe de casa, e acaba por se deixar agraçar quando o aparelho de gesso retira da «pata doente» a devolve ao mundo, mais igual a si mesma e aos outros, multidão compacta e morta. Mas... Julien continua ausente. De tempos a tempos a noite trá-lo, a madrugada leva-o. Anne sofre de solidão e de angústia. A silhueta dum «cão» ater-

ra-a. O álcool tranquiliza-a. E tudo se precipita: Julien cai nas malhas da polícia. Anne quer oferecer-lhe o melhor «fala-barato» (advogado) a fim de obter a menor pena. E Anne recomença «à aller, dis-cretement, avec de vieux messieurs». Jogo franco e inteiro, sem batota, cora-ção e corpo rolando na mesma roleta incontrolável. Como é sem batota e a alma descoberta, retalhada a nu, que ela nos confessa a sua triste existência: bocados de vida narrados com uma simplicidade tão bem vincada e num estilo tão certo e regular que o retrato do «meio» nos surge duma vivacidade pouco comum num romancista estreante. A linguagem é sóbria, calculada, exacta. Sem caprichos de forma ou de estilo. Sem emoções. Sem espasmos. Aqui, apenas a verdade faz ofício, pura e grandiosa, para nos revelar o nascimento duma grande escritora.

«As casas ficam longe, a terra vive sob os meus pés como uma ilha: invisíveis, vencedoras, aves cantam... O nosso beijo possui a harmonia da natureza.»

A distância é nula entre a realidade e a confissão.

Albertine confessa-se «sem vergonha e sem mentira», como se se tratasse «de histórias alheias ou fictícias». Nos seus livros, o passado cospe labaredas; depois apaga-se; dilui-se no abraço das cinzas e do vento... «Nua e negra, fujo apertando a minha juventude pelas encostas matizadas de ar e de luz...» A vida pertence-lhe, definitivamente regressada a uma liberdade «mais dura de aprender do que a prisão». Pela coragem duma linguagem clara, lúcida, despojada de rancores. Porque «as prisões são necessárias», dizia Albertine. Comme les égoûts. Comme les prostituées.

Como este romance duma vida e dum amor extraordinários de abnegação, de beleza e de talento que se chama *L'Astragale*: osso, intersecção de duas linhas, objecto de tortura...

Para Albertine Sarrazin as torturas acabaram. Ficou a glória, a saudade, o livro. E a terna lembrança do seu corpo franzino, passando entre nós a medo. Esfumando-se, aberto em flores que não murcharão jamais. Trágica desforra, minha irmã.

ALCIDES DE CAMPOS

Nota biográfica sobre Albertine Sarrazin

- 1937 — Recolhida à nascença pela Assistência Pública de Alger, em 17 de Setembro, sob o nome de Albertine Damien.
- 1941 — Adoptada por um coronel médico reformado (o casal de avançada idade). Vive em Alger até 1947.
- 1947 — Fixa-se em Aix en Provence com os pais adoptivos.
- 1952 — A sua turbulência provoca as cóleras paternas. Frequenta o Liceu de Aix, matriculada pelos pais adoptivos mas foge ao fim de três semanas de aulas. Em Novembro vai frequentar o Bon Pasteur. Tem quinze anos e prepara-se para o primeiro «baccalauréat».
- 1953 — Em 11 de Julho, aproveitando-se das viagens que é obrigada a fazer para prestar exames, foge, após uma «oral». Chega a Paris em 13 de Julho, viajando por auto-stop. Vive de expedientes até Novembro. Dedica-se, com uma amiga, à prostituição. Em 1 de Novembro é notória a sua vida de dificuldades. Em 18 de Dezembro ela e a amiga atacam um armazém, à mão armada. Em 23 de Dezembro é presa e entra na prisão de Fresne. Condenada em 2 anos, consegue tirar o «baccalauréat» na cadeia.
- 1955 — Em 22 de Novembro é novamente julgada, por prostituição, e condenada a 7 anos de reclusão.
- 1955 — Em Janeiro é transferida para a prisão-escola de DOULAN (Somme) e continua os estudos.
- 1957 — Em 11 de Abril evade-se saltando um muro de 10 metros de altura. Fractura uma perna. É recolhida por Julien Sarrazin e vive com ele «en cavale» até Setembro de 1958. (Esta «cavale» será o tema do seu primeiro romance).
- 1958 — 10 de Setembro — é solta e novamente presa.
- 1959 — Casa-se em Fevereiro com Julien Sarrazin, na própria cadeia.
- 1960 — É solta em 5 de Outubro. Vive com o marido.
- 1961 — Em Janeiro, grave acidente de automóvel com o marido. Em 22 de Abril é novamente presa e condenada a 25 meses. O marido é internado em Nîmes.
- 1963 — É libertada em 6 de Junho e estabelece-se como vendedeira em Tóries.
- 1964 — Em 7 de Maio o marido é libertado. A. S. é novamente presa após ter roubado uma garrafa de «whisky» num armazém e condenada a 4 meses (episódio narrado em «La Traversière»). Libertação definitiva em Agosto. Vive em Nîmes com o marido e depois com um amigo a quem auxiliava a recompor uma quinta em Cévennes.
- 1965 — A. S. e o marido (entretanto este obteve o diploma de geólogo) vivem em Cévennes. A. S. escreve. Em 26 de Abril o Ed. Pauvert aceita os manuscritos de A. S. Outubro: publicação de «L'Astragale» e de «La Cavale». Dezembro: obtém 2 votos no prémio Renaudot.
- 1966 — Março: prémio de quatro júris. Novembro: publicação de «La Traversière».
- 1967 — Após três operações sucessivas morre em 10 de Julho.
- 1968 — É feito um filme sobre «L'Astragale» e rodado pela primeira vez em 15-12-1968. (Actriz: Marlène Jobert).

Carta aberta ao «Diário de Lisboa»

(Continuação da 3.ª página)

rações ocorrem-me porque na excelente orientação do «Diário de Lisboa» em matéria de arte, tenho uma reserva a fazer: noto, desde há algum tempo, o aparecimento de uma tabela de informação crítica anónima, onde se resume, em duas linhas, o que aconteceu nas diversas galerias de Lisboa. Naturalmente, que essas poucas linhas têm maior repercussão, isto é, são mais lidas do que qualquer artigo, que, porventura, venha a desenvolvê-las; adquirem assim junto de um público mais apressado

e mais vasto o significado de um rótulo, pouco compatível com a dignidade da crítica científica.

Além disso o anonimato, tratando-se de juízos críticos parece-me incorrecto. Partindo do princípio que o «Diário de Lisboa» não usa, por enquanto, computadores (que F. Bronze não veja aqui qualquer pessimismo pelos computadores, pelos quais tenho a maior consideração e nos quais deposito as maiores esperanças) sempre gostarei de saber quem julga, a fim de poder avaliar pelo meu lado o grau de cientismo do crítico. Isto, porque não

basta, bem entendido, usar a palavra *estrutural* para informar de espírito científico, por exemplo, um disparate ou uma arbitrariedade, que duas linhas sempre propiciam nesta espécie de assuntos.

Sugiro, pois, em resumo, ao «Diário de Lisboa»:

a) que a tal tabela a manter-se seja, pelo menos, assinada; b) que, desejavelmente, seja confiada, como já em tempos se fez a propósito de cinema, a diversos críticos, aos quais haverá, claro, que exigir competência profissional, favorecendo-se, assim, uma relativa variedade de juízos responsáveis e evitando-se o estilo definitivo e pretencioso que, em meu entender, prejudica a tabela actual e a torna dispensável.

Muito amigavelmente,

NIKIAS SKAPINAKIS

«Queneau na pele de Sally Mara»

O artigo em epígrafe, publicado na pág. 5 do «Suplemento DL» de 25 de Dezembro passado, continha uma informação inexacta: nele se dizia que o romance «As obras completas de Sally Mara» era o segundo livro de Queneau publicado em Portugal, sendo o primeiro «Zazie no Metro». Ora o primeiro livro de Raymond Queneau publicado entre nós foi «Pierrot meu Amigo», edição da Editorial Minerva dada à estampa em 1961. Aqui fica, pois, a devida rectificação e o agradecimento aos nossos leitores que nos chamaram a atenção para o lapso cometido.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

PLANO DE EDIÇÕES

Série de manuais universitários:

Estão publicados 40 volumes

Edições recentes:

Química Orgânica, de Morrison e Boyd

Lições de Cálculo Diferencial e Integral, II volume, de Ostrowski

Pteridófitas de Portugal Continental e Ilhas Adjacentes, de J. de Carvalho e Vasconcellos

Técnica Farmacéutica e Farmácia Galénica, I volume, de Nogueira Prista e Correia Alves

Elementos Teóricos de Contraponto e Canon, de Filipe Pires

Introdução ao Pensamento Jurídico, 2.ª edição, de K. Engisch

Direito Internacional, 2.ª edição, de J. L. Briery

Farmacognosia, I volume, 2.ª edição, de A. Fernandes Costa

Série de textos clássicos:

Estão publicados 2 volumes:

Didáctica Magna, de Comênio

Acerca do Infinito, do Universo e dos Mundos, de Giordano Bruno

A venda: Para estudantes, nas Associações Académicas; para o público, nas livrarias

Encontro com Jorge de Sena

(Continuação da 1.ª pag.)

e do Novo Mundo, faz, com certeza, ideia concreta de alguns dos problemas universitários de hoje. Pode dizer-nos alguma coisa a este respeito?

JORGE DE SENA: A universidade é, em toda a parte, neste momento, o espelho dos próprios países. Longamente, ela foi uma aristocracia da cultura, ou uma empresa doméstica de produção de diplomados, destinados a reger os destinos dos povos, por heran-

ça. Isso acabou, ou está em vias de acabar. Hoje, a universidade tem de ser a produção em massa de técnicos de todos os tipos que não vão servir uma organização, mas fazê-la e determiná-la. Portanto, a cátedra vitalícia, a distância entre professor e aluno, a rigidez dos cursos, a lição doutoral, etc., não são senão restos telmicos de uma estrutura que se criou gradualmente à margem de uma sociedade que não lhe pedia senão serviços às vezes bem pagos a alguns

raros). O grande problema de hoje é a adaptação da universidade ao seu papel de vanguarda da consciência nacional, e não de arquivo dela. Não será fácil, em parte alguma, essa transformação. Mas a própria sobrevivência das sociedades, ou os interesses delas, forçarão a mudança, muito mais depressa do que possa pensar-se. O país que não reformar a tempo as suas universidades arrisca a sua sentença, se não de morte, pelo menos de senilidade irremediável.

A poesia de vanguarda

(Continuação da 5.ª página)

e estimulante de outros actos. O acto desmitificador.

Exemplo. *Poema para queimar* de Moacyr Cirne:

perimentadas pelos muitos poetas concretos e pós-concretos de todo o Mundo, o que em vez de invalidar, reforça a posição dos poetas-processo do Brasil, pois no seu campo de acção

riza as forças criadoras nesta época de voos interplanetários e de decisões vitais tomadas por computadores. Factos estes que por si só constituem uma reformulação da linguagem para além das palavras e dos sons em que desde o começo da humanidade (assim se acredita...) ela tem sido realizada.

E. M. DE MELO E CASTRO

BIBLIOGRAFIA:

— Movimentos Modernistas no Brasil — RAUL BOPP — Livraria São José

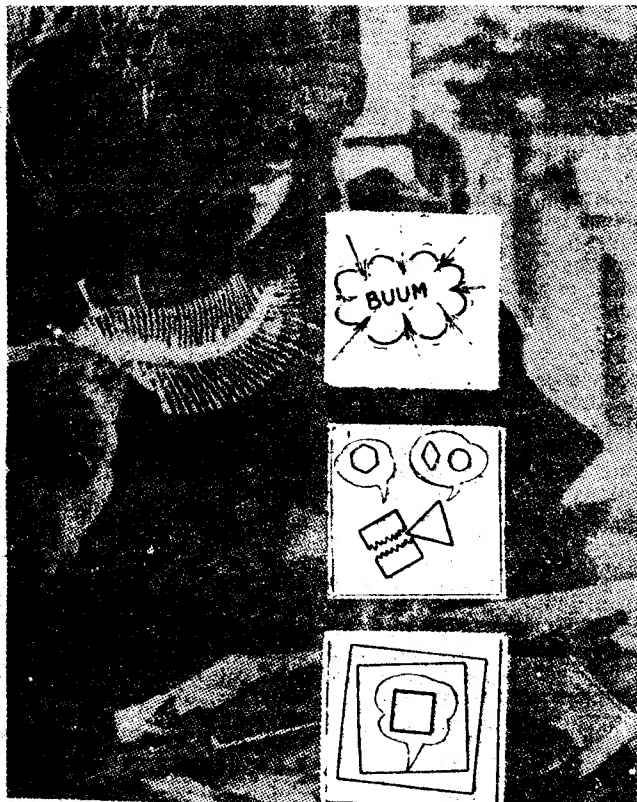
— História da Modernismo Brasileiro — Mário da Silva Brito — Ed. Civilização Brasileira.

— Poesias Prevenidas de Oswald de Andrade — Prefácio de Haroldo de Campos — Ed. Difusão Europeia do Livro — S. Paulo.

— Teoria da Poesia Concreta — Edições Invenção — Marco Zero de Andrade — Décio Pignatari — (Separata de Alfa n.º 5 — Marília).

— Ponto 2 — (Órgão de Poema Processo) — Guanabara.

— 12 x 9 — Alvaro de Sá — Ed. do autor.



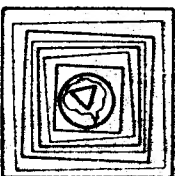
ao consumidor-participante é dada uma bandeira dos E.U.A.: se ele queimar a bandeira realiza o poema, mas se for um adepto dos E.U.A. ele não a queimará, levando para casa apenas uma simples bandeira e não um poema.

É que o poema é de facto um acto que se cria e se consome e nessa criação e consumo está a comunicação — está a linguagem radical como factor determinante do valor dos objectos para além das palavras.

No seu caminho de linguagem universal de actos, objectos, representados ideogramáticamente o Poema-Processo ensaia ainda os primeiros passos.

A sintaxe de montagem de Oswald de Andrade transformou-se no Poema Concreto (ideograma) em sintaxe topográfica na página, e no Poema-Processo atinge o rigor matemático de uma sintaxe combinatória com base no cálculo das probabilidades. Também uma semiótica de tipo estruturalista propõe sistemas de sinais e alfabetos funcionais ou abertos, agindo por correlativo emocional obrigando o leitor a reinventar o acto da leitura.

É certo que muitas destas coisas foram antes já ex-



Capa do folheto "Por que médo da vanguarda?", de Alvaro de Sá



se encontram amplas motivações para serem como são. Mas num arrembo mais vasto o que sobressai é o universalismo da contestação de tipo neo-dada que, como uma vaga, pola-

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha

Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

A poesia de José Régio

(Continuação da 8.ª página)

versão modernista depois de Orfeu. Trata-se da inaceitabilidade de uma poesia que se coloca deliberadamente antes e contra.

Se o desencontro vinha já de longe, foi um incidente menor que veio apontar. Ao escrever sobre *Bonnie e Clyde*, Régio desacreditou-se súbitamente junto de largos sectores da juventude. O que nem teria uma grande importância, e seria até um fenómeno de moda, se não tivesse vindo pôr a nu o desentendimento mais antigo e mais fundo. Com *Bonnie e Clyde*, abriu-se a brecha. Régio indicou com toda a nitidez a distância que o separava das actuais gerações. Com um texto ultrapassado e provinciano, Régio estabeleceu o divórcio.

É certo que não chega a ser crime não gostar do filme de Arthur Penn. E até que Régio poderia ter razão num ou noutro ponto. Mas nesses pontos não era a Régio, não era a um artista que competia ter razão: é para eles que certas instituições foram criadas. Quanto ao mais, o que irritava era o tom. Aprendi com um verso de Sophia de Mello Breyner a distinguir entre aqueles que têm o dom de tornar as coisas mais pequenas e aqueles que as tornam maiores. Régio tornava um filme mais pequeno: reduzia-o às dimensões de um negócio sórdido. Mas o redutor autoreduz-se e é por isso que eu não gosto das pessoas que têm o dom de tornar as coisas mais pequenas.

É evidente que Régio nunca conseguiu entender *Bonnie e Clyde*. Afirmando *a priori* que não chegava a ser uma obra de arte, não era em termos estéticos, mas em termos de censor, que do filme nos falava. Posta a questão nestes termos e adoptadas perspectivas radicalmente divergentes, é inútil discutir. É inútil recordar todas as críticas que souberam tornar maior o filme de Penn. As interpretações psicanalíticas, por exemplo: a de Roger Dadoun em *Preuves*, a de Jean-Marie Benoist em *Les Lettres nouvelles*, apontando a ausência do pai-lei, a função da mãe como objecto-de-desejo apagado num anel de ausência, o significado da mutilação do pé de Clyde ligado à função do revólver, a viagem como desvio da lei e retorno da lei como limite a um movimento em espiral de transacção metonímica. Adiante.

O mais inaceitável no juízo de Régio era ele ser feito a partir duma serenidade moral que o filme vinha pôr em causa. Porque Penn nos falava da impossibilidade da moral e do modo como determinados grupos

não integrados e marginais revelam essa impossibilidade como escândalo — e mapagável — figura de morte. A análise de Régio e magistralmente visada por um texto de Sartre onde a questão se põe a propósito de Genet: «Toda a Moral que se não dá explicitamente como impossível hoje contribui para a mistificação e para a alienação dos homens. O «problema» moral nasce de a Moral ser para nós ao mesmo tempo inevitável e impossível. A acção deve dar a si mesma as suas normas éticas neste clima de insuperável impossibilidade. É nesta perspectiva, por exemplo, que será preciso encarar o problema da violência e o da relação entre o fim e os meios. Para uma consciência que viva esta dilaceração e que ao mesmo tempo se veja obrigada a querer e a decidir, todas as belas revoltas, todos os gritos de recusa, todas as indignações virtuosas parecerão uma retórica ultrapassada» (Jean-Paul Sartre, *Saint-Genet*, p. 177).

É aqui que bate toda a questão: neste supor com uma tão grande tranquilidade de consciência uma moral possível. Como em supor possível o mito que a ideologia pequeno-burguesa forjou da Literatura: exploração da vida interior, da grandeza de uma alma, que por ser a alma de um poeta é escurçada do mundo e do convívio dos outros. E se me alongo neste episódio já enterrado, é porque ele é significativo é porque nele se inscreve a ruptura decisiva. E simultaneamente porque ele aparece transcrito em alguns versos de *Cântico suspenso*:

*«Havia na cidade esplêndidos
[cinemas]
De linhas funcionais, arranjo
[exacção]
Para selectos filmes cujos temas
Eram roubo, traição, suicídio,
[esturpo, assassinato].

Com tão eficaz técnica, e estesia,
Se exibiam ali os mais brutais
[destinos]
Que irremediavelmente, a nossa
[simpatia]
Pendia para o lado dos ladrões,
[dos assassinos]»*

Algures diz Claude Roy, não sei se com razão ou sem ela, que as más ideias nunca deram boa literatura. Poderíamos encontrar melhor exemplo?

Mas não tem interesse ficar nas impressões: é preciso pegar nos textos. Reservaremos para isso um próximo artigo.

EDUARDO PRADO CORREIO

Pianos descontinuos

(Continuação da 8.ª página)

do seu discurso descontinuo através duma certa poética do tema (no caso dos «blues» com um espírito de «blues»). O discurso musical típico ellingtoniano revela uma sucessão de opiniões interpretativas sobre o tema, uma preocupação de o enriquecer e nunca o limitar. Interiorizada e repensada, segundo uma concepção pianística, esta afinal, é a visão de um orquestrador.

Dialéctica também, na maioria dos seus progressos, a música de Monk tem, no entanto, uma orientação nitidamente mais estrutural. O tema, em si, não é um fim, mas um indispensável tutor. Neste aspecto, Monk vai mais longe que Ellington, pois não se contenta em decifrar e tratar o próprio sentimento melódico do te-

ma. Em temas alheios, sobretudo em baladas, Monk, deformando o tema e através de alguns dos seus processos típicos, destruindo-lhes o clima, atinge novos ambientes, atmosferas onde a sua imaginação paira e desenvolve uma tela de achados rítmicos e melódicos, que incomodará qualquer ouvido excessivamente tonal. Nos seus próprios temas, a prospecção dos intervalos, aí, é ainda, se possível, mais exaustiva, através dum sem número de processos que lhe são muito próprios: notas repetidas, isoladas, etc. Nos «blues», o acima citado tutor praticamente desaparece e Monk consegue as suas obras mais acabadas e livres.

Enfim, os pianistas do descontinuo podem, num futuro muito próximo, promover uma reclassificação de valores.



Count Basie: a descoberta da mão direita

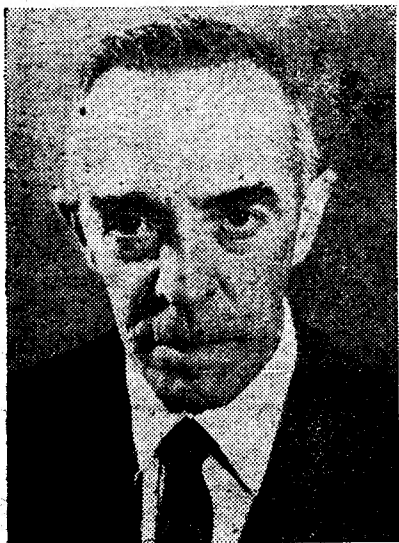


Eduardo Prado Coelho

A poesia de José Régio

REIO que a única crítica literária que vale a pena e a que parte dum acto de simpatia. Dou-tro modo, eis-nos no reino das execuções sumárias — nem os mais fortes a elas poderão resistir. Mas simpatia não envolve parcialidade: implica apenas que o crítico esteja com o autor, decididamente, do mesmo lado — com os seus problemas, com as suas ilusões, com as suas dificuldades. Nem sempre isto é fácil, isto é estar com. E nem sempre isto é aquilo de que o público mais gosta. Estimulantes são os duelos e os fuzilamentos culturais. Estimulantes — mas rondando em excesso a injustiça. E é de justiça que se trata, aqui, em crítica. Num tribunal onde não há lei, como há semanas disse, citando Eduardo Lourenço. Não custa repetir o que outros tão facilmente esquecem: a verdadeira crítica sabe-se sempre frágil e mortal. E, contudo, é ao assumir uma tal condição que ela se promove: é a aventura que a salva.

Se digo isto, é porque a situação é delicada. Ela exige de nós o máximo de sinceridade e de lealdade. Haverá controvérsia, estou certo. Mas que seja honesta. Não se trata aqui de contestar pelo simples prazer de contestar. Trata-se de falar verdade, de esclarecer posições assim, cartas na mesa. Seria grave não pôr as questões pelo simples medo das tradições instituídas e das verdades em circulação. Seria grave ainda resvalar no elogio académico e sonâmbulo, na cinza das mil referências de rotina.



VOU falar de José Régio — como poeta. E marginalmente, como ensaísta, na medida em que o ensaísta explica o poeta. O resto é muito pura e simplesmente posto entre parênteses. Só interessa por agora o poeta e aquilo que o justifica, a sua poesia.

Vou partir de algumas afirmações de base — hipóteses injustas, esquemáticas, demasiado polémicas. Mas são essas as hipóteses que nos põem a trabalhar. Vale a pena segui-las. Será a primeira hipótese a seguinte: para as actuais gerações literárias (e falo daqueles que nos últimos dez ou mesmo vinte anos se revelaram na poesia e na crítica de poesia), a obra poética de José Régio já pouco significa (como influência, como exemplo, como ideal a realizar). Sei bem que as gerações não são homogêneas. Sei ainda que há inúmeros jovens que lêem e admiram Régio. Mas as gerações existem e julgo que dessa existência decorrem efeitos determinantes, e suponho que elas se definem pela escolha (involuntária, inconsciente) de uma determinada sensibilidade e de uma determinada

problemática, em função das quais todos se situam, os que as aceitam e os que as negam. Creio ser evidente que a actual poesia nada tem a ver com a de Régio: ela oscila entre Melo Neto e Herberto Helder. E creio mais: que a poesia de Régio (retórica, discursiva meramente representativa, com um dramatismo rebuscado e espectacular e uma mitologia abstracta) aparece para alguns (sobretudo para toda aquela corrente que da *Poesia-61* até hoje fez o que de mais válido se tem feito na nossa poesia actual) como o modelo a evitar.

SERÁ para nós a segunda hipótese a seguinte (tão hesitante como a anterior, mas igualmente sincera): *Cântico Suspenso*, o mais recente livro de Régio, e um dos livros mais fracos do ano que passou.

Resta-nos para terceira hipótese que não é sómente (do ponto de vista que aqui interessa) o último livro de Régio que está em causa, mas toda a sua obra poética. Basta ler *Biografia* ou *As Encruzilhadas de Deus*: temos ali tudo o que a nossa sensibilidade visceralmente recusa. Não se trata de contestar um poeta religioso. Porque grande poesia religiosa temo-la em Vitorino Nemésio e em Sophia de Mello Breyner, em Fernando Echevarria e em Rui Belo. Trata-se de não sermos capazes de aceitar o amaneiramento da linguagem, a retórica das imagens e metáforas, na linha do mais exangue romantismo, a temática inautêntica e abstracta, com falsos arrebatamentos, dramatizações intoleráveis, e uma absurda profundidade da vida interior que nos parece o grande mito, o único grande mito que move esta poesia tão distante e tão formal. São os clowns, os papões, os anjos às esquinas, os espelhos partidos, os alcapões, as chagas, as máscaras, as turbas e os bobos, os poetas escurraçados às escuras nos sótãos ou em águas-furtadas... Elementos esgarçados do que a ideologia pequeno-burguesa supõe ser o universo «dramático» e «complexo» da poesia, mas que mais não são do que os reflexos exaustos dessa mesma ideologia.

UMA vez dito isto, assim, um pouco a frio, só a simpatia pode reparar a dureza das afirmações feitas. Mas virá ela a tempo? Custa-nos aceitar uma tão completa ruptura com o mundo de Régio. Mas seria uma traição à nossa exigência de verdade não o dizer. Vamos então saber o que mudou, interrogar-mo-nos com Régio sobre o que pode alterar tão radicalmente os esquemas da sensibilidade na linha descontinua e escarpada das gerações, e transformar o que é sublime para uns em intolerável para outros. Não se trata — atenção! — dum culto mais ou menos tolo de tudo o que é moderno. Nada disso: temos a obra literária de Almada Negreiros, por exemplo, tão jovem e tão densa. Temos ainda Vitorino Nemésio, Afonso Duarte, José Gomes Ferreira, por exemplo. E temos Camões a inspirar todo um livro de Gastão Cruz, e temos Gil Vicente a inspirar a poesia de Teresa Horta e a de Flama Hasse Pals Brandão. Não, não é o moderno pelo moderno, nada disso. Trata-se da inaceitabilidade de uma poesia anterior a toda a revolução estética de Baudelaire, Rimbaud, Lautréamont e Mallarmé. E a toda a revolução teórica de Nietzsche, Marx e Freud. Trata-se da inaceitabilidade de uma poesia anterior a toda a sub-

(Continua na 7.ª página)



Duke Ellington: improviso essencialmente dialéctico

por José Duarte

A MÚSICA DE JAZZ assenta no choque, na incessante tensão, entre o músico inventor de formas e o seu tempo interior; o primeiro esforça-se por imobilizar o que o segundo sempre lhe rouba, e a interpretação, afinal, não é outra coisa senão a trajectória deste despique. Esta uma das originalidades do jazz em relação à música ocidental: o esforço criador faz parte integrante da obra e as semelhanças encontradas em alguns jazzmen, dizem respeito apenas a uma comunhão de atitude criadora.

Com Duke Ellington e Thelonious Monk, dois dos melhores músicos de jazz de sempre, o estilo define-se essencialmente pela sua concepção descontinua do discurso musical. Consoante a sua técnica, possibilidades físicas e estilo,

o material melódico contra o tempo, recria-o, despedaça-o, reinventa-o.

Neste aspecto, a história do piano no jazz é particularmente elucidativa. Nas origens, afirmou-se a preponderância da mão esquerda. A própria secção rítmica — contra-baixo e bateria — iria por um lado reforçar o papel rítmico da mão esquerda, por outro libertá-la mais dessa sujeição, favorecer apenas um futuro papel harmónico, convidando a direita a ser a mão melódica. Depois dum período de equilíbrio, onde Fats Waller é figura dominante, Art Tatum primeiro e mais tarde Bud Powell, impõem um estilo pianístico nitidamente virado para a continuidade. A mão direita, inspirando-se na mobilidade dos saxofones, passaria a desenhando longas variações, a

com este último, tudo é formalmente diferente. Um novo estilo, agora ostensivamente descontinuo, assente num sistema de figuras sonoras isoladas, mas encadeadas, opostas umas às outras por mudanças súbitas de registo; são montanhas erigidas, precipícios cavados, que a ninguém passam despercebidos.

A mão esquerda e duma maneira negativa, não se manifesta senão episódicamente; tem um papel discreto e esteticamente subordinado. É usada para precisar o contexto harmónico e rítmico da improvisação.

Um estilo que revolucionou toda a clássica variação sobre um tema que, deformando, passageiramente negando esse tema, sugere uma busca mais profunda, independente, por vezes até, da melodia exposta; um diferente tipo de tratar um tema, ao recriá-lo estruturalmente; uma descoberta dos intervalos de tempo existentes, dados, uma prospecção dos possíveis intervalos daí resultantes. Por isto, Monk toca sempre melhor as suas próprias composições, porque elas longe de pretendem melodia, oferecem ao improvisador um certo campo relacional.

Com Ellington, o progresso dum improviso é essencialmente dialéctico, embora tudo o que ele contesta no tema o faça por respeito; extrai-lhe o que, como grande compositor, acha degradante, reconstrói-o, recompõe-o, reinventa-o, garantindo a ordem

(Continua na 7.ª página)

COM OS PRIMEIROS PIANISTAS A MÃO ESQUERDA ERA DOMINANTE

COM BASIE, ELLINGTON, MONK, O USO DA MÃO DIREITA É DESCOBERTO.

COM ELE, APARECE O SILÊNCIO, A DESCONTINUIDADE.

todos os músicos de jazz adoptam um fraseado mais ou menos rico em pausas. Mas, estas pausas, não têm forçosamente o mesmo valor, o mesmo papel: podem resultar dum discurso pausado, espaçado, da pura necessidade do músico em recuperar o fôlego ou, por outro lado, para manifestar uma ruptura mais essencial. Por exemplo, Coleman Hawkins e John Coltrane, dois músicos da continuidade, esforçam-se por um deitar susceptível de absorver o fluxo contínuo da sua imaginação; o primeiro emprega uma série de pausas regularmente dispostas, o que lhe confere uma dignidade notável — semelhante a uma tirada em alexandrinos —; o segundo, mais febril, apenas se obriga às pausas, limites normais da sua capacidade física. Com efeito, quase não se pode falar dum estilo contínuo: a continuidade é uma vocação da actividade criadora, o mesmo acontecendo com a descontinuidade. Mas, enquanto a continuidade serve um discurso de tipo determinado, uma imaginação mais melódica que rítmica, a descontinuidade põe em

causa e com agressividade



Thelonious Monk: discurso musical descontinuo